

Magazine mensal illustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 62 — Agosto 1910

Assignatura | Semestre.. 1\$200
 | Anno 2\$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial



CASTELLO DE OBIDOS

Cliché de Jorge de Almeida Lima

EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUÇÕES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N.º 256 — BELEM

Telegrammas

Santamaro

LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS

E

RUA VASCO DA GAMA

LISBOA

A ILUSTRADORA L. Do Carmo L. LISBOA

A. Z. Soares

Summario

MAGAZINE

	PAG.
UMA FEIRA EM TORRES NOVAS — Quadro de CARLOS REIS (<i>Frontispicio</i>)	82
ARREDORES PITTORESCOS DE LISBOA (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por VICTOR RIBEIRO	83
A FALA DAS COISAS (<i>Versos</i>) de JOÃO DE LEBRE E LIMA	88
HISTORIA D'AMOR DE LANCELOT E GENOVEVA (<i>3 illustrações</i>) traducção de B. DE SALLES	89
EVOLUÇÃO (<i>Versos</i>) de M. NOBRE DE MELLO	93
O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (<i>7 illustrações</i>) por CARNEIRO DE MOURA	94
UMA VAIDADE (<i>Versos</i>) de J. REGALLA	100
O TENTO VERMELHO (<i>2 illustrações e 1 vinheta</i>) versão do inglez por MANUEL DE MACEDO	101
ANTHERO (<i>Versos</i>) de FELIX HORTA	106
DO TEJO Á GIRONDA (<i>7 illustrações</i>) por MANOEL DE SOUSA PINTO	107
OS MARTYRES (<i>1 vinheta</i>) versão de ALEXANDRE FONTES	115
TORQUATO TASSO E METASTASIO (<i>10 illustrações e 1 vinheta</i>) compilado por EDUARDO DE NORONHA	120
OS NOCTIVAGOS DE LISBOA (<i>5 illustrações</i>) por JOSÉ SOARES	131
SALAMANCA (<i>Versos</i>) de MANUEL EUGENIO MASSA	136
MACAU (<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por ARTHUR LOBO D'AVILA	138
O CASTELLO DE BELMONTE (<i>5 illustrações</i>) por HIPOLITO RAPOSO	143
BAPTISMO DO SOL (<i>Versos</i>) de D. MARIA DE CASTRO	148
BIBLIOGRAPHIA	149
ECCOS E REFLEXOS (<i>22 illustrações</i>)	150

A MUSICA DOS SERÕES

MARCHA FUNEBRE, de FR. CHOPIN	2 pag.
---	--------

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?



E' essa a fôrma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros órgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas é sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não pôde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permite-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o annel caloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do inestestino saído e do annel caloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lymphá e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,
LONDRES, E. C., INGLATERRA



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para ños evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não tem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas diferentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3\$000 réis

Colladas em pann0, envernizada, com reguas de madeira **5\$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar nos espectáculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de agosto de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de agosto de 1910.

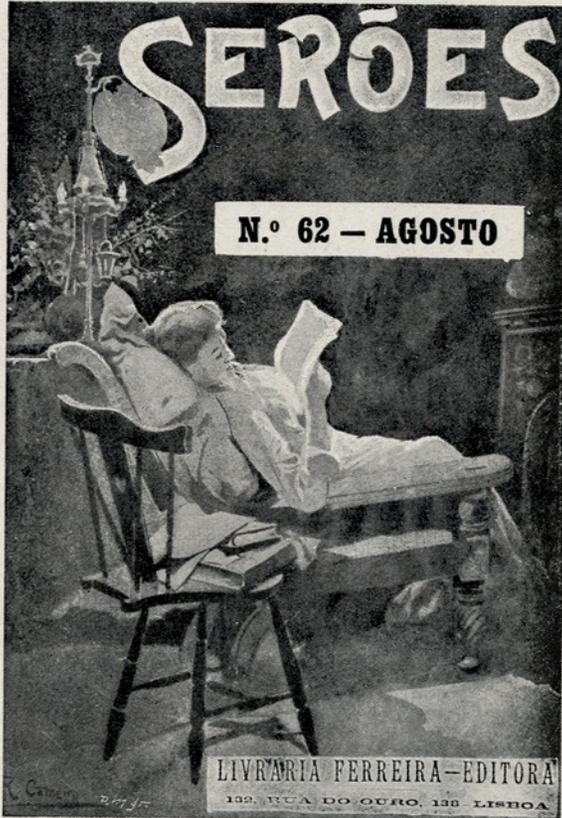
Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de agosto de 1910.



SERÕES

N.º 62 - AGOSTO

C. Gomes

LIVRARIA FERREIRA - EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 LISBOA



Uma feira em Torres Novas—Quadro de Carlos Reis



Arredores pittorescos de Lisboa

Linda-a-Velha — Carnaxide — Senhora da Rocha á Cruz Quebrada

POR meio das extensas e aridas lombadas da serra do Monsanto e dos campos desarborizados que se estendem em volta da linda cidade do Tejo, a norte e a poente d'ella,

surgem de longe em longe uns pequenos oasis, formosos e pittorescos, onde a arvore vetusta, o choupo de folhas ondulantes ao sopro da viração, uma ou outra quinta de vicejantes e frondosas sombras, um regato, uma fonte, uma aldeola, põem na paisagem, em geral desoladora e triste, uma nota encantadora, pittoresca e poetica.

Assim vemos em varios recantinhos da escavada serra e de suas dependencias a quinta e sitio de Queluz, o logarejo de São Domingos de Bemfica, a quinta e fonte da Pimenteira, o logarsito do Monsanto, e nas faldas occidentaes essa encantadora curva que vae de Algés, até ao alto de Linda-a-Velha, desce pelo pendôr opposto até ao valle do Jamor, á ponte de Carnaxide, ao jardiminho florido da Senhora da Rocha, e depois por uma estrada que rodeia o valle,

pela deliciosa Linda-a-Pastora, que se re-clina n'um amphiteatro ridente, até ás sombras amenas da Cruz Quebrada, na Avenida Thomaz Ribeiro.

Quem partindo de Algés, toma em direitura a seus cabeços e outeiros arredondados, em que veem esbater-se até ao rio, as grandes massas basalticas do Monsanto, e sobe da ribeira de Algés, ensombrada junto á antiga ponte de 1608, por arvores annosas, ulmos de copa densa verdeneira, entra pela estrada da Maruja, outeiro acima, até chegar á bella povoação de Linda-a-Velha.

A estrada é boa, alegre, soalheira, sem uma arvore, subindo sempre, até se deparar, á esquerda do caminho, com a pequena ermida e o seu adro, onde se realiza todos os annos pittoresco e animado arraial. Junto á ermida, em umas casas contiguas, encontra o visitante a casa da antiga fabricante de bolos, aquella boa e agradável velhinha, sempre affavel e risonha, que offerecia á numerosa freguezia que ainda hoje alli acode, a pé, de trem, de automovel, os seus bolos de amor, os pães de ló incomparaveis e mil outros productos da sua confeitaria.

A industria fabril assentou arraiaes na

pittoresca aldeola, e as fabricas de camisas de Pereira da Costa alli vieram estabelecer-se ha já muitos annos.

Só depois o vulgo os converteu em Linda-a-Velha e Linda-a-Pastora.

Deixando atraz de nós a ermida de Nossa Senhora do Rosario, de Ninha-a-Velha, e descendo a encosta até á ponte que atravessa o Jamor, depois de termos passado em frente do antigo cemiterio de Carnaxide, atravessamos a povoação, que se estende para cima, com a sua parochial egreja de São Romão.

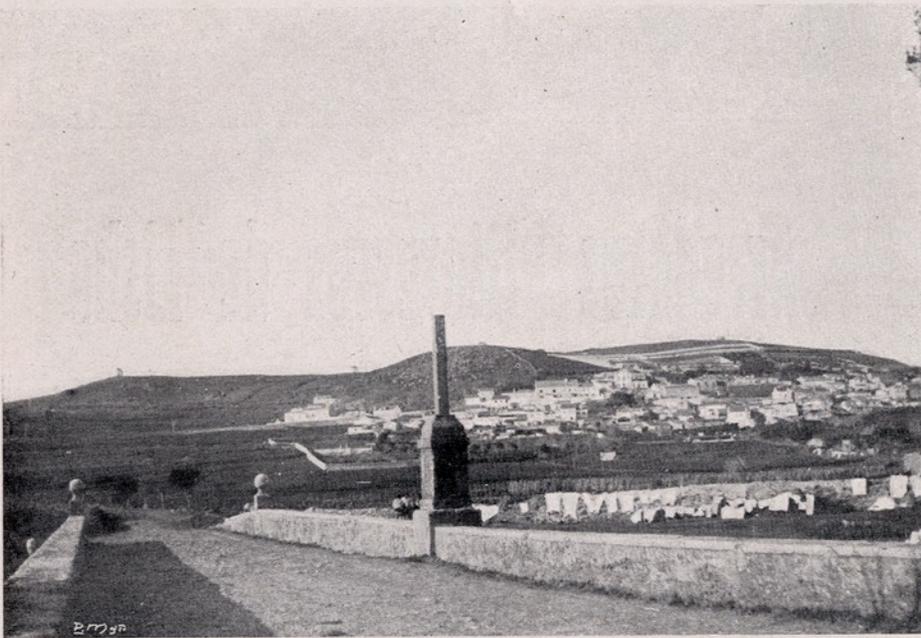
Em Carnaxide era a residencia predilecta do auctor do *D. Jayme*,

que entre Carnaxide e o forte da Feitoria, á beira-mar, passava tranquillamente a temporada estival, dando os seus compridos passeios pelas estradas poeirentas e soalheiras,

Chegado o passeante ao alto d'este cabeço, mal transpõe o fim do pequenino povoado, que panorama surprehendente se lhe depára! E' um vasto horizonte, coroado ao longe pelos cabeços e lombas escalvadas, que vão até Outorella, Queijas, Alfragide e Queluz. Mas, ao fundo, patenteia-se em harmonioso e simples amphiteatro a formosa Linda-a-Pastora; á direita, na quebrada do valle, a povoação de Carnaxide; em baixo, o curso sinuoso do Jamor, que no verão é quasi enxuto e pantanoso, serpeando entre arvores e quintas magnificas, como as da Graça e do Rodizio, coroado por pontes singelas e velhas, e no meio a grande egreja nova da Senhora da Rocha, com sua fonte de magnifica agua, e jardinsinho tão sorridente e ameno.

A estas duas povoações chamavam os antigos Ninha-a-Velha e Ninha-a-Pastora, denominações tão poeticas e gentis como os bellos logares a que eram dados.

com todo o entusiasmo da sua grande alma de sonhador e de poeta. A Thomaz Ribeiro devem aquelles sitios gratas recordações, e



PONTE E CRUZEIRO DA CRUZ QUEBRADA



UM ASPECTO DO JAMOR

por isso, na avenida nova, que da Cruz Quebrada dá hoje magnifico accesso até Carnaxide, puzeram as vereações a denominação de — Avenida Thomaz Ribeiro.

Na Rocha, formou-se a lenda do apparecimento de uma imagem n'uma pequena gruta, que alli se encontrava, correndo logo a beata tradição de milagre. Foram uns rapazitos, que em 1822 por alli corriam em perseguição de uns coelhos, os que fizeram o achado da imagem, origem das milagrosas e crendeiças lendas.

O clero ganancioso chamou logo a devota imagem para a Sé, na mira de attrair a romaria e as esmolas dos fieis, conseguindo que a gruta fosse tapada a pedra e cal.

Passava um dia o melancolico e ponderado monarcha D. Pedro V por aquelles campos, e uma bôa velhinha do sitio lhe narrou com palavras vehementes de religiosa crente no milagroso caso, a historia da Rocha. O espirito de D. Pedro V, propenso a estas devoções da fé catholica, prometeu logo reconduzir para alli a imagem raptada pela clerezia da Sé. Não pode cumprir, porque a morte ceifou precocemente aquella existencia tão promettedora para os destinos da nação.

Foi muitos annos depois o poeta Thomaz Ribeiro, quem para attender aos pedidos d'aquelles povos promoveu a edificação do templo, denominado da *Rocha* ou da *Senhora Aparecida*. Levantou-se um templo de linhas amplas, sobre um largo e uma rampa, que, em ponto minusculo, trazem á lembrança

o grandioso saunctuario do fanatismo em Lourdes.

A poesia do sitio, modesta e simples, ficou tristemente quebrada com a egreja nova, construcção cujo desenho se não accomoda com a singeleza da paisagem e a poetica simplicidade aldeã da lenda. O pittoresco do sitio estava pedindo, no dizer de um illustre poeta, que por alguns annos dirigiu carinhosamente os *Serões*, uma ermida rustica e modesta, uma verdadeira ermida de aldeã, em logar d'aquelle vasto e desgraçoso templo que a superstição religiosa delineou e construiu.

Thomaz Ribeiro adorava o pittoresco do sitio, e dedicou-lhe o seu poemeto — *A Rocha*. «A Rocha, diz elle, que é a nota principal d'este poema, vive entre os

meus grandes amores. Esta devoção que se esconde aqui no fundo d'esta concha florida e esmaltada, na sua ermida singela e cariciosa, com a sua fonte crystallina, a sua gruta mysteriosa, o seu rio murmuro e transparente, o seu jardim que ajudei a cultivar,

onde tanta vez passei, longe do bulicio das multidões, conversando com o jardineiro e com as flôres, etc.»

Effectivamente o espirito captiva-se d'aquelle pequenino recanto, onde o Jamor, passando sob a ponte da estrada, contorna o pittoresco jardinsinho da capella, e onde, da parte superior, brota entre rochas, uma

nascente de agua limpida e purissima.

Percorre-se mais um lanço de estrada, e chega-se á aprazivel aldeola de Ninha-a-Pastora, pequenina, alegre, limpa, semeada



OUTRO ASPECTO DO JAMOR



O RIO JAMOR EM LINDA-A-PASTORA

de casinhas caiadas, com a sua ermida de S. João Baptista, e á qual se prende a memoria d'aquella grande e superior intelligencia de Pinheiro Chagas, que desde tempos antigos, quando ainda o comboio não silvava pela estrada de Cascaes, quando toda aquella região era ainda de sitios sertanejos, mal conhecidos de poucos, ia descansar da sua incessante actividade intellectual, para aquella aldeola, tão risonha e socegada.

Não faltam a Linda-a-Pastora estas tradições litterarias, que muito a recommendam. Alli estanceou por algum tempo Al-



A EGREJA-DA ROCHA

meida Garrett, que lhe dedicou, com interessantes palavras de introdução, um romance do seu cancionista, conhecido do vulgo pelo titulo de *Pastorinha*, e ao qual Garrett entendeu dar o de *Linda-a-Pastora*.

Eis como o eminente poeta fala da região pittoresca, de que estamos tratando: — Já me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui no dia 1.º de maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira do Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d'ahi se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes

que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenaes de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancolicamente no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia da Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio

de tudo isto, parreiras, jardins, quasi pensís, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil encontrar tão perto de uma grande capital.

«O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se *Linda-a-Pastora*.

«Porquê? Não sei... Namorei-me do sitio por modo que alli passei o verão todo; e d'alli fiz deliciosas excursões pelas visinhan-

ças, que todas são bonitas.»

Assim d'ella fala Garrett.

O mais interessante da excursão que começámos é descer da estrada por corregos e ruasinhas ladeintas e estreitas, ouvindo as palestras dos visinhos, que acodem a espreitar quem passa, e chegar assim até á beira do Jamor, que corre preguiçoso em sinuosas curvas, por entre quintas, até passar por debaixo da velha ponte, sobre a qual uma cruz com os braços partidos, deu provavelmente o nome ao sitio da Cruz Quebrada, que por alli começa.

Desta cruz e pontes da Cruz Quebrada é curiosa a historia :

Foi um fradinho do convento dos arrabidos de S. José de Ribamar, chamado fr. Ro-

drigo de Deus, que, condoendo-se das dificuldades que soffriam aquelles povos, em tempo de invernias, com o atravessar os rios de Laveiras e Linhal-pastor, influuiu no Senado de Lisboa para se fazerem as pontes. Até então havia, nas margens d'estes rios homens que se incumbiam de transportar ás costas as pessoas que não iam em cavalgaduras. Porém, quando chegava a noite, ou por occasião de grossas levadas, os perigos e obstaculos augmentavam, ora padecendo as vidas, ora padecendo a moralidade.

Foi isto em 1606. Uma carta do frade achada na Torre do Tombo, pelo sr. Pedro de Azevedo, conta largamente como se fizeram estas obras, que ainda hoje attestam em letreiros a sua origem. Foram ellas a ponte velha de Algés, onde se lê — *A cidade, anno 1608*, o cruzeiro da Cruz Quebrada, as pontes sobre o Jamor, das quaes a que está perto de Linda-a-Pastora e adeante da curiosa fonte e tanque de lavadeiras, diz egualmente — *A cidade, anno de 1606*. Hoje as pontes são em grande numero, havendo em Algés, além da velha ponte de pedra, outra que dá serventia á viação ordinaria da estrada real e a do caminho de

ferro; na Cruz Quebrada, além da antiga ponte havia outra, sobre que passava o comboio, e que ruiu desastrosamente levada por uma impetuosa cheia do Jamor; acha-se ao presente substituída por uma magnifica e extensa ponte de ferro.

E é por ahi, que tomando o comboio na estação da Cruz Quebrada, ao fim da avenida Coutinho, onde o conhecido industrial

tinha a sua fabrica, o excursionista pode gosar ainda, da portinhola da caruagem de caminho de ferro, uma formosa vista panoramica, que de longe lhe mostra n'um saudoso e rapido perpassar, a ultima perspectiva d'aquelles lindos e pittorescos arrabaldes

da nossa capital, infelizmente pouco conhecidos da maioria da nossa gente, por indole pouco affeita a estas saudaveis e instructivas distracções de excursionismo modesto. Delles nos dão uma pallida idéa, as gravuras deste artigo, reproducção de clichés artisticos do sr. Alberto Guimarães.

Garrett, com o seu fino sentir de artista, dizia que quem desce a margem norte do Tejo, de Lisboa a Belem, Algés, Dafundo e Cruz Quebrada — «tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas visinhanças da capital.»



JUNTO A SENHORA DA ROCHA

VICTOR RIBEIRO.



A FALA DAS COISAS

Os marmores pagãos

*tiritando ao longo dos museus gelados
e contemplando as vidraças fôscas, doi-
radas pelo sol:*

*Chegou a Primavera e as borboletas
Abrem á luz os vôos perfumados!
Andam lá fóra noivos enlaçados,
N'um palpitar de confissões secretas!*

*Chegou a Primavera! P'los vallados,
Elasticos, velozes como settas,
Saltando e rindo os faunos namorados
Vão perseguindo as naiades inquietas.*

*Chegou a Primavera!... Que saudade!
Já não vem até nós a mocidade
Coroar-nos de myrthos e de rosas!*

*Ninguém já nos invoca a protecção
E do que fômos sômos lastimosas
Sombras, a tiritar n'esta prisão!*

As raizes

*collando á terra os ouvidos e ouvindo
fôra alguém que diz: — «Linda arvore!»
— e logo segue indifferente o seu caminho:*

*Carne de mágoa a nossa mágoa ainda
Nem mesmo sob a terra terminou.
Ai, quem se lembra, quando a filha é linda,
Do ventre amargurado que a gerou!*

*Ai, quem se lembra!... O Sol, que tudo ainda,
Jamais os nossos corpos estreitou.
Ninguém fala de nós! e — oh! mágoa infinda! —
A nossa filha até nos despresou!*

*Disse-lhe alguém: — «Que linda que tu és!»
E a misera julgou-se d'outra casta...
Ergueu-se atíva, calca-nos aos pés.*

*E desde então, em lucta singular,
Ai, quanto mais de nós ella se afasta,
Mais nós nos escondemos a chorar!*

Coimbra.

João de Lebre e Lima.



POR Alice e Claude Askew

«Ha sempre este frio aqui, no jardim?» Aquella que fôra outr'ora a rainha Genoveva, lançou um olhar abatido em volta de si e por fim, os seus olhos fixaram-se n'uma joven noviça, occupada em colher umas flôres. Flôres de convento, quasi todas, altos lyrios brancos, delicadas primulas; nenhuma flôr d'aroma forte nem de vivo colorido.

«Está frio aqui?» — respondeu a noviça admirada, porque n'aquelle lindo dia de junho, o céo, limpo de nuvens, deixava o sol brilhar intensamente. Olhou para Genoveva, maravilhada da sua belleza, do seu rosto de neve, dos labios tão vermelhos como ella nunca tinha visto; maravilhada do lindo cabello que lhe cahia de ambos os lados do rosto, tão extremamente sedoso e fino, como brilhante e louro; admirada do niveo collo de cysne e das pallidas mãos aristocraticas.

«Porque me olhas assim, creança?» — perguntou a rainha docemente — «O que vês escripto no meu rosto, na minha fronte?»

«Sois tão linda!» — murmurou a noviça; os seus labios tremeram: — «E eu gosto tanto de tudo o que é bello!»

«Não!» — disse a rainha estremecendo — «não me digas isso»; — depois, olhando primeiro em volta de si como se temesse ser ouvida, continuou em voz tão baixa que era quasi um murmurio: — «Conheces-me, sabes quem sou? creança, nem sequer suspeitas?»

«Não sei» — respondeu simplesmente a noviça. — «Não temos communicação alguma com o mundo, passamos o tempo em orações. Quem sois vós?»

«Uma pobre alma despedaçada!...» — a orgulhosa e linda cabeça inclinou-se sobre o peito e Genoveva soltou um suspiro que era quasi um soluço.

— «Oh! minha irmã, creança innocente e pura, tu que não conheces senão a paz, ouve a minha historia, julga-me e condemna-me; porque eu tenho de fallar, ou endoideço!»

A creança ergueu os seus doces olhos garços, cheios d'uma timida admiração.

«Ouvirei» — disse ella com doçura — «se isso allivia o vosso coração. Mas quem sou eu, para louvar ou condemnar?»

«Será tão grande a minha culpa?» — murmurou a pallida rainha — «ou seria o destino? Serás o meu juiz, creança inexperiente, tu cujos ouvidos eu temo manchar com as minhas palavras.»

Tomou o rosto da noviça entre as mãos enquanto fallava, depois abandonou-a com um amargo soluço.

«Oh! que deliciosa coisa é a pureza» — exclamou; em seguida, dirigiu-se por entre os massiços de verdura, para um banco perto da cêrca. A noviça foi atraz d'ella e ajoelhou-se-lhe aos pés.

Estava tudo silencioso no jardim, ouvia-se apenas o zumbido das abelhas. Uma borboleta passou, de azas abertas, e ao longe, nos prados, podia distinguir-se o canto dos ralos.

«Senhora» — disse a creança... depois interrompeu-se, temendo que as boas freiras se zangassem por ella fallar áquella desconhecida; e comtudo, estava morrendo por ouvir-lhe a historia. Tinha visto aquella pal-

ida e linda mulher passeando agitadamente no jardim, e perguntara a si mesma quem poderia ser, vestida como estava, de purpura real com bordados d'ouro. Certamente alguma dama da côrte do rei Arthur!? Porque ainda não tinham chegado á noviça as noticias da ultima batalha e da morte do rei.

«Criança» — disse Genoveva — «descança as tuas frescas mãos nas minhas. Não falles, não me interrompas e se eu me perturbar e as minhas palavras te parecerem estranhas, diz comtigo que sou tua irmã, lamenta-me e compa dece-te de mim.»

Callou-se um instante; depois ergueu a cabeça para o céu como se este fôsse um espelho immenso.

«Cahiu sobre mim a maldição, pelas desgraças que eu trouxe a estas terras. Campos e rios tornaram-se vermelhos por minha causa, e comtudo, Deus o sabe, eu não queria abandonar o meu castello, nem ambicionava ser rainha»...

«Ser rainha»...

A noviça tremeu ao ouvir isto, mas Genoveva mal notou o grito de espanto e de surpresa.

«Não deviam ter mandado lord Lancelot buscar-me para me trazer ao rei»; — a sua doce voz tremeu e protestou: — «elle, alto e gentil como uma arvore da floresta, com

os seus olhos azues e brilhantes, e o seu cabello d'ouro. Não era natural que as nossas almas se embriagassem uma com a outra, como ao beber um vinho capitoso? Oh! aquella longa viagem para a minha nova patria, aquella viagem!»

Toda a sua alma vibrava e resplandecia no seu rosto, e a noviça, ajoelhada a seus pés, suspendia a respiração, espantada das palavras ardentes que sahiam d'aquelles labios formosos de mulher.

«O rei era um santo, mas eu era como as outras mulheres e a minha juventude era apaixonada e quente. Oh! criança, quando os menestres cantavam o amor, Lancelot e eu cruzávamos o nosso olhar...» — a voz da rainha estremeceu e os seus tristes olhos tornaram-se mais escuros. — «O rei tinha os seus pensamentos fixos em assumptos do seu paiz. Eu era mais sua irmã

que sua mulher; a nossa camaradagem limitava-se a um aperto de mão; bem diferente da minha intimidade com Lancelot.»

«Oh! Senhora, senhora!» — a noviça ergueu o rosto, surprehendida de o sentir molhado de lagrimas, e o coração soffrendo por penas alheias. — «O que é o amor? E' uma coisa assim tão doce?»

«Doce?» A rainha sorriu tristemente.



OLHOU PARA GENOVEVA . . .

— «Doce e amarga, mel misturado com fel, extase a nenhum equal, soffrimento superior a todos; o unico grande sentimento da vida! Creança, estás adormecida, envolta em santos sonhos de doce alegria; mas eu sou uma mulher, e acordei.» — Curvou-se e examinou curiosamente a noviça. — «O amor acordou-me, — murmurou ella — «ensinou-me a conhecer o grito agreste do vento, e a entristecer com o longo murmuro do mar; a comprehender o que está no seio das rosas. Creança, o amor arrancou uma rainha do seu throno e manchou a honra do mais heroico cavalleiro da terra. Foge do amor!»

«Oh! as torres e os telhados de Camelot, a cidade que se ergue encantadora para o céo, com o seu rio serpeando alegremente! Não ha janella sem uma dama a sorrir. Todo o dia brilha o sol nos elmos dos cavalleiros, tornando-os de ouro.» Callou-se e passou a mão pela frente. — «Diziam que todas as estradas iam ter a Camelot, mas isso foi ha muito tempo, antes que a lingua viperina de Modred me denunciasse ao meu senhor, me denunciasse ao rei.»

«Senhora» — disse a creança. — «Ouvi tantas vezes fallar em Camelot! Como é o palacio? E' tão bello como dizem?»

«Um palacio de magico esplendor, rico de tapeçarias, perfumado de flôres. Esse palacio, não foi feito por mãos humanas; ergueu-se mystico e maravilhoso, e ha-de desvanecer-se algum dia nubloso, sem que mais se lembrem d'elle. Não haverá mais festas nas suas salas. Os vinhos preciosos beberam-se todos, as taças estão vacias, essas douradas taças em que elle corria.» — A rainha interrompeu-se; depois, começou a soluçar. — «Luctámos contra o nosso amor, mas uma noite, elle veiu quando tudo estava adormecido e silencioso; vinha pallido e triste; e eu, não podia supportar a minha triste vida. Olhámos um para o outro, e comprehendemos que o mesmo mal nos attingira.»

Suspirou e chorou.

A noviça uniu as suas mãos e disse: — «Senhora como me entristecestes!»

«Triste», — disse sorrindo a pallida Geneveva — «triste por minha causa! Pois bem, ouve o resto. Lancelot ajoelhou aos meus pés. «Minha rainha», — disse elle, — «serei falso ao meu rei, ao meu juramento, a mim proprio, falso ao mundo inteiro, mas verda-

deiro comvosco!» — Eu colloquei as minhas mãos sobre a sua frente e senti que escaldava. — «Amor é peccado» — disse eu, mas as palavras parece que não tinham significação nos meus labios. — «E' certo, assim é» — respondeu elle; depois, inclinámo-nos um para o outro e beijámo-nos. Não creio que um beijo equal tenha sido dado na terra: foi o preço de duas almas, e mergulhou uma cidade em sangue. Mas que divino extase! Permanecemos na escuridão...» — A rainha fallava em voz tão baixa, que a noviça tinha de se inclinar para a ouvir. — «Os aromas mais doces da terra envolviam-nos e eu soltei o meu cabello para nos cobrir a ambos. Elle e eu estavamos tão tristes, e ao mesmo tempo tão gloriosos; sentiamos-nos cahir no mal e erguer acima de todos os bens da terra. — «Peccámos» — murmurei eu, mas um outro beijo vinha afogar as minhas palavras.

— «Traidor ao rei» — dizia elle — «deixa-me morrer!» «Sim, morre» — respondia eu, — «mas sobre o meu coração» — E as minhas lagrimas corriam...

Foi uma noite de suspiros e lamentos pela honra perdida, e comtudo, nenhum homem nem mulher alguma se amaram jámais tão completamente. Veiu depois a aurora vermelha, e Modred que se approximava do castello, e o clangor das espadas e os homens armados. Eu gritei de horror, deixando Lancelot affrontar a hora que o dia tinha trazido, castigar Modred e, até se fôsse preciso, erguer a espada contra o seu rei.»

«Oh! senhora», — disse a noviça tremendo. «Sois então a rainha? Aquella linda Geneveva; e que me contaes d'esse cavalleiro que todos julgavam ser a flôr dos gentis-homens?»

«A verdade»; — foi a resposta que murmuraram os seus labios; — «a amarga e triste verdade. O rei morreu, ferido na batalha, expulsando Modred que queria roubar-lhe o throno. Os cavalleiros que fôram outr'ora a gloria do mundo, os campeões da côrte do rei Arthur, os paladinos da sua honra, morreram tambem; e Lancelot... oh! pede a Deus por elle!... o seu grande coração despedaçou-se quando teve que supportar o olhar do seu rei.» — Uniu as mãos, depois ergueu-as n'um desespero. — «Peccou por minha causa», — chorou ella — «oh! que o castigo venha para mim e o poupe a elle, meu Deus, porque era leal e bom, e

amava Arthur, amou-o até á morte como ninguém.»

«Senhora» — soluçou a creança — como podia elle amar o amo a quem trahiu?»

cantei-o com a minha doçura e os meus sorrisos. Podia ter voltado o rosto, ter-lhe recusado a mão. Oh! que o inferno seja para mim, e o céo para Lancelot!»



NÃO CREIO QUE UM BEIJO EGUAL TENHA SIDO DADO NA TERRA . . .

Genoveva torceu as mãos n'um gesto de desespero.

«A culpa foi minha» — soluçou ella — «a culpa foi minha. Devia ter-lhe fechado a minha porta, não o deixar entrar. Affirmo-te, a culpa foi minha. Olhei para elle, e o meu olhar expressava bem o meu amor. En-

mentar Lancelot senão Genoveva.»

Calou-se um momento; depois ergueu-se do banco onde estivera sentada, e aquella figura gentil, mostrou-se em toda a sua imensa distincção.

«Noviça» — disse ella — «parece-me que, se rezar, ajoelhada, o dia inteiro e usar o

«Póde ser». — Genoveva sorriu tristemente. — «Eu sei que o rei me perdoou ao morrer. Bom Arthur, tão glorioso, tão leal!» E Lancelot tambem foi na paz de Deus; correu para a batalha, morreu de espada na mão, combatendo o traidor que nos denunciou. Uma boa morte, a melhor que podia ter.»

«Então, já não existe» — suspirou a noviça. — «Oh! sinto no meu coração o luto da sua morte.»

«Não», — disse Genoveva — «só eu devo usar esse luto. E' bem meu, como um filho o não é, de sua mãe. E' a minha carne, a minha vida, a minha morte. O meu cavalleiro, o meu amor; e hei-de derramar eu só, todas as lagrimas que hão-de chorar-se por elle. Pertence-me esse direito; comprei-o com o meu coração e a minha alma. Ninguém deverá la-

burel sobre a minha pelle fina e me deitar sobre o duro catre todas as noites, alcançarei a paz, finalmente, a paz!»

«Tambem assim o julgo, senhora», — murmurou a creança — «assim o creio.»

«Se cortar o meu cabello», — continuou a rainha — «e rezar sempre e sempre, Deus ha-de mandar-me o perdão.»

«Ha-de mandal-o, por certo» — respondeu a noviça. — «Senhora, não tenhaes receio.»

«Mas se o ajoelhar nos degraus do altar usando o burel e dormindo no catre, me não trouxer a paz?» — perguntou a rainha ansiosa. — «Porque as freiras pôdem contar-

me de peccados que foram perdoados e da paz que voltou aos corações afflictos; mas eu sei que mesmo com o habito de freira, e embora castigue a minha carne e o meu sangue, hei-de amar Lancelot e pensar n'elle, desejando ardentemente mais uma hora da sua presença, um beijo dos seus labios, os seus braços em volta do meu corpo, e o seu coração unido ao meu.» — Olhou para a noviça com o rosto pallido e o olhar brilhante, depois ergueu os braços n'uma attitude de desesperada revolta.

«Oh!» — exclamou ella — «o que eu daria por mais uma hora com Lancelot!»

Trad. de B. DE SALLES.



Evolução

Sombras da Morte, espiritos errantes,
que perpassaes em nêgros turbilhões,
arrebatados na aza das Visões,
entre os nevoeiros, pelos céus distantes...

Sonhos dispersos de almas caminhantes
que atravessaes á noite as solidões,
inda arrastando os ultimos clarões
dos astros êrmos, que habitaveis d'antes;

Bem vos conheço, Fórmias vagabundas,
accidentes revôltos e libertos
do primitivo e substancial suporte!

Por isso, erraes nas cerrações profundas;
chimericos, phantasticos, e incertos
Espiritos da Dôr! Sombras da Morte!

M. Nobre de Mello.



O respeito devido á mulher

O casamento nos diversos povos e perante a historia

I

Nos registos da historiographia não se encontram facilmente documentos da situação da mulher primitiva.

A' litteratura da civilisação greco-romana, filiada na civilisação da Persia, da Assyria e do Egypto, e em todo caso uma manifestação do espirito indo-europeu, e ainda aos agiologos hebreus é que podemos pedir a tradição longinqua do estado da mulher primitiva.

Herodoto narra que as tribus nómadas da Africa não conheceram o casamento e que a mulher era para ellas um objecto procreador de occasião, como entre as feras.

As creanças não tinham pae conhecido, e só mais tarde se lhes foi attribuido a paternidade d'aquelle com quem tinham traços physionomicos communs.

Este estado da mulher é commum a todos os povos no estado do individualismo anarchico.

Os costumes selvagens das tribus africanas contados por Herodoto repetem-se nos antigos povos, habitantes das margens do Euxino e do planalto da Scythia, como diz Strabão.

Entre os Scythas, as mulheres e as filhas

eram possuidas em commum. E ainda os primitivos povos da Italia e da Grecia, segundo a tradição, viveram em estado de amor livre e de promiscuidade, antes da instituição da familia, isto é, antes do desenvolvimento da sociabilidade.

Diz-se que foi Cecrops o primeiro que em Athenas uniu o homem á mulher impondo-lhes fidelidade mútua; antes d'isso, nenhum filho reconhecia o pae. Este estado, a par do predominio da fôrça bruta pela qual o homem tomava como que vencida a mulher da sua escolha, corresponde já ao desenvolvimento da idéa da propriedade, pela occupação perduravel. O homem via na mulher escolhida um objecto de propriedade, e, defendendo-a, pela natureza exclusiva da posse, tomava os filhos da sua propriedade, a mulher, como um producto da accessão. Eram propriedade individual os filhos, como o eram os filhos dos animaes apprehendidos e domesticados.

Theopompo, verificando a existencia d'este estado primitivo na Italia, diz que entre os Thirrenos todas as mulheres eram communs. Os filhos eram educados em commum, porque ninguem sabia quaes fossem os seus.

Correlativamente a este estado, a mulher mantinha a independencia individual propria

d'aquella phase do individualismo anarchico. A mais forte poderia até dominar e escravizar um homem que menos o fosse. Era a lucta estreme da força bruta.

Os filhos eram só da mãe, e era pela linha feminina que as genealogias se contavam. Deve reportar-se a esta phase a existencia lendaria das Amazonas, tanto mais que a tradição as colloca nos paizes onde existiu a communidade das mulheres.

Então a mulher primitiva, válida e livre, chegou a dominar o homem.

Nas ilhas de Tonga e Marianas e em muitas tribus da India cingangetica, é pelas mulheres que se fixa o parentesco, os filhos pertencem á mãe, as mulheres não teem especificação de funcções industriaes; dirigem os barcos de pesca, são militares e teem voto nos conselhos da orla.

Mas no caminho ascendente da evolução, pelo desenvolvimento da sociabilidade, crearam-se as ideias de propriedade individual, as mulheres e os homens vencidos pelos mais fortes passaram a formar nucleos sociaes, e até pelo impulso da integração que revestiu o caracter de defeza chegou-se á organização da tribu, e por isso, como antecedente social, á organização da familia.

Foi, é certo, em virtude da força bruta que a familia se organisou. A mulher era propriedade, como os filhos, do chefe da familia.

II

Depois veiu a especificação de funcções. O chefe, o pae, mandava; a mulher e os filhos obedeciam á força. Eram escravos. Mas nem todos trabalhavam da mesma maneira. A mulher, physiologicamente diferente do homem, não pôde nem trabalhar sempre, em virtude dos estados sexuaes, nem pôde trabalhar em certos misteres arduos.

A lactação dos filhos e as industrias ca-

seiras foram naturalmente as suas funcções principaes.

E com o desenvolvimento das ideias moeraes, com a generalisação das concepções do desconhecido, que foram até a concepção theologica das religiões, a mulher teve o seu logar natural no culto domestico, na religião do lar.

Meiga e timida, a mulher abatida pela força escravizante do homem deu corpo ás concepções religiosas, pelo terror. Foi da bocca da mulher que o homem primitivo, filho ou esposo, ouviu a narração constrangida do horror das tempestades, das doenças, que um espirito mais poderoso que o pae de seus filhos mandava á terra. Tal foi o inicio do sacerdocio da mulher na religião do lar, e só quando o homem alargou o ambito das relações sociaes, é que a si mesmo se fez sacerdote da religião geral da tribu ou da nação.

Depois da constituição da familia, a mulher perdeu por completo a independencia, porque a familia primitiva, constituida pela attracção da força bruta do homem, não era uma sociedade. A mulher perdeu por isso a sua independencia, porque o poder do chefe era absoluto, n'aquella phase em que ainda não existia o poder absoluto dos Cesares, evolução do patriarchado.

Não existindo o poder publico, o pae era na familia o legislador e o juiz, e as mulheres, os filhos e os escravos, todos eram os vassallos do pequeno Cesar familiar. Só este tinha direitos.

E' então que se origina a compra da mulher.

A filha, que era a escrava do chefe da familia, só podia passar para outra familia pela compra.

Com effeito o casamento passou a consistir n'uma venda, feita pelo pae da noiva. Este facto dava direito ao comprador, ao marido, de por sua vez vender a mulher que assim comprara. E podia comprar mais que uma; o seu poder abso-



RAINHA EGYPCIA



MATRONA HEBRAICA

luto não tinha limites na aquisição de taes propriedades. D'ahi a polygamia. E ainda, como consequencia do principio lucrativo, a mulher que se comprava, se fosse esteril, porque não augmentava pelos filhos o numero de escravos ao chefe da familia, era repellida e menos boa.

Foi d'este facto material e interesseiro que veiu a abjecção religiosa da esterilidade.

Este regimen de patriarchado absoluto ainda hoje sobrevive nas tribus da Africa central.

III

Os direitos civis da mulher derivavam do seu estado familiar. Não governando a sua pessoa tambem não podia ter bens, como escrava que era. Sendo propriedade do marido, pela morte d'este, era um bem successivel na mão dos seus herdeiros. Se os herdeiros eram os filhos, passava a mãe a ser propriedade d'estes. Pelo menos era um regimen consequente. Sendo os herdeiros ascendentes ou collateraes podiam vender a mulher viuva ou tomal-a como esposa. Emfim, era uma herança a explorar.

Mais tarde este poder dos herdeiros sobre a viuva passou a ser simples tutella. Era já o inicio d'essa criação metaphysica do direito romano — a personalidade juridica.

O impulso psychologico que mais concorreu para o desenvolvimento da mulher na familia patriarchal e que a elevou mais tarde moralmente até perante a consagração das religiões, foi a sua qualidade de sacerdotiza na familia.

A mulher, timida e supersticiosa, foi na familia o elemento religioso, quando ainda não havia o culto publico.

D'ahi a respeitabilidade moral da mulher nas civilizações primitivas. O *Genesis*, os *Vedas*, os poemas de Homero reconhecem a influencia moral da mulher na familia parallelamente ao poder material do homem.

Ahi está a genese d'essa força insinuante que mais tarde, nos tempos do christianismo, havia de elevar a mulher, aureolada de Virgem e Mãe, na crença piedosa da re-

ligião de Jesus e de S. Paulo, que operou a revolução moral democratica mais radical que ainda o mundo viu.

E' muito antiga, pois, a base religiosa da familia, e se é certo que as sociedades humanas se iniciam pela comprehensão philosophica theologica, não poderia deixar de assim ser na familia — a sociedade organica basilar das complexas sociedades humanas.

IV

Foi a mulher a mantenedora do sentimento religioso na familia; creou a religião do lar; por ella se elevou, tanto mais que desejando o homem ter descendentes para a protecção celeste, só a mulher lhe dava essa familia filial que o perpetuava e protegia. «Desgraçado d'aquelle que morrendo deixa a casa deserta e os altares abandonados!» Tal era a crença, protectora da mulher, diffundida nas civilizações primitivas da Grecia, de Roma, da Germania, da India e de todo o Oriente.

Depois quando o culto familiar foi generalizado, appareceu o culto publico; mas o respeito religioso pela mulher ficou.

Crearam-se correlativamente os Estados, e a situação da mulher na sociedade lá foi seguindo essa evolução historica que a civilização regista e que tem como factor culminante a influencia da mulher, a Mãe dos grandes homens, a conselheira dos Heroes.

E quanta vez a mulher a quem os direitos civis e politicos eram negados n'essa phase do absolutismo patriarchal e do absolutismo dos Cesares, quanta vez não foi ella a estrella das batalhas, a consoladora dos vencidos?

Porque não conquistou então a mulher, n'esta phase historica, direitos civis e politicos? E' que as sociedades humanas só modernamente caminham na integração social, industrial e pacifica, e a mulher antiga, n'esses tempos tenebrosos de brutalissimas luctas armadas, apenas tinha o seu lugar de acção, pacifica e efficaz, no lar, para aconchegar o chefe, para acalentar os filhos. Que mais poderia n'esses tempos preocupar a actividade feminina?



MULHER ARABE

Tudo é opportuno na Historia. A mulher antiga foi a escrava para não ir rasgar o peito nas batalhas d'aquelle periodo de inauditas ferocidades. A mulher moderna em toda a parte encontra missões de paz, na officina como no lar. Mas para que taes funcções assuma, já não precisa de se escravizar no lar, occulta aos perigos da barbarie. Livre, irá a toda a parte levar o amor e a paz, o trabalho e a vida.

A familia moderna é o nucleo d'onde irradia a força das collectividades; a familia primitiva foi o occulto refugio das bravas luctas das tribus hostis.

Por isso lá ficou a mulher, escrava e sacerdotiza, occulta e sem personalidade juridica, defendida á discreção pelos filhos, ou pelo pae, seu senhor. Esta consideração ia até a mulher propriamente escrava. As escravas Eliezer do *Genesis*, a Ecuba dos troianos, a Euméa de Homero, não representam de nenhuma maneira o estado de escravidão medieval. E'

que já então a protecção do Estado tornava menos necessario o aconchego do lar e a unidade religiosa da familia de que os escravos faziam parte no regimen patriarchal.

As epochas heroicas dos alvares da civilisação coincidem com este estado familiar. E quem negará então á mulher essa influencia magica que dos conselhos do lar levou ao campo das batalhas o heroismo lendario d'esses cyclos longinquos da historia?...

V

Na evolução do individualismo em quanto este se caracterizou pela força bruta, a mulher teve um papel escravizado — porque era fraca.

Na evolução do Estado a mulher foi es-

quecida — porque não era um elemento revolucionario.

Mas quando o individualismo religioso e metaphysico creou os principios da personalidade juridica da egualdade e fraternidade humanas, á mulher foram reconhecidos por coherencia direitos civis. E' certo que se lhe negou a instrucção e foi assim a mulher escravizada intellectualmente; é certo que a sua formosura plastica e os seus encantos moraes foram o pretexto para a tornar o juguete de fementidas adulações, e a mulher foi ainda mais uma vez a escrava estonteada e illudida.

Mas já é tempo da emancipação completa da especie, e só depois de emancipada a mu-

lher, quer dizer — só depois de educada e apta para as luctas da vida, depois de se tornar a digna companheira do homem, justa e consciente, é que a humanidade estará apta para se integrar n'esse Estado perfeito organico, em que todos os elementos tra-



MULHERES GREGAS

balhem, produzam e se solidarisem.

A evolução das sociedades não é egualmente progressiva em todos os povos e em todos os climas. Assim no Oriente passou-se por curta transição do regimen patriarchal para o absolutismo cesarista.

Agrupadas as familias em tribus, em cidades e em Estados, a forma do poder d'estes foi, como o tinha sido na familia, o poder patriarchal. Este serviu de typo ao poder do Cesar, que veio substituir o patriarcha, elle proprio patriarcha d'uma grande familia — a nação.

Nas planicies infindas do Oriente asiatico, onde a população humana cresceu indolente e prolifica, a integração cesarista fez-se sem esforço e d'ahi a criação d'esses immensos Estados compactos em que o poder do ty-

rano crescia na razão da vastidão do imperio.

Formaram-se no Oriente esses estados moraes quebrados de audacias e por isso mesmo improgressivos. Ahi só tenuemente se descobre a força do individualismo para a desintegração evolutiva.

Ainda hoje esse Oriente lendario é a patria do despotismo, e só a influencia do Occidente ha de quebrar aquelle encanto de marasmo em que vivem os povos do Levante.

Assim como ainda hoje se encontram na Oceania, na Africa e nas Indias occidentaes *survivances* do regimen patriarchal, assim tambem os imperios do Oriente são documentos contemporaneos do absolutismo cesarista dos primeiros tempos historicos.

N'este regimen, o monarcha é para a nação o que o patriarcha fôra para a familia patriarchal — unico juiz, legislador pontifice, senhor absoluto da pessoa e bens de todos os vassallos.

Mas a auctoridade do patriarcha era moderada pelos affectos da familia; o poder do Cesar é cru e brutal, e só quando os sentimentos religiosos se desenvolvem e entram na crença do Cesar, é que este, reconhecendo a superioridade divina, encontra limites ao seu despotismo.

Com effeito a religião nos povos do Oriente tem um lugar culminante, e até a sua constituição é predominantemente moral como na China.

Fôra dos preceitos dos Livros Santos não ha lugar senão para o arbitrario. O direito entre os povos orientaes é de origem religiosa; os codigos que o impõem confundem-no com a moral e com a theologia. O direito penal, o publico e o privado tudo alli é confuso e indistincto.

Mas a tendencia do direito positivo é a sua restricção, e o ideal juridico seria o es-

tado em que com uma lei em que se estatuísse — «cumpra o homem os dictames da consciencia illustrada» — todos por impulsos moraes hereditarios concorressem sem anomalias para o regular funcionamento organico da sociedade.

Mas nos primordios da civilização tudo regulava a lei. Por isso no regimen do absolutismo cesarista nada escapa á sua omnipotencia. Penetra no lar e regulamenta as relações entre a mulher e o marido, ainda as mais secretas.

N'esta situação diminue muito o poder do marido para com a mulher e os filhos. Imperam a lei religiosa e o despota. Quem faltar aos deveres religiosos para com a mulher, provoca a colera dos deuses.



MULHERES GREGAS

VI

Já sob uma comprehensão funcional, o primeiro dever do pae para com as filhas é casal-as quando puberes.

No Oriente, o casamento é uma obrigação legal, uma divida para com o Estado, que procura pela população o seu

engrandecimento e a sua defeza.

Os persas, os indios e os hebreus negavam o poder paternal ao pae que não quizesse e não realisasse o casamento das filhas. E' que acima dos interesses da familia já existiam os do Estado.

D'aqui vinha o direito attribuido ás filhas puberes de se casarem por sua escolha, independentemente da vontade do pae, quando este não consentisse no casamento.

Ha até na China o costume de um official publico reunir na lua da média primavera todos os celibatarios, homens de 30 annos e mulheres de 20, para os castigar se persistirem no celibato.

Sendo pois uma obrigação do pae o casamento das filhas, desaparece o casamento por venda da éra patriarchal.

Foi o legislador Manu quem primeiro, na India, prohibiu a venda das filhas para casamento. Ninguem se paga para cumprir uma obrigação.

Depois o principio de Manu generalisou-se a toda a Asia.

No *Talmud* e no *Coran* prohibe-se o oferecimento de presentes nupciaes ao pae da noiva; é a ella mesma que se devem. Assim o antigo preço da compra da esposa, é substituído por arrhas offerecidas a esta.

Casada, a mulher passa para o poder marital mas sob a protecção da lei. Não era ainda então o casamento uma sociedade, era antes a imagem do Estado absoluto, em que a mulher representava os vassallos perante o soberano, o marido. A familia n'esta phase é uma molecula social imperfeita como imperfeitas são as formas sociaes ou do Estado a que esta phase familiar corresponde.

No *Coran* o marido é «senhor da mulher mas Deus é poderoso e tem as suas vistas sobre elle».

Já então o marido deve protecção e fidelidade á mulher, mas a fidelidade não consiste em não haver outras mulheres mas em não desprezar a legitima, não lhe negando a facilidade da procreação. Não se trata, pois, ainda d'um principio formal de individualismo feminino, posto que seja a genése do posterior respeito pela personalidade juridica da mulher. Então o homem deve fidelidade á mulher, não pelo respeito que á sua pessoa é devido, porque até pode ter outras livremente, mas para não desprezar o interesse do Estado, se ella é prolifica.

Não pode o homem negar-se a procrear, chega-se mesmo a regulamentar esta ordem de deveres conjugaes, e até na Turquia a mulher, desprezada pelo marido como fê-

mea, pode leval-o perante a justiça do Cadi para o fazer punir. E' o regimen do Estado absoluto.

VII

As legislações orientaes, salvo o caso de esterilidade, são pouco favoraveis ao divorcio.

E' que o divorcio é menos proprio para o augmento da população que o Estado tem em vista.

As leis da India e da China determinam e limitam os casos em que o repudio da mulher é permittido. Entre os mahometanos, a obrigação de dar arrhas á mulher repudiada é uma entrave ao divorcio.

Como se vê, a mulher faz parte da familia, a sua individualidade fica adstricta á familia do marido e o Estado a esta a entrega. Por isso, morto o marido, a mulher e os seus bens proprios ficam sob a tutela dos seus herdeiros.

E' de notar que, sendo o Amor, a Religião e a Propriedade os mais poderosos elementos do individualismo, desenvolvendo-se o amor na forma matrimonial, tambem a religião segue protectoramente a mulher, e os principios de propriedade chegam a proteger esta, pela tendencia do espirito humano á generalisação. Já se revela um esboço da propriedade feminina na obrigação attribuída aos parentes do defuncto marido de respeitar as arrhas da viuva, as suas escravas e os seus direitos successorios.

Com effeito, á mulher, a principio excluída das heranças pelos varões, graças á evolução das idéas religiosas e ao seu influxo preponderante no lar, pelas suas graças e pelas suas virtudes, pouco a pouco foi-se-lhe reconhecendo o direito á partilha hereditaria concorrendo n'uma parte minima com



MULHERES ROMANAS

os varões, o que representa um triumpho a favor da mulher.

Sendo, pois, o homem quem mais trabalhava na conquista da propriedade e da sua conservação, justo era, para o tempo, que maior quinhão lhe fosse attribuido.

Mas sendo as idéas religiosas producto da mentalidade humana, e não sendo a mulher nos periodos das conquistas da força bruta reconhecidamente igual ao homem, d'ahi a concepção da inferioridade religiosa da mulher. E assim, se perante o absolutismo dos

Cesares a mulher soffre a protecção da lei, o que se não dava no patriarchado, em contraposição a mulher degrada-se moralmente porque já não é na familia a sacerdotiza, e entregue á lei, sem sufficiente liberdade, perde o decoro e desmoralisa-se. E' um erro pensar que a mulher ganha em moralidade pela oppressão; a mulher como o homem' como todos os organismos conscientes, só se expandem, e por isso só se moralisam, se teem consciencia n'um regimen de natural acção, isto é — de liberdade.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.



Uma vaidade

Ao José Novaes

*Passei a vida a amar e a amar envelheci.
A caprichosa Sorte, um dia foi-me pôr
em frente ao teu balcão. Tocou-me o resplendor
do teu rosto e eu ceguei — ceguei a olhar para ti.*

*Para merecer-te, mil e mil golpes soffri
e a cada golpe mais crescia o meu ardor
podendo bem medir a grandeza do amor
pelas vezes sem fim que meu sangue verti. . .*

*Hoje, no espelho, vejo o horroroso destrôço
da minha mocidade. . . o que eu não hei penado
para assim envelhecer sendo ainda tão moço!*

*Mas embora! que importa a Dôr? Que importa o Pranto?
E's tão linda e eu, Mulher, amo-te tanto, tanto,
que até sinto vaidade em ser tão desgraçado. . .*

J. Regalla.

O tento vermelho



VÉTÉRIN pegou nos papeis que o capitão lhe atirou para cima da mēsa e rousnou, sorumbatico:

— Gabo-lhe a pachorra, meu capitão. O tempo que anda a estragar com

esse tal namorico ainda nos vem a custar a vida, a todos, tão certo!

Rebenta para ahi a guarda avançada alleman, não tarda nada, e as ternuras, ao depois, hão de lhe servir de muito.

Nicolau La Hire pôs-se a pé, ergueu o sabre de cima da cadeira, unico traste de luxo do cubiculo que lhe coubera em sorte, na sordida estalagem da aldeola. Commandava um piquete de couraceiros, reliquia avariada de um regimento disperso, contido em respeito por uma força prussiana. Tencionava reunir-se ao corpo a que pertencia; oppunham-se a isso, não só os innumerous obstaculos que lhe tolhiam o caminho, mas ainda o ter-lhe dado volta ao miolo o palminho de cara da menina Rachel Nay, a rapariga mais linda e apetitoza em toda a aldeia de Orgemont.

Sem se mostrar offendido com a familiaridade do subalterno, a quem votava sincera amizade, replicou:

— Não te assustes sem motivo. Que queeres? Se o amor fala mais alto que o toque do clarim?

— Mais alto falam as bombas, e estão para ahi em cima de nós, quando menos as esperarmos. Não sou dos mais medrozos, graças a Deus; mas quando o inimigo aperta connosco, não chega o tempo para amores. E demais, lembre-se de quem é. A filha de um reles camponio mulher do capitão La Hire! Se é coisa que tenha geito! E assim

como assim, não a apanha; que ella tem o casamento tratado com aquelle patife do Simão Mansart, que móra, além, no palacete, que se vê d'aqui, no topo daquelle monte.

Vétérin apontou para um edificio, que se entrevia por detrás de um grupo de acacias, que coroavam um oiteiro, dominando a aldeia com a casaria e a estrada, tudo coberto de neve, quadro de desolação a que servia de moldura a janéla viuva de postigos.

— Pois é isso, justamente, que me dá cuidado, replicou La Hire, medindo o sobrado ás passadas. — Ella, casar com aquelle tratante, que só lhe inspira aversão e terror, com um avarento, um sevandija! — Calouse, de subito, e depois, continuou: — A minha Rachel: a mais linda e mimosa flór silvestre, de quantas brotaram jámais por esses campos da nossa querida França! Pode lá ser! Brada aos ceus!

— Estamos bem servidos! atalhou Vétérin, desdenhoso, encolhendo os hombros. Não, que em alguém lhe tocando na tecla... agora o verás!

— Cala essa bôca! vociferou La Hire — pedaço de atrevido! E, em tom mais ameno, proseguiu: — Não posso nem devo, desampará-la, eu, que tanto lhe quero, de mais a mais tendo a certeza, de que é amplamente retribuido o meu affecto, pois estou convencido de que, assim que me vir pelas costas, aquelle milhafre do Mansart não desiste de levar a sua ávante. Olha quem!

— Mas por que não vae ter com elle? Em lhe fazendo zunir a espada a dois dedos daquellas orelhas de morcego... ou então, o que ainda será melhor, tilintar-lhe aos ouvidos com a bolsa bem recheada...

La Hire ficou-se a scismar, por instantes, em seguida replicou:

— Não lembras mal.— E é para já... Abalamos, esta noite. Passa palavra. O La-
porte vem marchando para Besançon, que se acha em estado de sitio. Nós, em rigor, devíamos ir reunir-nos a elle, a três leguas daqui, se os malditos Prussianos deixassem de nos aperrear.

E saiu, resmungando:

— Tenho que falar com a Rachel, antes de me ir embora.

— Ouvii bem o que eu lhe disse, senhor Mansart? trovejou La Hire.

Simão não abriu bico, e aguentou, sem pestanejar, o olhar duro, firme do capitão de couraceiros. Refegou-lhe os cantos daquella bôca

de mealheiro um risinho protervo, e com as espalmadas manopolas pôs-se a cofiar as cabeçorras de dois alentados mastins, agachados a seus pés, no sobrado.

— A menina Rachel Nay dispensa as suas atencções, reatou o official. A sua pessoa, para ella, não tira nem põe.

O seu dinheiro que, se a voz publica não mente, o senhor tem gasto a sua vida a ajuntar, á custa do suor seja de quem fôr, não tem poder para comprar o coração de uma mulher, e o della, muito menos, pois quem dispõe d'elle, é este seu criado.

E o risinho do nossô Simão cada vez mais peçonhento. Não ignorava que a sovínice o alára nas asas da fama; estava farto de saber que á viuva e ao orfam escasseavam motivos de lhe querer bem. O instinto da socanquice pusera-lhe o coração que nem

um figo passado. Mas, sem se intimidar, retorquiu:

— Cada qual sabe de si, senhor official. Com que direito tenta impôr-me a sua vontade? Tenho ouvido tilintar muita espóra, e não me assustam olhos arregalados!

Disponho de certa influencia sobre os paes da menina Rachel, que são pobrissimos, e tenciono

aproveitá-la, dê por onde dér. Aposto o meu dinheiro contra os seus dotes fisicos e os seus modos de pimpão, e veremos quem vence.

— Escute! bramiu La Hire, com a voz tomada, de furor.

— Descerei a entrar em ajuste com o senhor, comquanto, em nome de Deus! me pése na consciencia semelhante acto. Desde que o dinheiro é o

sopro vital da sua existencia, offereço-lhe cinco mil francos, se desistir do seu proposito.

— Recuso.

— Dez mil!

E o Mansart, sempre com o tal risinho, deu dois trincos com aquelles seus dedos de harpia.

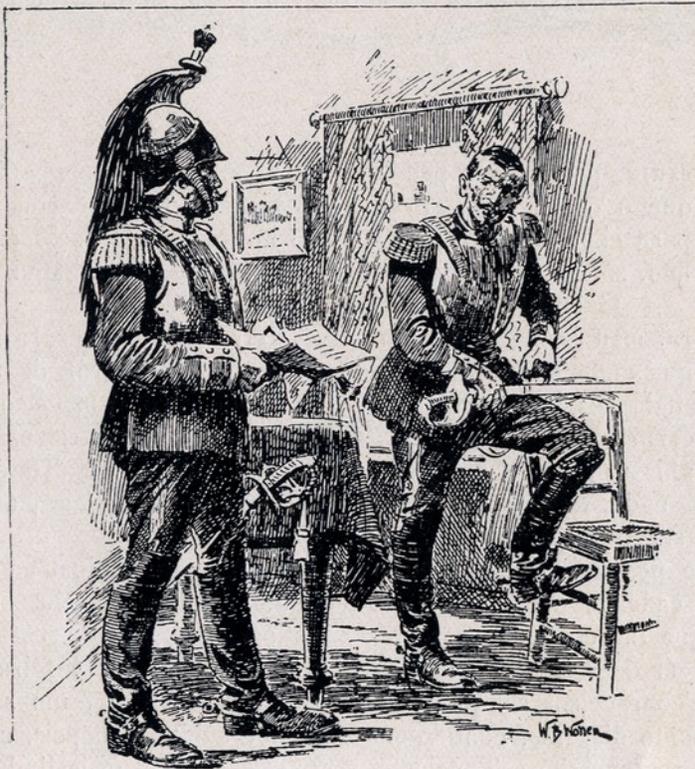
— Ora vamos, offereço-lhe quinze mil francos, e nem mais um soldo, ouviu?

O Simão estava meio abalado, e as manopolas, nervosas, a barafustarem nas cabeçorras dos canzarrões; sopitou porém a crescente tentação, e respondeu, com aze-dume:

— O senhor, que tanto alarga os cordões á bolsa, é porque se arreceia de mim.

— Não, três vezes não!

— Pense bem no caso! Esteja certo de que não desisto da mão dessa menina.



... O AMOR FALA MAIS ALTO QUE O TOQUE DO CLARIM

—Sinto muito. Mas creia que não arredo pé do meu intento.

—Cautéla! clamou La Hire, com voz tremenda a tal ponto, que os cachorros pegaram a rosnar e a arreganhar o dente.

E, como que por instincto, supposto que sem más tenções, levou a mão aos cópos da espada.

Mansart ergueu-se, dum pulo, da cadeira.

—Cautéla com os cães! regingou.

—Cautéla com os Prussianos, lhe digo eu; que não podem tardar por ahi, — replicou o capitão, e quando percebeu a efficacia da observação, dispôs-se a tirar partido da vantagem, — tem que ter cautéla comsigo, meu caro senhor, e muito mais cautéla ainda com o seu dinheiro. Saiba que nos anda agarrada á sombra uma força prussiana, e que o mais certo é apparecerem por ahi. Talvez lhe agrade a noticia?

Mansart pôs-se livido.

—E trazem comsigo duas peças de artilharia, para abrilhantar a funçanata.

Mal havia ainda articulado a ultima palavra, eis que um som cavo, um estrondo soturno, como que vindo de muito longe, o atalha, de subito.

—Maldição! Foi um tiro de peça, exclamou.

Abafou-lhe a exclamação novo tiro, mais estronduzo, e como que de mais perto. Rebutara a bomba. Lá debaixo, da aldeia, ouviu-se um debil clamôr de vozes.

—São os «Azues», estão comnosco, afinal, disse La Hire, e saiu a correr.

Olhou para o Norte e viu uma nuvemzinha a resvalar no ceu, toldando as estrelas.

Era o fumo do canhão recentemente disparado. Interrompia, naquella direcção, a superficie plana dos campos, sepultos numa densa camada de neve, uma altura do terreno. O capitão resmungou:

—Elles lá estão, naquelle cômodo. Pregam com meia duzia de bombas na aldeia e põem-nos a andar. O remedio que lhe vejo é a retirada, segundo o costume. Pouco importa, contanto que eu consiga desviá-los de Orgemont.

Vieram-lhe as lagrimas aos olhos, ao lembrar-se de Rachel.

—Já ahi estão, os taes allemães? indagou por detrás d'elle uma voz, a tremer.

O Mansart havia tambem saído de casa.

Aquella nota bellica, a primeira que lhe tinha ferido os ouvidos, tolhera-o de pavôr.

—Ainda duvida, replicou o official, a rir. — E o senhor, é de esperar, não deixará de ter a despenha menos mal recheada, pois se os Prussianos o honrarem com a sua visita, verá que têm uns estomagos que nem os lobos.

Ouviu-se um toque de clarim.

—Estão á minha espera, pelos modos, murmurou La Hire.

Fazia um frio de rachar. A atmosphera, tal qual o terreno, dir-se-ia congelada, beliscava os pulmões, difficultando a respiração.

Os varejados ramos das arvores, no pomar, era como se estivessem tentando adquirir um pouco de calor, á força de exercicio. O crescente da lua, na sua fásse derradeira, surgira, e o desmaiado clarão que difundia por sobre a campina dir-se-ia haver-se petrificado tambem com o frio, tornando-se permanente.

Ainda bem La Hire não havia tomado a resolução de se pôr a caminho, eis que uma labareda rubra fulge no topo da lomba do terreno, extinguindo-se de subito. Seguiu-se um estampido, a explosão de uma peça de montanha.

Cortou os ares, veloz, um luzeiro muito vívido.

Ouviu-se zunir o que quer que fôsse, investir por entre as acacias do jardim, decapando ramos e escarvando a terra. Depois, um fragôr de explosão, um fogacho, um berro, tremendo.

Voltaram a cerrar-se as trevas, como dantes, insensiveis áquelle brado de afflicção.

La Hire soltou as unhas, aferradas ao sólo do jardim. Ergueu o rosto, sujo de terra.

—Irra! cuidei estar aviado de vez! murmurou.

Levantou-se, visto haver atirado comsigo de bruços, e espraizou em volta de si uns olhos encandeados ainda pela explosão.

—Olá, Simão! Simão Mansart! Você ainda estará vivo?

De uma das janélas do andar terreo retiniu uma gargalhada escarninha.

—Avie-se! Os Prussianos estão á sua espera! clamou Mansart.

La Hire encolheu os hombros, depois, saiu a correr do jardim e foi ter com a or-

denança, que o esperava com o caválo á reata.

No acto de meter por ali fóra, a galope, vararam-n'o as setas do Amór, e tomou-o ardentissimo desejo de tornar a vêr a sua adorada Rachel, ainda uma vez, de sentir nos labios a meiga pressão dos labios da donzella, e em volta do pescoço, os niveos braços a cingi-lo.

E aquella onda de paixão que lhe percorria as veias como que lhe afrouxava os nervos, quebrando-lhe a energia, e envolvendo-lhe a coragem num amoroso véu.

Foi encontrar o Vétérin a arder de impaciencia, á sua espera; galgou por ali fóra, com a sua gente, em direcção ao sul, tentando atrahir os Prussianos, a vêr se os desviava da aldeia.

Decorreram semanas. Os combates com os Prussianos, que continuavam a talar o país e a esfacelar o coração a tanta gente, apenas ameaçaram Orgemont.

O Simão Mansart jazia na cama, muitissimo doente, e todos o suppunham ás portas da morte. A uma hora avançada da noite, recebia Rachel uma carta. Era de Simão Mansart, e rezava o seguinte:

«Rachel

«— Estou muito mal, e poucas horas me «restam de vida. Aceita a mão de um mo- «ribundo? E' extravagante o pedido; e com- «tudo, se me fôr dado chamar-lhe minha «mulher, durante uma hora, só que seja, «não lhe causará isso um desgosto por ahi «além, e para mim representará uma hora «de ventura.

«... Tenho em meu poder, nesta casa, «uma importante quantia de dinheiro, que «representa a maior parte da minha riqueza. «Estou ancioso por vê-la de posse dos meus «bens, assim que eu fechar os olhos. Man- «dei lavrar um documento, mediante o qual «lhe confiro tudo quanto tenho. Falta ape- «nas a sua assignatura e tudo é seu, ainda «antes de eu me ter ido deste mundo. As- «sim o dispús, receando que pudesse dizer «comsigo: — E se afinal elle não morrer? — «Em qualquer das hipoteses, ficará rica.

«Mas não se assuste; a minha vida está por «um fio, mal posso segurar a penna. Des- «prezou a minha proposta de casamento. «Rachel; em todo o caso, não póde, nem «deve, dar-me nova prova de aversão. Con- «sinta em que lhe dê o nome de esposa; «permita-me apertar-lhe a mão, e não me «negue este ultimo alivio, nesta hora so- «lemne.

«*Simão Mansart.*»

O velho José Nay, quando lhe lêram a carta, pôs-se a bater palmadas nas esmagriçadas coxas.

— E eu, quando tu vieste a este mundo, com pena de que não tivesse vindo antes um rapaz! clamou. — Isto é o que se chama um sortão! E desta vez, espero que terás mais juizo. Vê se te avias, e vamos por ahi fóra. Vou atrelar o garrano á carreta. A noite está de meter medo, mas uma fortuna assim não nos vem bater á porta duas vezes. E dahi, a gente deve respeitar o ultimo desejo de um homem que está com os pés para a cova.

E investiu para a porta, acrescentando:

— A nossa pobreza é tamanha! Foi Deus que se lembrou de nós.

Rachel pusêra-se livida que nem uma defunta. O Simão Mansart, em vida, sempre lhe infundira pavôr; agora, nos instantes derradeiros, vinha ainda ameaçar-lhe a paz de espirito! Olhando o casamento, á luz, apenas, a que o olhãm os amantes, asustava-a o lance, e não pouco.

Volveu um mês.

Um bello dia, o logarejo achava-se todo elle numa azáfama.

Pela estrada, pessima e toda atascada de neve, vinha a galopar, destemido, um cavaleiro. Era uma estampa de homem. Com um capacete de aço e o penacho a adejar, uma couraça rutilante, calção escarlata, e umas grandes botas subindo-lhe acima dos joelhos; o espadão, aos baldões, a espuma, a soltar-se do rubro focinho do soberbo caválo. Cortava-lhe a face bronzeada uma formidável cicatriz, acrescentando, e não pouco, a fezeza do seu aspecto.

Arretou a montada que estacou de chofre.

— Que é feito da menina Rachel Nay? indagou.

Foram chamá-la. Apeou do caválo, num pulo, tirou o capacete, sobraçando-o, de braço arqueado, e cortejou, com marcial galhardia, ao passo que nos olhos se lhe lia o justo apreço da formosura da donzella. Era, nem mais nem menos, que Felipe Vétérin.

— Venho buscá-la, *mademoiselle*, declarou, tentando ameigar a voz, aspera e roufêinha com as vicissitudes da guerra.

Esvaiu-se o sangue das faces de Rachel.

— E trago-lhe um recado do Nicolau La Hire, meu intimo amigo. Está ferido — ai! queira perdoar, sou mesmo um estúpido! Vou logo ás do cabo! A ferida nem por isso é grande coisa, mas sempre é

o bastante para o impedir de vir buscá-la, em pessoa. Valha-nos Deus! Não é caso para esses sustos, minha lindeza; que o melhor ainda está no sácco — uma notíciasinha de truz, que hade fazer voltar a côr a essas facezinhas de setim. — E senão, escute! Armámos uma emboscada a um piquete de Prussianos e fizemo-los em hastilhas, e o La Hire, não faz ideia, só por si, valeu por quatro. Que o nosso coronel, quando foi informado do caso, prometeu que havia de conceder ao La Hire quanto elle lhe pedisse. «Visto isso,

disse o Nicolau, mande alguem a Orgemont, que dista daqui três leguas, e esse alguem que me traga a minha noiva, pois lhe quero dar um beijo.»

E vae dahi, nós todos, applaudimos o pedido, pois nos falava ao coração, lembrando, a cada qual, a moça em que tinha posto o sentido, e que estava á sua espera.

— Está dito, respondeu o coronel, e hasde casar com ella. La Hire, se é essa a tua intenção. E ella, depois, que volte para a companhia dos paes, até que tenhamos visto o fim a esta maldita guerra.

E ahi está ao que eu cá venho, minha lindeza. Para a levar em minha companhia. Ora esta! parece que ainda perdeu mais a côr! Tenha animo! Vae apanhar umas bôdas, que não haverá por toda essa França



— NÃO... POSSO IR; E IMPOSSIVEL!

mulher que não se coma d'inveja. Os sinos da igreja a repicar e a nossa gente a fazer alas pela estrada, as peças a salvar, e cada peito escondido por uma couraça a arlar com o vivorio!

Pela folha desta espada que trago á cinta, por que é que eu não havia de estar na pelle do Nicolau La Hire!

Rachel tentou falar, mas era tal o peso que sentia no coração, que as palavras como que se lhe atravessavam na garganta. Até que por fim, emitiu, debilmente:

— Não... posso ir; é impossível.

O subalterno soltou uma gargalhada.

— Peço perdão, exclamou, mas declarei que vinha buscá-la, e eu, sem a menina, é que me não atrevo a aparecer lá no regimento, tinha que brigar com todos elles, cada um por sua vez. E em vista do expos-

to, minha rica menina, trate de arranjar uma cavalgadura, e toca por ahí fóra, tão certo como eu dar pelo nome de Felipe Vétérin.

Pôs-se a torcer o bigode, e nos olhos de azeviche como que uma ameaça a lucilar-lhe.

(Continúa.)

Versão do inglês por MANUEL DE MACEDO.



ANTHERO

Suicidou-se hontem á tarde, junto á ancora do convento de Nossa Senhora da Esperança, o poeta Anthero do Quental....

(DOS JORNAES.)

Cavalleiro da Crença, marchou fórte
Em cáta da Razão da madrugada,
Vivendo sempre a vida torturada
Dos que buscam o Bem que marca o Norte;

Cavalleiro do Amor, cruzou a espada,
Armado em guerra a guerrear a Mórte
E quiz ir devastando a córte e córte
A tréva que se erguia allucinada.

E, na ancia de sondar o Insondavel,
Na fébre de palpar o Impalpavel
Foi confundindo o seu olhar profundo!

Heroe que tinha a fé d'uma creança,
Encontrou-se com a Mórte ao pé da Esperança;
Não lhe coubéra a Alma neste mundo.



PRAÇA DE TOURNY

Do Tejo á Gironda

Paginas do caminho



EMBARCAR é sempre um bom momento na vida; alegre, sacode, remoça. Ainda quando doloroso, esse instante da abalada por mar é vigoroso e é bello, dá á alma mais atormentada uma

visão melhor do futuro, desperta o animo, re-fortalece a vontade. E' esse mesmo, talvez, o segredo da tenacidade dos emigrantes.

O barco foi a mais atrevida e galharda das creações humanas.

O universo sem velas seria um deserto arido e funebre, lugubre como uma floresta sem ramos, triste como uma campina de primavera sem flores. E o vapor, esse palacio veloz, é hoje, sem duvida, a mais attrahente das casas do mundo.

Não ha hoteis na terra, por mais *palaces*,

mais *grandes* ou mais *splendids* que sejam, que rivalisem em conforto e encanto com esses vastos e ambulantes hoteis do mar, com as luxuosissimas hospedarias do oceano. Como os poderia haver, se, para rivalisar com esses fluctuantes quarteis de viajantes, preciso seria crear, movel nas cidades immoveis, o hotel ideal, que, com os seus hospedes tranquillamente installados em seus quartos e salas, caminhasse atravez das ruas, das praças, das estradas, mostrando-lhes pelas largas janellas uma successão de coisas, de edificios, de panoramas, tal qual o vapor, que é a casa e o carro do mar ao mesmo tempo, nos desenrola deante dos olhos?

O mar revolto e bravo, intratavel, o mar de d'antes, o mar agreste e ruim dos pescadores, o mar selvagem, por meio d'elles, offerece a todos uma hospitalidade magnifica, que os paizes não têm. Ha vapores dis-

postos de tal guiza, tão ricamente ataviados, que satisfariam á primeira a mais accelerada mania das grandezas e lisonjearão de chofre o mais esfomeado desejo de apparato.

Não são talvez os preferiveis; porque a verdade é que quem não tiver habitualmente principesco passadio, creados numerosos e baixellas opulentas ao seu dispôr, mal sabe viver, sentir-se-ha contra geito, n'esse meio sumptuoso dos imponentes transatlanticos, que os inglezes povoam de *spleen* e de *smokings*, os allemães encharcam de cerveja e *prosits* insistentes, e onde as norte-americanas, incompromettiveis e compromettedoras, gostam de brincar, ousada e virginalmente, aos mais fogosos e inconsequentes idyllios.

Outras moradas ha, no emtanto, amenas, appeteciveis, para as saborosas travessias do mar, mais modestas e menos garridas, que offerecem, sem tamanha ostentação e sem tão assanhados *flirts*, um commodo conforto deleitoso.

Se uns são, no mar, em avantajada copia, os palacios grandiosos, cujo luxo hostilisa e nos torna estranhos, são as outras, com agradavel equivalencia, como as casas bem guardadas, cujas paredes retêm, cujos moveis convidam hospitaleiramente.

E se, apoz as arduas horas laborosas, a entrada no lar reconforta, allivia, refrigera, como uma esponja humida n'um rosto empoeirado, ao cabo dos mezes longos e seguidos de trabalho, o ingressar num d'esses desanfastiados lares de viagem é o mais esplendido, o mais jocundo, começo de ferias.

Invariavelmente compadeço esses pobres passageiros ricos, que, para ganhar Paris, ou seja a Europa, voluntaria e dispendiosamente se mettem no *sud-express*, jaula abafada e tremelicante, empilhados como sardi-

nhas em sal, safanados como gallinhas á cata da Hespanha — a leal depennadora das caeiras portuguezas.

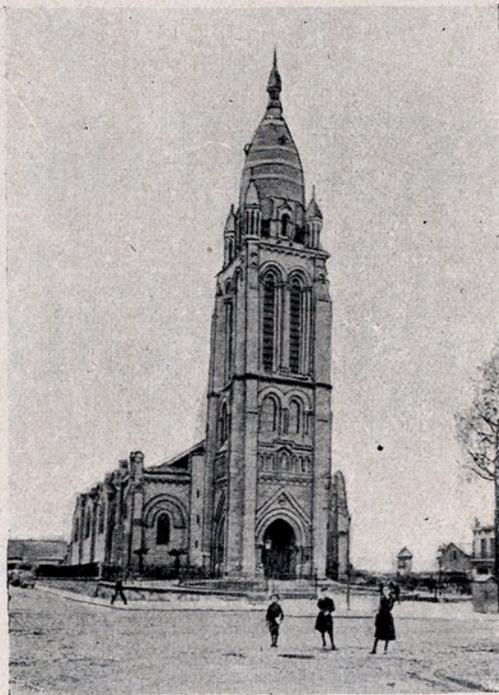
Entre o comboio e o vapor, o cerebro não pode hesitar um minuto: escolhe o vapor.

Quem poderá escolher o comboio é apenas o estomago. A escolha do meio de transporte, nas longas jornadas em que se pode optar, torna-se assim um signal certo de diagnostico.

A ferroviaria preferencia significa unicamente melindrosidade estomacal; é uma bemaventurança como outra qualquer, das que

se não aprendem no cathecismo: bemaventurados os que enjoam, porque d'elles serão os *wagons*.

Quando virem passar o expresso, com os seus passageiros entalados em guaritas exiguas, tenham a certeza de que vae alli um comboio de enjoados, ou, por outra, de enjoaveis commodistas, que não querem sujeitar-se á azeda prova. Se lá apparecer senhor sem esse vicio, é infallivelmente um homem com pressa, e para os homens com pressa todos os meios são bons e todas as viagens são pessimas.



SANTA-MARIA EM LA BASTIDE

Nos embarques, ha, de ordinario, a sensação apprehensiva do desconhecido, a latente covardia da novidade, que o homem nunca conseguirá expungir inteiramente. A maioria dos mortaes, quando embarca, vae envergonhada, com essa peculiar e confrangente timidez que nos assalta ao approximar de uma casa que nos vae hospedar e de cuja familia só conhecemos o pae ou o filho — angustiosa expectativa, que um meu amigo complicadamente explica pelo receio que a nossa amizade alimenta de que a gente do nosso hospedor não seja sufficientemente digna d'elle, e é afinal, quasi ao certo, uma exclusiva mortificação da nossa vaidade, ante

a possibilidade de lograrmos o favorecido retrato que de nós tenha feito o amigo, e se tenham encarregado de ampliar as senhoras de sua casa, com seus olhos de aumento.

O embarque tem um quê da entrada no collegio, essa hora inobliteravel: o mesmo temor aos olhares e aos ditos dos que já lá estão, a desconfiança pelos que vão ser nossos companheiros, até, quasi sempre, uma embirração subita que repentinamente se cria contra alguma das primeiras caras que vemos, e na qual, ás vezes com um odio que pode durar toda a vida, no nosso caso, pelo menos, toda a viagem, condensamos vingativamente a má disposição que o nosso mau humor amedrontado e encolhido nos instilla.

Embarcar é como ir para a escola. Se os meninos já estão na classe, experimentamos em toda a nossa pelle as alfinetadas dos seus olhares, zumbem-nos os ouvidos, os olhos sentem sobre si um pezo forte que os não deixa levantar, e no nosso cerebro estarecido, paralisado, esvoaçam commentarios, allusões, destes, que surprehendemos ou suppomos adivinhar.

Se as aulas ainda estão desertas, é uma desoladora impressão a que nos toma, alli no canto onde nos mandaram esperar, e onde ficamos cravados como se o mestre nos tivesse espetado no chão. Apossa-se de nós o panico terror da chegada dos camaradas, estremecemos ao minimo ruido, aguçamos o ouvido, e bemdizemos cada rumor que se affasta ou interrompe, cada minuto que prolonga aquella nossa solidão, em que de-sejariamos permanecer, pensando-nos seguros, defendidos pelo silencio.

Ah! como o silencio foi, para nós, nesse dia lembrado, o nosso protector e o nosso amigo! Como sentimos e agradecemos a sua muda caricia paternal! E como nos acon-

chegámos, transidos e confiados, nesse amparador regaço da boa deusa do desrumor, tão silenciosa, tão desrumorosa, que nem seu nome se pronunciou ainda!

Mas, de repente, entra de crescer a vozearia e irrompe em balburdia a pequenada, pequenada da nossa idade e do nosso tamanho, que, não obstante, nos parece uma horda assoladora de homens feitos e provados na lucta. Trememos, como deve tremer um coelho ao sentir o cão que o fareja, e a primeira invectiva que nos dirigem, esse golpe fundo da iniciação, é tal e qual como

o tiro do caçador: fulmina-nos, anniquila-nos. A nossa alma succumbe. Quem nos apostrophou, quem nos ridicularisou, tem-nos na mão como uma peça de caça bem ferida, e, ao podermos escapar d'essa violenta agonia que nos amarrou, somos mais felizes que um peixe esgueirado da rede.

Com os passageiros, esses collegiaes de maior idade, o mesmo succede. Bastará notar a docilidade, essa solicita docilidade da inadaptação, com que a maior parte das pessoas entra n'um vapor.

O encarregado dispõe de nós a seu talante, como se fosse elle o dono do bilhete; seguimo-lo obedientemente. Poucos recalci-tram, tanto mais que nos fallam sempre em lingua estrangeira, e nada intimida um homem como uma interpellação que não percebe.

Se os passageiros que já vêm no navio estão em terra, ha para o novo passageiro, principalmente se entra no meio da viagem, a dolorosa sensação do cantinho da aula á espera dos restantes. Se estão todos, por acaso, no vapor, debruçados nos varandins a olhar quem chega, temos então a mesma impressão dos olhos que alfineteiam, que contundem, que trespassam, como brazas



IGREJA DE NOTRE-DAME

que ardessem sob uma grelha, onde, em má hora, nos deitassem.

Quem quiser seguir mais longe o confronto poste-se num caes de desembarque, e observe a sahida dos passageiros de um vapor. Ha a mesma alegria ruidosa, a mesma desentorpecedora necessidade de agitação, a mesma alacridade e despreocupação, dos ranchos escolares ao fim da tarefa. Ri-se de tudo e para todos; não ha rancores nem tristezas. São, em tudo, creanças grandes, que vão folgar, sem quizílias, sem rivalidades, sem planos. Lançam-se á conquista do porto como as outras ao gozo da rua, risonhamente, estouvadamente, esvasiando a bolsa no primeiro vendedor, entregando toda a alma ao primeiro prazer, sem cuidados, á tóa.

Ao saltar no Caes do Sodré, sob chuva inclemente, para a lancha das *Messageries Maritimes* com o meu companheiro, pratico do mar, é outra inteiramente a disposição que me governa. Tenho a sensação de voltar a casa, de ir, quando muito, visitar um antigo conhecimento. O *La Cordillère* aguarda-me de longe, quasi irreconhecivel entre a bruma densa, que tudo amollece e empapa, a roupa e os contornos. E' um velho amigo, que fuma impaciente, nervosamente, á minha espera. Já vivi n'elle indiziveis dias de aquietadora calma, de Portugal até ao Brazil; conheço-o completamente. Ao entrar do portaló, dou logo de cara com o creado que da outra vez me serviu, vejo os mesmos officiaes, o mesmo *maitre d'hotel*. Não ha que ver: sou de casa; e tomo então, prazenteiro, por alli dentro, não como o collegial timido que se estreia, mas como o antigo alumno que sorri aos alumnos d'agora.

O Tejo está agitado, barrento, feiissimo. A cidade, envolta em chuva e nevoa, lem-

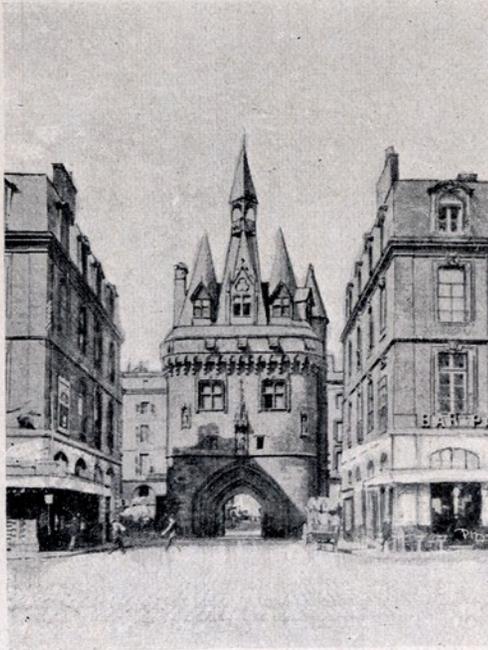
bra um velho panno de theatro, desbotado e roto, de lona encardida. Lisboa apparece-me como um imprestavel scenario de magica retirada do cartaz. O zimbório da Estrella, mal visivel, assume rediculamente, na tela parda do ar, as apagadas proporções da virtuosa cupula encantada, sob a qual uma fada com lentejoulas e varizes albergou os amores disparatados da pastorinha vesga com o brutamontes do principe, n'um theatro barato e sem fortuna. Não era a capital, essa Lisboa, que eu via, sob o aguacal tremendo, a engatinhar pelas collinas: era uma reles apothese esburacada n'uma barraca de feira.

Sóam os signaes da ultima manobra. A sereia de bordo, com a sua voz de caverna, solta rouquenha os tres silvos da despedida, esses silvos profundos, que communicam uma estranha vibração a todo o barco, e nos percorrem os nervos, que parecem integradados, desde essa hora, na réde intrincada dos tubos por onde o vapor pode expandir-se. Começamos a fazer parte integrante do

monstro, cuja respiração potente entra de ouvir-se, com as ferreas pancadas rythmicas do seu coração em chamma. A ancora sobe pesada, com o atropellado ruido do guincho devorando a corrente, que lembra alguém calçado de ferro a correr por uma escada de marmore. E o nosso hotel põe-se em movimento.

O rio, que vae cheio, está violento e irado, sob as nuvens carrancudas, que vertem seus cantaros agora de mansinho. E' o Tejo num dos seus dias de mau humor: rabujento, colerico,

iracundo, revolvendo zangas sujas contra o bojo que desliza sem lhes fazer caso. Seguimos por onde o leme aponta, com desespero do velho agastado, que protesta e escabuja, sem levar a melhor. O velho rio espuma, destempera, resmungo, remexendo,



PORTA DE CAILHAU OU DO PALACIO

como maximo recurso de poderio, umas ridiculas barbas, que são ondas falsificadas; mas, impotente como todos os iracundos, em rompantes bravios, só consegue perder a sua bella linha respeitavel de doce patriarcha das barbas azuladas e rosplendentes.

Adeante, os Jeronymos apparecem, com toda a deselegancia dos seus corpos justapostos, que tanto os prejudica de longe, e o rio, d'esta feita, arrenegado e bilioso, desdiz d'elles em contraste. O Tejo manso, azul, como um tanque immenso, onde se tivesse lavado o azul fresco do seu ceu ligeiramente desbotado, o Tejo de quasi sempre, é um rio, que, como um symbolo glorioso, explica todas as ociosidades, toda a somnolencia, todo o fatalismo da raça das suas margens — esse fatalismo sem dôr, que é fructo indolente da indolencia. Aos pés dos Jeronymos, padrão das conquistas, parece uma alfombra azul prolongando o triumpho — é o capacho da victoria. Nesse instante, barrento, fero, revoltado, elle, não sei porquê, lembra melhor o scenario das caravellas, essas gaviotas valorosas, que, com uma cruz rubra nas azas pandas, foram ao cabo do mundo despertar o Adamastor. Embaciado, summido pela nevoa, o mosteiro dos navegadores eclipsa-se, a bem dizer, para que surja, evocada pelo sonho, a capellinha modesta d'outras eras, que as mães e as noivas alagaram de pranto, e cujo sino tangeu a hora sem equal victoriosa, que abria ao mundo velho o mundo ainda mais velho.

E' bem assim, entre a tormenta, olvidada a muralha que ampara o caes, aquella a praia do velho fatidico do Restello, cujo negro humor se diria renasceu no rio irritado; quando, nos outros dias de sol, numerosos, é antes a terra onde deve ter pisado elegante

e garboso, saracoteado, aquelle Leonardo Ribeiro, namorador-mór da frota portugueza, que dizia, antes da procella colerica dos deuses:

Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo que de amores?

A Torre de Belem, pallida sob a sua corôa de ameias, á beira-rio, lembra uma fada assustada a fugir de um gazometro,

Gloria dos olhos dôr dos corações.

E invocando Camões, que é o melhor deus no mar portuguez, aproximamo-nos da barra, onde ondas altas revolteiam em grandes acenos.

Um francez, a nosso lado, olha afflicto, com um binoculo tremulo, a undivaga refrega. O meu companheiro, que se mostra excellentemente disposto para não enjoar, diz-lhe alarmadoramente:

— *Voilà, monsieur, les petits moutons! Un joli troupeau, n'est-ce-pas?*

O francez, com um certo ar panico, responde atemorizado:

— *Cela des moutons? Mais vous vous trompez, cher monsieur! Plutôt des boucs enragés! Quelle facheuse idée j'ai eu de dejeuner si bien!*

Um arranco mais forte, ao deixar do rio, abalou n'este momento toda a saboreada digestão do francez, e, emquanto nos affastavamos, para não termos de verificar a exactidão dos seus dizeres, ouvimos-o, que commentava melancolicamente, como um avaro ao perder do seu thesouro:

— *Quel dommage! Un si magnifique dejeuner à la carte...*

E retirou-se com a sua pena funda.

Ao dobrar do Cabo da Roca — talvez da roca de Penelope, que devia ter sido a Lisboa de Ulysses — avistamos outro vapor, que



MONUMENTO DOS GIRONDINOS

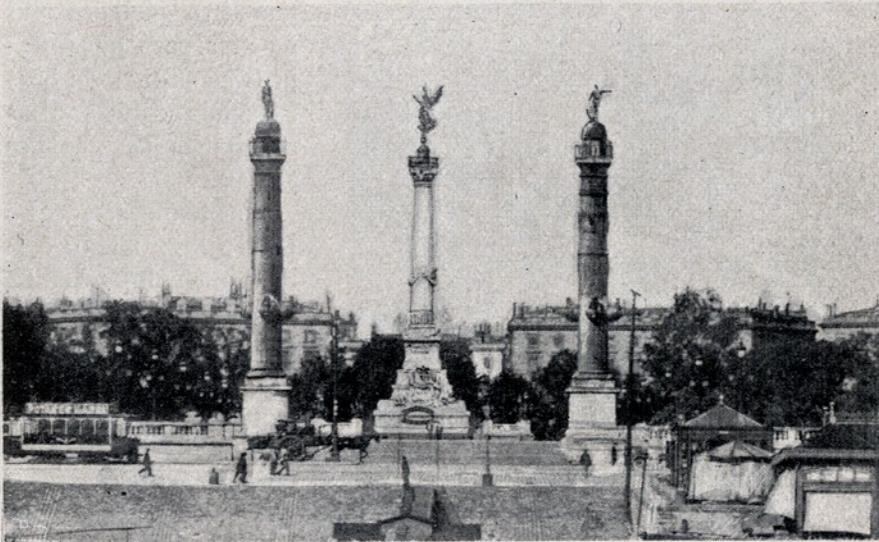
vae na mesma direcção que seguimos, e baila desesperadamente. E' o *Times*, sahido pouco antes de nós.

Rimos de o ver assim dançar á laia de barrica vasia, como o veneravel jornal inglez, cujo nome elle adoptou, a debater-se vacillante contra o mar encapellado da publica opinião...

E nada mais de interessante nos fornece esse primeiro dia agitadissimo.

*
* * *

No segundo, apoz uma noite tormentosa, em que as proprias malas brincaram ás cor-



PRAÇA DE QUINCONCES — COLUMNAS ROSTRAES E MONUMENTO DOS GIRONDINOS

ridas nos camarotes, e depois de um almoço parco, a que só seis passageiros compareceram, eis-nos na tolda superior a gozar a refrega. Cada passada é um problema de equilibrio e vontade; estamos, para os effeitos da gravidade, como que completamente ebrios, despojados quasi da nobre horizontalidade característica da espécie, que o mar teima em não admittir n'essas horas violentas, e arriscados a romper alguma aduela, como succedeu áquelle senhor de sapatos de verniz, que, julgando-se certamente em algum baile luzido, fez um gallo tremendo entre as pastinhas lustrosas, o que o obriga a andar de cabeça amarrada, com grave prejuizo da sua muito espectacular elegancia.

Com alma nos agarramos aos calabres estendidos de ponta a ponta e de lado a lado,

aos corrimões das escadas, ás alças, aos varões, ás saliencias dos varios compartimentos. As cadeiras volantes, de que ninguem se lembra, passeiam sósinhas, livremente, pela tolda, e nesses solavancos furiosos, em que o helice ás vezes pula fóra d'agua a moer em falso, dando a impressão assustadora d'um morto que saltasse da cova, admiramos a solidez imponente dos parafusos que atarracham as cadeiras da sala de fumo, onde nos sentámos.

Por uma das vidraças, depara-se-nos o espectáculo enternecedor e heroi-comico de um inglez, que, cá fóra, proclama imperturbavel os direitos de Albion a escolher o seu lugar. Com duas cordas, amarrou a sua cadeira de lona aos ferros de uma das claraboias, e, repimpado n'ella, de rosto voltado ao oceano, fuma o seu cachimbo fleugmaticamente, desafiadoramente. Cobre-o um impermeavel em doblecapa verde esperanza, com botões por toda a parte, uns reboludos e immensos botões torrados, escuros, que imitam á maravilha castanhas assadas. Na cabe-

ça, tem um estapafurdio sueste, tambem verde, que lhe desce até aos hombros, e está preso na gola alta com dois botões eguaes aos outros. E' um espadaudo e rapado inglez de viagem, em dois tons, pois as botas cyclicas são da cór do cachimbo, que é, por seu turno, da cór dos botões, que parecem de castanheiro. E fuma, fuma chronometricamente, fuma sempre, inapagavelmente, ante a furia convulsa do mar amotinado.

Sobre a babylonia esbravejante das ondas, que o temporal dementa, o barco faz esforços para se adeantar. Perdeu agora mais o vae-vem de prôa a pôpa, mas ganhou em oscillação de bordo a bordo, lembrando um equilibrista sem maromba. Vagas atrevidas, irasciveis, esbofeteiam em saraivadas espumantes o convez, galgando até á tolda, onde

Sobre a babylonia esbravejante das ondas, que o temporal dementa, o barco faz esforços para se adeantar. Perdeu agora mais o vae-vem de prôa a pôpa, mas ganhou em oscillação de bordo a bordo, lembrando um equilibrista sem maromba. Vagas atrevidas, irasciveis, esbofeteiam em saraivadas espumantes o convez, galgando até á tolda, onde

o inglez em dois tons, tranquillissimo, se limita a descruzar as pernas ou a atirar-lhes uma baforada do seu *rising-hope*.

Mas de repente, ameaçadoramente, uma aba de furacão agarra o toldo por baixo, como uma vela, e, n'um grande balanço, tenta tombar o navio todo a um lado. Ha susto, gritos, balburdia. Estrugem apitos, como nas desordens de terra, e n'um instante, á voz do commando, a marinagem trepa aos para-peitos, e, com machadas, com navalhas, com facões, com o que teve ás mãos, começa de cortar os cabos que aguentam o toldo e a retalhar este precipitadamente. A lona curtida, enchumbada, vóa em estilhas dilacerantes, em grandes farrapos duros, que sibillam como projecteis e talhariam como gumes o anteparo que topassem na passagem.

Recolhidos no salão, espreitamos a manobra por traz dos vidros. A chuva agora cahe sem nenhum

resguardo; os pobres homens da tripulação estão encharcados a pingar. O inglez teve afinal de desertar, mas não sabemos d'elle; a sua cadeira, rompendo as amarras, foi parar junto á amurada. Um companheiro valeroso arrisca-se a vir cá fóra espreitar, e, debruçando-se a uma das bordas, solta este afflictivo grito de terror:

— *Homem ao mar!*

Percorre-nos o grande calafrio da morte. Tremendo, acudimos todos para o para-peito. Lá vemos a debater-se sobre o vagalhão o verde impermeavel e o sueste amplo do inglez das castanhas. Vae-se chamar gente, dá-se o alarme, e já se trata de arrear um escaler, tentando o impossivel, quando o nosso inglez, de cabello arrepiado e fatinho leve, com o cachimbo borcado na bocca, surge a indagar.

Rimos como poucas vezes se ri na vida. O proprio inglez, reconhecendo na nossa

gargalhada uma saudação estrondosa á sua vida, esboça um sorriso, aperta-nos a mão, e inclina-se para ver o seu cadaver... A agua, colhendo a geito a borracha refractaria, ageitou-a de tal guiza, que o casaco esverdeado, com o sueste adherente, de mangas enfoladas e costas enfunadas, é bem um naufrago desesperado. Faltam-lhe apenas as botas cyclicas do seu ex-possuidor.

Pouco depois do episodio alegre do inglez das duas côres, dobrado aos rebolões o Finisterra, faz-se a bordo um recolhimento de morte. Todos desapparecem, o pessoal e os poucos passageiros que resistiam. Durante

horas e horas fatigantes, apprehensivas, rolamos como o mar decreta, sacolejados, abanados, moídos. O temporal parece ainda crescer, quando, transpondo muito ao largo o Machichaco, entramos no golfo temeroso da Gasconha.

Com bõm

tempo, a bahia da Biscaia nem sempre é suave. Com a borrasca que nos persegue, basta pronunciar-lhe o nome, para o bom leitor, em sua casa, atar as mãos na cabeça.

O capitão Richard, lobo velho do mar, disse-nos de manhã, querendo rir, que para a proxima viagem tomaria o *sud-express*, mas o certo é que na sua face havia fadiga, e que em todo o dia nunca mais o vimos, todo attento, lá em cima, á manobra perigosa.

Comtudo, d'essa travessia assustadora do golpho, em que houve gritos e a propria louça de bordo não ficou inteira, eu guardarei apenas uma lembrança ligeira, deliciosa, galante — uma lembrança feminina.

Como que galvanizada pelo perfume da sua França, que ella devia ter surprehendido anciosa no vento que corria velocissimo, appareceu-nos de surpresa, á tarde, no salão, uma rapariga que ainda não viramos.



A BOLSA

pois desde Lisboa que as damas se sumiram totalmente.

No seu rosto empallidecido, olheirento, sem retoque, adivinhava-se que padecera com o balanço, mas nos seus olhos, já luzentes, havia uma alegria a romper, como uma madrugada feliz, que ia em breve doutrar aquella face.

Pondo as mãos em pala contra a vidraça, procurou enxergar na distancia o primeiro indício da sua patria, cuja costa demandavamos. O horizonte baixo, fechado, caliginoso, nada lhe revelou de seus segredos, e ella, meia cambaleante ainda, tornou a sentar-se defronte de nós.

O meu companheiro, alegradissimo com a apparição, assaz gentil e incendiariamente loira, rompeu o silencio, que todos tres estavamos desejando terminasse, e a creaturinha, n'um francez cantante, que soou a nossos ouvidos, batidos das ondas brutas, como apaziguadora cantilena de fonte, deixou logo transbordar a alegria que lhe fervia n'alma.

De França, da sua França, que parecia ungir, como mel, doce, a sua bocca pequena, fôra ha annos para a Argentina, atraz d'um sonho... O sonho desfizera-se com o tempo, e ella, a quem nunca a saudade da patria abandonara, bem dizia agora a morte do seu sonho, que lhe restituia a terra amada. Muito mais nos contou ella, que, como puro exemplar do seu sexo, apoz alguns dias de enjoado mutismo, mostrava gozar a volupia da palavra. Mas, se as suas palavras de regosijo e expansão nos foram agradaveis, mais bella foi para mim, que toda ella mesma, uma sua lembrança.

Depois de fallar inebriadamente, saboreadamente, com prazer muito visivel de desentorpecer a lingua, quiz expressar d'outro modo o seu contentamento de poder pisar no dia seguinte a sua França. Os seus azues olhos de bonança cahiram sobre o piano, de que ninguem se havia ha dias lembrado, e correu para elle.

O barco jogava ainda endemoinhadamente, e ella não conseguiria manter-se no banco, que girava, se nós a não ajudassemos.

Triumphante, abriu a tampa e sorriu ao teclado, como uma creança a um brinquedo, e, com esforços inauditos, começou a tocar musicas da sua terra.

Era curiosissimo. O mar invalidava toda a melodia e atabalhoava todo o compasso. O teclado furtava-se ás vezes, com a oscillação, aos seus dedos cariciosos. Nós, agarrados ao piano para não tombarmos, aguentavamo-la no seu posto, e a musica sahia fanhosa, desdentada, gaga. Dava a perfeita idéa de musica entornada... Comtudo, no meio da tempestade magestosa, que bramia e rolava de barra a barra do ceu, sobre o barco, que parecia diminuido, alquebrado, da resistencia, essa figurinha agil e engraçada, impondo á colera do mar, ao esforço do vapor, á tempestade que rugia, a nós proprios, que a seguravamos, o seu capricho, era um symbolo agradável, tentador do fragil, eterno, poder da mulher — e por isso, desde essa hora, o meu enthusiastico amigo decidiu chamá-la a nympha da Biscaia...

No dia seguinte, corrigido um grande desvio que levavamos, communicamos, finalmente, com a terra em Pauillac. A maré permite que o vapor suba o rio, e, pela Gironde acima, ganhamos Bordeus, onde nos espera gente assustada. Temos um ar victorioso de nautas valorosos... Um jornalista vem entrevistar o commandante, para dizer depois no *Petite Gironde* a sua resposta:

— «*Ne m'en parlez pas; depuis Lisbonne la traversée a été mauvaise. Nous étions à peine sortis du Taje, que nous avons été assaillis par une mer demontée et un violent vent de nord-ouest, si bien qu'après avoir doublé le cap Finistère le navire a roulé formidablement. La nuit dernière a été particulièrement pénible; personne n'a pu dormir.*»

Felizmente, a nós ninguem nos perguntou nada, senão o cocheiro. Para onde iamos?

— *Hotel Bayonne.*



Os Martyres

POR CHATEAUBRIAND

CANTO XXII



UE valem as penas do corpo, a par dos tormentos da alma! Que fogo tem ardencia, que possa comparar-se á dos remorsos!

O justo é atormentado no corpo; mas a alma, qual fortaleza inexpugnável, permanece-lhe incolume, enquanto tudo por fóra é devastado. O mau, pelo contrario, repousa em catre de velludo, ou sobre recamo de flóres; mas, parecendo gosar em plena paz, já o inimigo lhe abriu por dentro brecha traiçoeria, e funestos indícios nos desvendam o segredo d'esse homem, na apparencia felicissimo: tal, em campina verdejante, se enxerga o manto funebre da morte, pairando sobre torres de cidade, cujas ruínas a fome e a peste disputam ferozes entre si.

Hiérocles renegou do Céu: o Céu abandona-o ao inferno. Publio, que quer acabar de perder o seu rival, descobriu as infidelidades do ministro do imperante: o sophista distrahiria grande parte dos thesouros do principe. Cada qual excogita um novo crime para Hiérocles: porque facil é a cobarde accusação do mau, quando abatido, para os que tambem cobardemente o desculpavam, nas horas do triumpho. E o inimigo de Deus, o que fará? Partir-se-ha para Alexandria, sem diligenciar salvar

aquella, a quem perdeu? Demorar-se-ha em Roma, assistindo ás sanguinolentas exequias de Cymódoce?

O odio da plebe não o deixa; um principe terrível o ameaça; paixão medonha lhe abrasa mente e coração. N'esta perplexidade, os olhos do perfido injectam-se; o olhar torna-se-lhe fixo; os labios descerram-se-lhe; estremeçam-lhe as faces, lividas, em tremuras que lhe tomam todo o corpo: serpente por si propria envenenada, com os succos da sua guela mortifera; estirado na via publica, o reptil revolve-se difficilmente no solo; tem as palpebras cerradas; a guela ennegrecida, deixando cahir uma baba verde e pestilenta; a pelle amarellada e retesada, não se lhe arredondando já em seus anneis: assim, inspira medo ainda, mas medo que não tem a ennobrecê-lo o sentimento da força.

Quão differente o christão, em cujas veias quasi exaustas, circula todavia sangue bastante para fazer pulsar um grande coração! Mas pouco eram tantos remorsos e dôres, precusores sómente de maior castigo, reservado aos inimigos dos fieis. Deus faz um asseno ao anjo exterminador, e aponta-lhe a dedo duas victimas. O ministro das vinganças celestes arma-se immediatamente com duas azas de fogo, cujo bater pelo espaço simula o rumor longinquo do trovão. Empunha na dextra uma das septe taças, re-

pletas da colera de Deus; e na sinistra, o gladio que matou os recém-nascidos do Egypto, e fez parar o sol, illuminando o campo de Senaxerib. Nações inteiras, por seus crimes condemnadas, somem-se perante este espirito inexoravel, e é em vão que mais tarde o homem tenta resurgir-las. Foi elle quem gravou, no festim de Balthazar, as palavras mysteriosas; quem derrubou a fouce do vindimeiro, e a fouce do segador, quando, na ilha de Patmos, João entreviu os formidaveis semblantes do Futuro.

O anjo exterminador desce á Terra n'um relampago, semelhante a essas estrellas que se despegam do céu, trazendo o pavor ao coração do nauta; envolto nas pregas de uma nuvem, inocula-se no pallacio dos Cesares, no momento exacto em que Galerio se ostentava prospero, sentado em banquete voluptuoso.

As luzes do aposento empallidecem; presente-se lá fóra um como arrastar de machinas de guerra; os commensaes levam as mãos a seus cabellos hirtos; sahem-lhes dos olhos lagrimas involuntarias; as sombras dos velhos Romanos levantam-se entre elles e as paredes; e Galerio tem o presentimento da proxima destruição do imperio. Invisivel sempre, o anjo abeira-se do potentado da terra, e deita-lhe na taça algumas gottas do vinho da colera celeste. Impellido pelo seu mau destino, o imperante leva aos labios o fatal licor; mas mal acabava de libar á fortuna dos Cesares, sente-se inopinadamente embriagado; inesperada e repentina dôr o prostra aos pés dos escravos: Deus atirara esse gigante a terra, n'um momento.

Uma viga cortada no cume do Gárgaro, apodrecera em pallacio habitado por uma raça antiga; um dia, as labaredas, que brilhavam na lareira do principe, galgam até topar com a trave resequida; o roble incendia-se, o vigamento estala, e projecta-se com estrondo nas salas, que estremecem: assim cahiu Galerio. O anjo abandona-o a este primeiro effeito da colera celeste, e vóa á pousada onde gemia Hiérocles. Com um golpe do gladio do Altissimo, fustiga o anjo os flancos do ministro traidor. Declara-se logo uma doença horrenda, cujo germen havia sido importado do Oriente. O misero vê-se com o corpo cheio de uma lepra espessa; as vestes prendem-se-lhe á pelle,

como as tunicas de Dejaníra e de Medeia; sente-se com a cabeça ida; blasphema contra céos e terra, e implora depois os christãos, para que o livrem dos espiritos da treva, de quem se sente possesso. Já ia a noite em meio. Hiérocles chama pelos escravos; ordena-lhes que apromptem uma liteira; salta do leito, embrulha-se n'um manto, e manda, como doido, que o conduzam á pousada do juiz dos christãos.

«Festo! lhe brada elle; tens em teu poder uma christã, que é todo o meu tormento: salva-a, entrega-m'a; não a condemnes ás feras; o edicto faculta-te o condemná-la á infamia... Percebes?»

O perverso atira com uma bolsa ás plantas do juiz; e parte-se depois, vociferando, mugindo, como um touro combalido arrastando-se entre os juncos de um paúl.

Por este tempo, havia-se desvanecido a derradeira esperança dos christãos: o mensageiro enviado a Diocleciano por Eudóro, para convidá-lo a retomar o imperio, estava de volta de Salóna. Zacharias fê-lo entrar no carcere. Os confesores tinham todos a sua sentença pronunciada: condemnados a morrer no amphitheatro, como Eudóro. Rodeado pelos bispos, que lhe curavam as feridas, o filho de Lásthenes antolhava-se no chão, sobre as tunicas dos martyres: tal um guerreiro exanime, reclinado sobre pendões arrancados ao inimigo, e rodeado pelos companheiros d'armas. Commovido, interdito, o mensageiro permanecia com o olhar pregado no esposo de Cymódoce.

«Fallae, irmão, disse-lhe Eudóro; a carne tenho-a um pouco dolorida, mas a alma vigorosa, e sã. Felicita-me por estar sendo tractado por mãos, que tantas vezes tocaram no corpo de Jesus Christo »

O mensageiro, enxugando as lagrimas, deu conta por estas palavras, da sua entrevista com Diocleciano.

«Eudóro: segundo me havieis ordenado, embarquei no Adriatico, e cheguei em breve a Salóna. Perguntei por Diocleciano, outr'ora Díocles, imperador. Foi-me dicto que habitava em suas hortas, a quatro milhas da cidade. Para lá me encaminhei, a pé. Cheguei á pousada de Díocles; atravessei pateos, onde não vi nem guardas, nem espiões; não sabia a quem me dirigisse. Enxerguei então um homem, entrado já em annos, que trabalhava n'um pomar; cheguei-

me, e perguntei-lhe onde poderia encontrar o príncipe, que procurava.

— «Sou eu o Diócles, respondeu-me o velho, continuando a trabalhar. Podeis começar, se alguma cousa tendes a dizer-me.»

«Fiquei attonito.

— «Então! voltou-me Diocleciano, o que vos traz por cá? Tendes sementes novas a offerecer-me, e pretendeis que vos dê outras em troca?»

«Depuz a vossa epistola nas mãos do velho imperante; fiz-lhe sentir os males dos Romanos, e o desejo dos christãos de o verem de novo á testa do governo.

«Ouvindo isto, Diocleciano exclamou, interrompendo o seu trabalho:

— «Prouvera aos deuses que aquelles que vos mandam, vissem tambem os legumes, que cultivo por minhas proprias mãos em Salóna; não me convidariam a retomar o imperio!»

«Observei-lhe que já um outro hortelão havia consentido em pôr a corôa na cabeça.

— «O hortelão Sidonio? inquiriu elle. Não estava no meu caso: eu, descí do throno; elle, teve a tentação de lá subir. Nada Alexandre conseguiria de mim.»

«Em vão quiz insistir; não pude obter outra resposta.

— «Prestae-me, porém, um serviço, me disse elle bruscamente. Está acolá um poço; sois joven, e eu velho: tirae-me a agua de que as minhas couves carecem.»

«E voltou-me as costas Diocleciano, e Diócles pegou no regador.»

O mensageiro calou-se. Cyrillo dirige-lhe a palavra:

«Não nos podiéis ter trazido mais agradavel resposta. Eudóro, depois que partireis, communicara-nos o mobil da vossa viagem: temiam os bispos que conseguissem ser ouvido. Mas o martyrio illuminou o filho de Lásthene; elle sabe agora o que lhe cumpre: Galerio é nosso príncipe legitimo.»

— «Sim, disse Eudóro, arrependido e humilde, reconheço-me justamente castigado por um mau proposito.»

Assim fallavam estes martyres, quebrantados pelas algemas e pelos cavalletes de Galerio: tal o corajoso animal, que empista os ursos e os javalis nas florestas do Acheoloio, incorrendo, sem o merecer, na animadversão do caçador; ferido pelo harpéo, ás feras destinado, o molosso volteia com o

golpe, e estrebucha no sólo, ensanguentado; mas antes de expirar, dirige um olhar submisso para o dono, como a exproba-lo por se haver privado de um servidor fiel.

Entretanto, Eudóro, prestes a despedir-se da vida, sentia-se como sacudido por violenta inquietação. Mau grado o fervor da sua Fé, e a exaltação da sua alma, o martyr não podia pensar, sem medo, no destino da filha de Homero... Que virá a ser da pobre? Recahirá nas mãos de Hiérocles? Será interrogada pelo juiz? E terá acaso forças para tão terriveis provações? Tê-lahiam condemnado já, após a sua primeira confissão, conjunctamente com os confessores das prisões de S. Pedro? Eudóro representava-se Cymódoce, dilacerada por leões, implorando debalde soccorro, do esposo, por quem a virgem se sacrificava. Depois, pintava-se-lhe na imaginação o quadro da felicidade, que lhe fôra dado gosar com mulher tão bella, e tão pura. Mas, de súbito, uma voz lhe brada, a voz da consciencia:

«São esses, ó martyr, os pensamentos que ora te devem occupar? A Eternidade! a Eternidade!»

Argutos conhecedores do coração humano, aventavam já os bispos a lucta, travada no imo da alma do athleta. Advinhavam-lhe os pensamentos, e diligenciavam revigorar-lhe a coragem:

«Companheiro, dizia-lhe Cyrillo, sintamos tomados de alegria: iremos prestes á Gloria. Olhae-me esta prisão: campina vicejante, campo de espigas maduras, não tardará ceifadas para abastecimento dos celeiros do Bom-Pastor! Cymódoce achar-se-ha comnosco, porventura: flôr perdida entre as searas, perfumando a eira, em que medas e medas se amontoam! Se Deus assim o quer, cumpra-se a vontade de Deus! Mas peçamos antes ao Céu, que deixe a vossa esposa na terra, para que offerte por nós, ao Eterno, o sacrificio das suas preces innocentes.»

Quando, após noite de estio asphyxiante, se levanta do oriente aragem fresca, vinda com os primeiros alvôres da madrugada, o nauta, detido na sombra, em calmaria, saúda o Zephyro, filho da Aurora, que a derrota bonançoso lhe faculta: taes as palavras de Cyrillo, qual halito beneficente, ao martyr reanimam, impellindo-o no caminho do Céu. Todavia, não pôde despojar-se inteiramente

da carne: ha muito que encarrregara alguns christãos intrepidos, de salvarem Cymódoce, não poupando cuidados, trabalhos, nem dinheiro; confiava sobretudo na coragem de Dorotheio, que já por duas vezes experimentara, de balde, pela calada da noite, dar assalto ao carcere da filha de Demódoco. Mais feliz com relação a este, conseguira o pio Dorotheio arrancá-lo dos degraus do templo, e conduzi-lo a bom retiro.

«Desgraçado, dizia-lhe elle, para que adeantardes o fim dos vossos dias? Temeis que elles vos não fujam, com bastante rapidez? Guardae as vossas cãs para vossa filha! Se Deus vo-la quizer tornar a dar, olhae que será ella, dos dois, quem mais careça de carinhos: pois terá perdido seu esposo!»

— «Mas como queres, lhe respondia o velho, que eu cesse de pedir por minha filha! Para ella se me encaminhava o olhar, da outra banda do tumulo! Herdeira ultima da lyra de Homero, haviam-na as Musas ornado de preciosos dons. Administrava-me a pousada; ninguem, na presença d'ella, ousara insultar os meus cabellos brancos. Cresceriam, saltando-me nos joelhos, filhos eguaes a essa mãe! Cymódoce, de ti, cujo fallar era tão doce, em que se tornaram as promessas? Dizia-me ella: «Qual dôr a minha, meu pae, se as Parcas inflexiveis te roubassem jámais ao meu amor! Cortaria as tranças sobre o teu tumulo; passaria os dias a chorar-te, com as minhas companheiras!» Mas, ai de mim! filha minha, serei eu quem fique para te chorar! Serei eu, quem em terra extranjeira, sem filhos, sem patria, sem arrimo, clamarei por ti tres vezes, juncto ao teu leito de morte!»

Qual a um touro arrancado ás honras do pastio, e apartado da novilha, prestes a ser sacrificada aos deuses, assim Dorotheio arrasta a Demódoco, para longe do carcere de Cymódoce.

Já a moça christã havia descerrado as palpebras á luz, ou antes ás trevas do ergastulo. Lê e relê vinte vezes a epistola de Eudóro, e vinte vezes a rega com as lagrimas.

«Extremecido desposado meu, diz ella, no fallar desconcertado das suas duas religiões — senhor, heroe equal aos deuses, ides pois comparecer perante os juizes? . . . Um ferro cruel! E não estar eu lá, para te

tractar das tuas feridas! . . . Meu pae! porque tão sózinha me deixaes? Vinde! guiae-me ao mais gentil dos mortaes! Arruí-vos, portas sem piedade, que quero ir levar a vida ao soberano esposo da minha alma!»

Assim se carpia Cymódoce no silencio do carcere, emquanto, na vizinhança das prisões, se desencadeava um tumulto, que os martyres escutavam: assemelhava-se ao estrondear do oceano, revoltoso; ao fragor da tempestade, ribombando no cume de montanhas alterosas; ao estraladejar de incendio, em ramaria de pinheiros, pela imprudencia de um zagal: era o grito popular.

Havia em Roma uma usança antiga: na vespera da execução dos criminosos, condemnados ás feras, dava-se-lhes, á porta da prisão, um repasto, chamado o bodo-livre. Os executandos, tinham, n'este repasto, todas as delicadezas de um sumptuoso festim: refinamento barbaro da lei, ou brutal clemencia da religião; da lei, querendo mandar chorar a vida áquelles que estavam prestes a perdê-la; da religião, que não encarando a vida senão pelo prisma do prazer, desejava que o homem, moribundo, se retirasse do mundo saciado.

Esta derradeira collação era servida em uma banca, immensa, no vestibulo da prisão. Curioso e sanguinario, o povo espalhava-se em redor, e os soldados mantinham a ordem. Prestes saham os martyres, dos carceres, e vinham sentar-se ao funebre banquete, todos algemados, e com cadeias aos pés, mas de maneira a poderem servir-se das mãos. Os que não podiam andar, por estarem feridos ou tolhidos, vinham amparados pelos irmãos. Eudóro arrastava-se, amparado por dois bispos, venerandos; e os outros confesores, movidos de commiserção e reverencia, extendiam-lhes os mantos, na passagem. Quando appareceu fóra da porta, a multidão não pode calar um brado commovido, e os legionarios fizeram ao seu deposto capitão, a saudação das armas. Os presos alinhavam-se nos catres, voltados para o povo; o centro da banca, occupavam-no Eudóro e Cyrillo; na frente d'estes dois, resplandecia o que a mocidade e a velhice teem de mais bello: Jacob e Josepho, sentados ao festim do Pharaão. Cyrillo convida os fieis a distribuirem pelo povo as victualhas ricas, afim de substitui-las por singello ágape, composto de pão e vinho. Pasmada, a multidão con-

serva-se em silencio, curiosa por ouvir o que irão dizer os confessores.

E Cyrillo dizia :

«Com justiça é este repasto appellidado livre, porque nos liberta das peias d'este mundo, e dos males da humanidade. Não foi Deus quem fez a morte, e sim o homem. Os homens dar-nos-hão amanhã, quinhão na sua obra, e Deus, fonte de vida, dar-nos-ha a vida. Oremos, irmãos; oremos por este povo: hoje, parece que effectivamente o compunge a nossa sorte; amanhã, quando morrermos, será um só em seus applausos: é bem para lastimar! Oremos por elle, e por Galerio, imperador.»

E os martyres oravam pelo povo, e por Galerio, imperador.

Habitados a ver os criminosos regalarem-se como doidos, na orgia do ultimo banquete, ou lamentarem-se pela perda da vida, os pagãos não cessavam de pasmar. Os mais letrados diziam :

«Que assembleia é esta, de Catões, palestrando sossegadamente na morte, na vespera de dizer adeus á vida? Porventura nos não parecem philosophos, estes homens, a quem nos inculcam como inimigos dos deuses? Que majestade em sua frente! Que simpleza e comedimento em seu fallar e gestos!»

A plebe dizia :

«Quem é este ancião expressando-se com tamanha auctoridade, e com fallar tão meigo e comedido? Os christãos pedem por nós e por Galerio; lastimam-nos; distribuem pelo povo o seu repasto; antolham-se cobertos de feridas, e de nada nos accusam, nem a quem os condemnou! O Deus d'elles será acaso o verdadeiro Deus?»

Taes os dizeres da multidão. D'entre tantos miseros idólatras, alguns retiraram-se, possuidos de terror; começaram outros a chorar, e a clamar :

«Grande é o Deus dos christãos! Grande é o Deus dos christãos!»

E ficaram para ser catechizados, e crearam em Jesus-Christo.

Que espectáculo para a Roma pagã! Que grande licção para ella, esta communhão dos martyres! Homens que dentro em pouco haviam de ir perder a vida, trocavam entre si palavras cheias de unção e caridade: quando as breves andorinhas se aprestam

para dos nossos climas debandar, reúnem-se nas torres de um campanario de aldeia, ou nas margens de um lago solitario; o canto da partida, echos não ha que não accordem, repetindo-o; aos primeiros assomos da nordada, levantam logo as aves o vôo, para o céo; e lá vão, em busca de nova primavera, e de terra mais ditosa.

Em meio d'esta scena commovente, enxerga-se um escravo, correndo: atravessa a multidão; pergunta por Eudóro; entrega-lhe uma missiva, do juiz. Eudóro desdobra-a: continha estas palavras :

«Festo, juiz, ao christão Eudóro, saúde!»

«Cymódoce, condemnada á infamia. Hié-«rocles tem certa a sua presa. Pela amizade «que me inspiras, supplico-t'ó, Eudóro, sa-«crifica aos deuses! Vem exigir a tua es-«posa: juro-te que a has-de ter pura, e «digna de ti!»

Eudóro desmaia; rodeiam-no; os legionarios proximos apossam-se da carta; o povo reclama-lhe a leitura; um tribuno lê-a, em voz alta; os bispos ficam consternados, mudos; a assembleia revolve-se, em tumulto. Eudóro volta a si, e vê-se cercado pelos legionarios, de joelhos, que lhe bradam :

«Amigo, sacrificae! Em vez do altar, tendes aqui as nossas aguias.»

E apresentam-lhe uma taça, com vinho, para a libação. Horrivel tentação se apossa da alma do mancebo. Cymódoce condemnada á infamia! Cymódoce nos braços de Hiérocles! O arcaboço do martyr desopprime-se: reabrem-se-lhe as feridas, espadana sangue em abundancia. O povo, transido de piedade, cae tambem á uma de joelhos, e repete com os legionarios :

«Sacrificae! sacrificae!»

Então, Eudóro, em voz sumida :

«As aguias?»

Triumphantes, os soldados batem nos escudos, e apressam-se a apresentar-lhe os estandartes. Eudóro levanta-se; os centuriões amparam-no; caminha quasi a entestar com as aguias; estabelece-se silencio. Eudóro empunha a taça; os bispos velam os rostos com os mantos, e os confessores dão um grito: com o grito, a taça cae das mãos de Eudóro, que derruba as aguias de arremesso, e brada, voltando-se para os companheiros de martyrio: — «Christão! eu sou christão!»



Torquato Tasso e Metastasio

I

Torquato Tasso

Albertino Mussato — «*Acchileis*» e «*Ecce-
rinis*» — Martirano — «*Sophonisba*»
— Trissino — Guido della Colona —
«*Rosmunda*» e «*Orestes*» — Rucellai —
Alamanni — Speroni — «*Horazia*» —
Aretino — «*Didone*» e «*Marianna*» —
«*Adriana*» — Torquato Tasso — «*Il Tan-
credi*» — «*Merope*» — A «*tragedia citta-
dina*» — «*Erminigildo*» — Cinthio —
Martirano — Pona — Maffei — Ingegneri
— Billota — Guidi — Martelli Bernardi-
doni.

No grande movimento da Renascença, a Italia foi a primeira a dar o exemplo da tragedia classica. Pertence ao poeta e historiador Albertino Mussato, nascido em Padua, em 1261 e falecido, em Chiozza, em 1330, a iniciativa de ter feito uma das primeiras tentativas para o apparecimento do drama historico moderno. Mussato prestou serviços á sua cidade natal, que o enviou a negociar junto do imperador Henrique VII a manutenção dos seus privilegios; foi infeliz e por isso severamente julgado. Combateu Cano della Scala, mas foi aprisionado pelo celebre *condottiere*, que o tratou com consideração. De regresso a Padua, occupava-se em redigir a historia do seu tempo, quando em 1325 a sua má sorte o implicou n'um processo politico que custou a vida a um seu irmão e lhe valeu a elle o exilio. A sua obra historica é importante, mas deve principalmente a sua fama ás duas tragedias es-

criptas em verso latino intituladas: *Achilleis* e *Ecce-
rinis*. Esta ultima tem por heroe o tyranno de Padua, Ezzelino.

Outro poeta dramatico italiano de valor foi o bispo Coriolano Martirano, philologo tambem, nascido em Cosenza em fins do seculo xv e falecido em Hespanha em 1557. Primeiro advogado e depois padre, foi nomeado pelo papa Clemente VII bispo de S. Marcos, na Calabria; assistiu ao concilio de Trento, e seguiu mais tarde para Hespanha chamado pelo imperador Carlos V que o nomeara secretario do conselho de Napoles. Ha d'elle: *Epistolae familiares*, de 1556, e uma collecção escolhida das suas obras, publicada por seu sobrinho, Marzio: *Tragediae VIII, Comædiae II, Odysseae lib XII, Batrachomyomachia* e *Argonautica*, de 1556.

A primeira tragedia italiana é a *Sophonisba* de Trissino, obra muito erudita, mas fria. Giovan Giorgio Trissino nasceu em Vicencio, em 1478, e morreu em Roma em 1550. Accusado de sympathizar com o imperador Maximiliano, foi obrigado a abandonar a sua patria, viajou na Allemanha e dirigiu-se a Roma. Mal era conhecido por algumas tentativas poeticas, quando appareceu, em 1515, a sua celebre *Sophonisba*, a primeira tragedia conforme as regras dos antigos que a Europa viu. Essa obra valeu-lhe o favor de Leão X, que o incumbiu de varias missões diplomaticas. De regresso á sua terra escreveu varios trabalhos, mas entristeceu-lhe os ultimos annos da sua vida um longo processo que lhe instaurou seu filho Julio, reivindicando os bens de sua mãe, e que o arruinou. Poeta ou critico, Trissino

nunca cessou de recommendar a imitação dos antigos e a cultura dos generos em que elles tinham primado: epopéa, tragedia, ode. Além da sua *Sophonisba*, Trissino deixou uma comedia imitada dos *Menechmas* de Plauto, *Gli Similimi*, 1547, e outras obras litterarias.

Não devemos deixar de citar n'esta altura Guido della Colonna, chronista e poeta siciliano do seculo VIII. Era de Messina, onde exerceu as funcções de juiz. A sua *Historia Trajana*, escripta por volta de 1276, obteve um exito extraordinario. Figura n'este estudo porque Boccacio, Chaucer e Shakspeare se inspiraram algumas vezes nos seus trabalhos.

As tragedias *Rosmunda* e *Orestes*, a primeira apparecida em 1516, são devidas a Giovanni Rucellai, nascido em Florença em 1475 e fallecido em Roma em 1525. Rucellai era sobrinho de Lourenço de Medicis o *Magnifico*. Obrigado a sahir em 1494, de Florença, d'onde os Medicis acabavam de ser expulsos, foi para Roma, onde completou os seus estudos litterarios e dedicou-se á poesia. De regresso á sua cidade natal, em 1512, desempenhou diversos cargos e contribuiu para a repatriação dos Medicis. Depois da elevação ao solo pontificio de seu primo Leão X, Rucellai recebeu a nomeação de protonotario apostolico e foi depois mandado a França, na qualidade de nuncio. No pontificado de Clemente VII foi governador do castello de Santo Angelo. Escreveu tambem um poema *As abelhas*, imitação de Virgilio, uma das melhores produções italianas no genero didactico.

Luiz Alamanni, nascido em Florença em 1495 e fallecido em Amboise em 1556, foi exilado de Florença e refugiou-se em França. Acolhido na côrte de Francisco I, que em 1554 o mandou n'uma embaixada junto de Carlos V, escreveu varias obras e entre ellas a tragedia *Antígona*. O auctor já celebre na Italia, contentou-se em transcrever para a lingua italiana as bellezas da *Antígona* de Sophocles, que Rucellai já imitara na sua *Rosmunda*. O seu estylo é muito superior ao dos poetas que o precederam. Clareza, elegancia, pouca energia, mas nunca emphase, taes são as qualidades que se notam

na *Antígona* de Alamanni, impressa pela primeira vez em Lyão, em 1533.

Sperone Speroni degli Alvarotti viu a luz em Padua em 1500 e ali se finou em 1588. Lecionou logica e philosophia na sua terra natal, depois substituiu durante algum tempo Pomponacio em Bolonha. Foi membro do «Conselho dos Dezaseis» em Veneza, desde 1534 a 1548, e embaixador em Roma de Gui de Ubaldo, duque de Urbino, de 1560 a 1564. Tratou de assumptos de moral e litteratura em dialogos imitados de Platão e de Cicero. Compoz uma tragedia intitulada *Canace e Macarea* em 1546, imitada de Seneca, e considerada durante muito tempo como uma obra prima.

A tragedia *Horazia*, em verso, é devida a Pedro Aretino, celebre escriptor satyrico, nascido em Arezzo, d'onde lhe vem o nome, em 1492, e fallecido em Veneza em 1557. Passou toda a sua mocidade em Perusa, depois de ter estudado na universidade d'essa terra e de se ter dedicado durante algum tempo á pintura. Dirigiu-se a Roma no pontificado de Leão X, tornando-se notavel pelo seu espirito satyrico, mordaz, que poz primeiro ao serviço de Leão X e, mais tarde, ao de Clemente VII. Estes dois Medicis foram os seus dois primeiros protectores, mas não satisfizeram completamente a sua ambição, que era grande, e sahiu de Roma em 1525, para ficar ao serviço de um outro Medicis, João dos Bandos-Negros. Tendo morrido este *condottiere* em 1517, Aretino estabeleceu-se em Veneza. Gosava já de grande fama sem ter feito mais que pasquins, pequenos escriptos satyricos em prosa, ou as mais das vezes em verso, que circulavam clandestinamente e em que elle era primoroso.

Em Veneza, alojou-se n'um palacio das margens do Grande-Canal, e a opulencia em que teve a habilidade de viver n'uma época em que os maiores poetas, como Ariosto, eram obrigados a estar a soldo de um principe, n'uma especie de domesticidade, para não morrer de fome, deu origem a todas as especies de fabulas que os documentos desmentem. A habilidade de Aretino consistiu em arranjar varios amos, para não estar subordinado a um só; a tornar-se



GIOVAN GIORGIO
TRISSINO

pensionista simultaneamente dos Medicis, de Carlos V e de um certo numero de principes italianos, como o duque de Urbino, o principe de Salerno, o marquez del Vasto, bem como os representantes do imperador da Italia. O dinheiro que soube arrancar-lhes provinha muito menos, apesar de tudo quanto se tem dito, do receio que inspirava como satirico que da sua espezteza em lisonjear e em servir os seus diferentes protectores, em provocar as generosidades de um divulgando as liberalidades dos outros. As obras que redigiu nos generos mais diferentes, a partir de 1532, alcançaram todas uma voga consideravel, e collocaram-no á frente dos litteratos do seu tempo, o que explica perfeitamente o preço que os principes puzeram á sua amizade. São ellas, a par de muitas outras, o seu theatro composto de cinco comedias:

Cortigiana, 1534; *Il Marescalco*, 1535; *Ippocrito*, 1542; *Il Filosofo*, 1546; *Talanta*, 1550; e a tragedia em verso, a que atrás se fez referencia, *Horazia*, 1546, baseada no mesmo assumpto que a de Corneille, o combate dos Horacios e dos Curia-cios.

As tragedias *Didone* e *Marianna* são devidas a Ludovico Dolce, nascido em Veneza em 1505 e fallecido em 1568. Além de traducções de Horacio, Virgilio, Cicero e de Seneca, etc., escreveu: *Dialogo della istituzione delle donne*; *Osservazioni nella volgar lingua*, as duas tragedias a que nos referimos, a ultima datada de 1565, e *Vidas* do imperador Carlos V e do imperador Fernando.

A tragedia *Adriana*, representada antes de 1561 a 1586 e que se baseia na historia de Romeu e Julieta, é devida á penna de Luiz Grotto ou Grotto, poeta veneziano chamado o *Cego de Adria*. Nasceu em Adria em 1541 e finou-se em Veneza em 1585. Perdeu a vista pouco depois de nascer, o que não o impediu de se dedicar ao estudo com amor. Além da tragedia *Adriana*, escreveu as comedias *Emilia*, *O tesouro*, *A Alteria*; poesias pastoris, cartas familiares, e uma edição, muito correcta de *Boccacio*.

Torquato Tasso era filho do poeta Ber-

nardo Tasso. Nasceu em Sorrento em 1544 e expirou em Roma em 1595. Frequentou na universidade de Padua theologia, philosophia e jurisprudencia, Tornou-o conhecido o poema de cavallaria *Reinaldo*, que publicou aos dezasete annos e que foi acolhido pelos applausos entusiastas de toda a Italia. Chamado á côrte do duque de Ferrara Affonso II em 1565, nomeado gentilhomem do cardeal Luiz de Este, irmão do duque, a quem acompanhou a França em 1571, recebido com favor pelo rei Carlos IX, decahiu pouco depois das graças do cardeal, mas de regresso a Italia, abriram-lhe os braços com a mesma benevolencia que antes, consagrando-se á composição da sua *Jerusalem libertada*, já delineada nos seus primeiros versos antes da partida. Nos intervallos, escreveu, em 1572, *Aminta*, comedia pastoral, que ficou como modelo no



PEDRO ARETINO

genero. Foi em 1575 que terminou a *Jerusalem libertada*, e antes mesmo de ser impressa (só o devia ter sido em 1580) principiaram as infelicidades do poeta.

Convém, em primeiro lugar, pôr de parte a lenda que espalhou que Tasso, enamorado da irman do duque de Ferrara, Leonor de Este, fôra surprehendido e depois expulso pelo seu protector e por fim encerrado, como reincidente, n'um hospital de doidos. A causa das infelicidades de Tasso deve-as á sua prodigiosa fatuidade. Pensara em explorar a generosidade dos pequenos principes italianos, cujos antepassados glorificava, e alienou a amizade do duque de Ferrara addiando sempre a dedicatoria que lhe devia fazer do seu poema. Apoderou-se d'elle o delirio da perseguição. Em 1577 fugiu, durante a noite, do palacio de Ferrara, refugiou-se em casa de sua irman, em Sorrento e pediu depois ao duque a continuação de relações. O duque restituiu-lhe os seus antigos aposentos e admittiu-o novamente á sua meza. Tasso fugiu outra vez e percorreu ao acaso a Italia.

De volta a Ferrara, decorrido algum tempo, chegou ao palacio do duque no momento em que elle dava grandes festas para celebrar o seu segundo casamento com Margarida de Gonzaga, 1579; ninguém se im-

portou com elle e o duque recusou-se a recebê-lo. O poeta excedeu-se a ponto de injuriar o seu bemfeitor, e Affonso mandou-o metter no hospital de Sant'Anna. Foi ali que o viu Montaigne, que d'elle se lembrou nos seus *Essais*. A *Jerusalem libertada* foi impressa em Veneza, em 1580, por um manuscrito roubado ao poeta durante o seu captiveiro. Logo que ficou livre, Tasso oppoz-se formalmente a qualquer publicação. Receava as censuras ecclesiasticas, e, ameaçado de excommunhão, declarou que se submeteria a todas as exigencias do Santo Officio. Ora, nenhuma passagem da sua obra era bem vista pelo sagrado tribunal, e Tasso resolvera refundir tudo quando o livro appareceu.

Não quiz reconher como sua tal publicação, e, quando o restituiram á liberdade em 1586, depois de sete annos de duro sequestro, consagrou-se ao novo poema, *Jerusalem conquistada*, que desejava compôr segundo o plano traçado pelos inquisidores e a quem queria fazer esquecer e sua obra prima. Esta *Jerusalem conquistada* só appareceu em 1593. Uma epopéa sobre a criação, *Sette gionarte*, apenas se imprimiu em 1607, depois da sua morte.

Tasso passou o resto da vida vagueando de cidade em cidade, luctando muita vez com a miseria, e sempre devorado por sombria melancolia. O cardeal Aldrobandini, eleito papa com o nome de Clemente VIII, quiz reaccender na alma do poeta o sentimento da vida com o da gloria, renovando para elle o triumpho e a coroação no capitolio. Não estavam ainda terminados os preparativos da festa quando Tasso morreu. Para o theatro escreveu a tragedia *Torrismondo*, traduzida em francez por Vion, em 1836, que contém bellas situações e côros magestosos.

A tragedia *Il Tancredi*, publicada em 1588, pertence a Frederico Asinari, conde de Camerano, nascido em Asti. Serviu nas tropas do duque de Saboia, Philiberto-Manuel, nas do imperador Maximiliano II e cultivou a poesia. A tragedia *Il Tancredi*, foi primeiro attribuida a Tasso e depois a um dos seus parentes, talvez a seu filho Octaviano Asinari.

A tragedia *Merope*, a ultima em que fi-

gurou o côro fixo, foi escripta por Pomponio Torelli, nascido em 1539 e fallecido em Parma em 1608. Pertencia á familia dos condes de Guastada, viajou em França, casou no seu regresso com uma sobrinha do papa Pio V e conquistou a confiança do duque de Parma, Octaviano Farnesio. Nas suas obras litterarias, numerosas, encontram-se outras tragedias além da *Merope*.

A tragedia *Soldato*, de Leonico, publicada em 1550, gosa da fama de originar na Italia a *tragedia cittadina*, ou tragedia domestica.

Mondela tratou, em 1582, assumptos de historia moderna na sua *Isifile* e Fuligni seguiu-lhe no encaço, em 1589, com o *Bragadino*. O uso, ou melhor o abuso de introduzir no seculo xvii arias musicas nas tragedias constituiu um perigo serio para a sua existencia. Alguns historiadores attribuem a Prospero Bonarelli, auctor da tragedia *Solimano*, o ter rompido com a tradição e acabar com o côro na tragedia italiana. Prospero Bonarelli Della Rovere nasceu em Urbino ao que parece, em 1588, e morreu ali em 1659. São suas, como dissemos, as tragedias *Solimano*, 1619, e *Medoro incoronato*, 1645, e as comedias *Abbagli felici*, *Fuggitivi amanti* e *Lo spedale*, uma pastoral tragi-comica, etc. Seu filho Pedro tambem escreveu para o theatro e acompanhou a França, em 1640, o legado Mazarini.



TORQUATO TASSO

Ferrante Pallavicino auctor da tragedia *Erminigildo*, publicada em 1655, quiz fazer uma innovação no genero empregando o rythmo. O gosto do povo, porém, recusou-se terminantemente a aceitar semelhante novidade. Pallavicino nasceu em Plasencia, por volta de 1618. Refugiado primeiro em Veneza, por causa de um raptio escandaloso, publicou ali as suas primeiras obras Expulso da republica por causa da licenciosidade dos seus escriptos, dirigiu-se para a Allemanha e ahi escreveu violentas satiras contra os Barberinos e a curia romana. Commettendo a imprudencia de se aventurar no condado de Avignon, lá foi preso, e decapitado em 1644.

Antes de proseguirmos devemos citar o nome de Giovanni Andrea dell'Auguillara, nascido em Sufri, Toscana, em 1517 e fal-

lecido em 1570. Entre outras obras traduziu um *Edipo Rei*.

Giovanni Battista Giraldi, denominado *Cinthio*, nasceu em Ferrara em 1504 e morreu ali em 1573. Lecionou medicina e philosophia em Ferrara e depois foi secretario de Estado no tempo dos duques Hercules II e Affonso II. Occupou em seguida uma cadeira de eloquencia em Pavia e tornou-se membro da academia dos *Affidati* onde tomou o nome de *Cinthio*. Escreveu nove tragedias publicadas em Veneza, em 1583 e uma collecção de novellas. Ha d'elle uma tragedia muito falada a *Orbecche* que data de 1541. As *Hecatommithi*, novellas, publicadas em 1562, ás quaes Shakspeare foi buscar muitos dos seus themas, foram traduzidas em francez por G. Chappuys, com o titulo de: *As cem excellentes novellas*.

No seculo xvii, em 1635, appareceu a tragedia *Cleopatra*, a melhor obra dramatica de Francisco Pona. Medico e litterato, nasceu em Verona em 1594 eahi falleceu em 1655. Aos vinte annos tomou o grau de doutor em philosophia e medicina, adquiriu logo uma grande reputação e veio a ser, em 1651 historiographo do imperador Fernando III e membro das academias dos *Filarmonica* de Verona e da *Incogniti* de Veneza. Pona deixou mais de cento e dez obras, que tratam de materias medicas, philosophicas, historicas, poeticas, dramaticas, sagradas, etc.

A tragedia *Merope* de Maffei representa uma das mais ruidosas victorias da litteratura dramatica. O auctor escreveu-a á maneira dos gregos sem os copiar servilmente. Baseou-se na mythologia. Merope era filha de Cypselo e rainha de Messenia. O usurpador Polyphonte, assassino de Cresphante, marido de Merope, e de dois dos seus filhos, queria obrigá-la a casar com elle, quando apparece o terceiro filho *Æpytes* e immola Polyphonte n'um sacrificio. Maffei obteve um grande triumpho e inspirou a *Merope* de Voltaire. E' escripta em *versi sciolti*, verso solto, processo que Voltaire tentou imitar, mas sem grande exito.

Francisco Scipião, marquez de Maffei, poeta e antiquario italiano, nasceu em Ve-

rona em 1675 e ahi falleceu em 1755. Irmão mais novo do general Maffei, entrou, em 1703, ao serviço da Baviera e fez com elle a campanha de 1704. De accordo com Apostolo Zeno publicou em 1709 um periodico intitulado: *Giornale de letterati d'Italia*, e, com o fim de reformar o theatro, quasi inteiramente abandonado aos comicos da farça, fez representar, em 1713, a sua tragedia *Merope*. Depois de viajar pela França, Inglaterra, Hollanda e Allemanha, onde o receberam com as maiores distincções, mandou construir em Verona um museu e um observatorio. Entre as suas obras citam-se *Teatro italiano*, de 1723 a 1725 e *Dei teatri antichi e moderni*, publicado em 1753.

Angelo Ingegneri foi um curioso typo de escriptor dramatico. Nasceu em Veneza em 1550 e morreu em Turim ou em Veneza em 1613. Principiou por fazer traducções. De Turim, onde estava em 1578, e onde recolheu o Tasso fugitivo, passou para Parma, onde publicou, em 1581, uma edição da *Jerusalem libertada*; publicou tambem outra, no mesmo anno, em Casalmaggiore. Chamado a Guastalla, por D. Fernando Gonzaga II, para ali dirigir uma fabrica de sabão, Ingegneri não soube administrar os seus negocios, porque foi preso por dividas, em 1587. Encontra-

se mais tarde ao serviço do cardeal Cinzio Aldobrandini, em Roma, depois ao do duque de Saboia, em Turim, em 1602, onde tornou a conhecer os rigores da prisão. Deixou algumas poesias em dialecto veneziano, uma tragedia intitulada *Tomiri*, um poema contra a alchimia e uma obra de critica dramatica: *Discorso della poesia rappresentativa*.

Vicente Billota figura n'este estudo por ser auctor da tragedia *Paride*, representada em Napoles em 1638. Pertencia a uma familia illustre na litteratura, era descendente dos Valois e morreu no principio do seculo xvii. O papa Paulo V tomou-o para seu camarista. Era conhecido pelo *Thyrsis de Benevente* e tambem escreveu duas *canzoni* para casamentos.

Carlos Alexandre Guidi fez representar em 1680 a sua tragedia *Amalás semta Italia*. Nasceu em Pavia em 1650 e morreu em 1712. Contribuiu para banir da littera-



FRANCISCO SCIPIÃO,
MARQUEZ DE MAFFEI

tura italiana os *concelli* e o que era brilhante mas artificioso, mas introduziu, com o entusiasmo pindarico, a emphase na expressão e nas idéas. Ha d'elle: *Poesie liriche*, publicadas em 1681; a pastoral *Endimione*, representada em 1692; a cantata *Dafne*, que data do mesmo anno; *Poesia*, de 1701; *Seis homelias do papa Clemente XI*, traduzidas em verso, de 1712.

Algumas das composições dramaticas de Pedro Jacques Martelli ou Martello, como por exemplo as tragedias *Alcestes* e *Iphigenia em Taurida*, obtiveram um exito notavel. Nasceu esse poeta em Bolonha em 1665 e morreu ali em 1727. Foi secretario do senado em Bolonha em 1697, professor de litteratura na universidade d'essa cidade em 1707 e acompanhou pouco depois, como secretario, Philippe Aldobrandini, embaixador em Roma; mais tarde, em 1713, desempenhou o mesmo cargo em Paris com Pompeu Aldobrandini. Tentou baldadamente pôr em moda os versos de doze pés, rimando dois a dois e baptisados, por causa do seu nome, com a designação de *martellianos*. As suas obras foram publicadas em Bolonha nos annos de 1733 a 1735.

As tragedias *Irene* e *Aspasia* foram escriptas por Pedro Antonio Bernardoni, ou pelo menos representadas a primeira em 1695, a segunda em 1697. Nasceu esse poeta em Vignola, perto de Modena, em 1672, e finou-se em Bolonha em 1714. Em 1707 a côrte de Vienna d'Austria agradeceu-o com a dignidade de poeta imperial. Além d'essas tragedias escreveu: *I fiori*, publicadas em Bolonha, em 1694; *Rime varie*, em Vienna, em 1705, e dramas sem musica.

São estes os poetas tragicos de maior nomeada na Italia até fins do seculo xvii. Estudaremos no proximo capitulo os que se lhe succederam.

Quasi todos estes escriptores dramaticos foram buscar, como acabamos de vêr, á antiguidade. á Edade media ou á historia moderna, os assumptos para as suas peças, mas conservaram, no entanto, na acção e nas personagens a simplicidade dos classicos. E não exaggeramos dizendo que a Italia, paiz privilegiado das Bellas-Artes, foi a mais poderosa alavanca do theatro actual, embora outras litteraturas, nomeadamente a franceza, reclamem para si essa fama em honra.

II

Metastasio

Metastasio e a sua tragedia «*Attilio Regulo*» — *Campi* — *Gorini* — *Alfieri* — *Monti* — *Manzoni* — «*O Conde de Carmagnola*» — *Niccolini* — «*Antonio Foscarini*» — *Silvio Pellico* — «*Francesca di Rimini*».

Pedro Bonaventura Trapassi, conhecido pelo nome de Metastasio foi uma das glorias da Italia, que tantas conta. Nasceu em Roma em 1698 e morreu em Vienna em 1782. Pertencia a uma familia pobre; muito novo ainda mostrou espantosa facilidade para a improvização em verso, e compoz, aos quinze annos a sua primeira peça *Il Giustino*. Era uma imitação pura dos antigos, mas não tem merito. N'esta época, a conselho do jurisconsulto Gravina, que se incumbira da sua educação, Trapassi mudou o seu nome para o de Metastasio, palavra grega, que significa passar, e cujo sentido é o mesmo que Trapassi. Gravina morreu em 1718 deixando ao seu protegido quinze mil escudos romanos. Metastasio, depois de dissipar esta herança dirigiu-se a Napoles, em 1731, e ligou-se com uma actriz celebre, M.^{me} Bulgarelli, conhecida pela *Romanina*, para quem escreveu numerosas tragedias lyricas, que fizeram a sua reputação. A *Didone abbandonata*, principalmente excitou um entusiasmo universal. Tempo depois dirigiu-se com a sua companheira a Veneza onde fez representar *Siræ*, em seguida regressou a Roma, onde exhibiu, em 1727, *Catone*, *Ezio*, *Artaserse*, *Semiramide*, *Alessandro*. Chamado em 1730 a Vienna por Carlos VI não se limitou a compôr tragedias: *Demetrio*, *Issipile*, *Giuseppe riconosciuto*, *Demofonte*, *La Clemenza di Tito*, *L'Olimpiade*, escreveu para as magnificas festas que se davam então na côrte, peças, poesias, cantatas, etc. No entretanto, morreu *Romanina*, em 1734, deixando-lhe em testamento trinta mil escudos, que elle cedeu ao pobre Bulgarini, marido da cantora. Após a morte de Carlos VI, conservou-se em Vienna, onde Maria Thereza continuou a tratá-lo com grandes honras, mas as guerras que se seguiram e a devoção da imperatriz levaram-no a cessar com os seus trabalhos dra-

máticos. Occupou-se sobretudo a escrever uma *Analyse da Poetica de Aristoteles*, e *Observação sobre o theatro grego*.

Metastasio gosou, no seculo XVIII, de uma reputação immensa. Voltaire achava que muitas scenas das suas tragedias eram dignas de Racine. O que domina n'elle, é a melodia e a suavidade da versificação, a rara habilidade com a qual elle soube harmonizar o estilo dramatico com o rythmo musical; mas falta-lhe vigor originalidade, naturalidade. Deixou sessenta e tres tragedias lyricas e operas de diversos generos, um numero consideravel de cantatas, oratorias, cançonetas, sonetos, idyllios, elegias, etc. A melhor edição das suas obras é a que foi publicada por Pezzana, de 1780 a 1782.

Na tragedia *Attilio Regulo* aproveitou Metastasio o assumpto que a historia romana lhe fornece. Attilio Regulo, consul romano na época da guerra punica, foi aprisionado pelos carthaginezes. Estes enviaram-no a Roma, sob palavra, para tratar da troca dos prisioneiros. Attilio foi o primeiro a aconselhar aos romanos que não assentissem na troca, e voltou com essa resposta a Carthago, apesar das supplicas de sua filha e genro e apesar de saber que o esperavam os mais crueis supplicios. Os carthaginezes ficaram admirados com o regresso de Attilio, que ia espontaneamente entregar-se, para não faltar á fé jurada, a uma morte certa, e deram-lhe a liberdade. A tragedia contem scenas formosissimas.

Paulo Emilio Campi auctor das tragedias *Biblis* e *Wladimiro* ou a *Conversão da Russia* nasceu em Modena em 1740 e morreu em 1796. A primeira das suas tragedias obteve grande exito nos theatros italianos; a segunda data de 1777. Sustentou aturada correspondencia com Voltaire e dirigiu-lhe entre outras uma carta, em 1774, sobre o dialogo *Pegaso e o Velho*.

A tragedia *Jezebel* foi escripta por Giuseppe Corio, Marquez de Gorini. Nasceu esse poeta em Milão nos fins do seculo XVII e finou-se em em 1761. Estudou em Paris as obras primas do theatro francez. De re-

gresso á patria fez representar com exito peças imitadas de Corneille, Racine e Molière, que estão reunidas no seu *Theatro tragico e comico*, publicado em 1732. Ha inda d'elle: *Rimas diversas*, publicadas em 1724; *Politica, dirito e religione*, publicada em 1742 e *L'Uomo, rattato fisico-morale*, publicado em 1756.

Após estes appareceu o maior dos poetas tragicos da Italia o conde Victor Alfieri. Nasceu em 1749, em Asti, Piemonte, e morreu em Florença em 1803. Passou a mocidade nos prazeres e nas aventuras e percorreu n'uma carreira douda uma parte da Europa, sem outro fim, como elle proprio declarou, senão para *andar em movimento*. Só começou a escrever em 1775. O theatro atrahia-o, e escreveu vinte tragedias. Substituiu a maneira branda, effeminada e graciosa dos antecessores por um dialogo cerrado, nervoso e preciso, por um estilo varonil, puro, extramente conciso, cheio de imagens empolgantes e de pensamentos fortes, por uma acção sobria até á secura, por caracteres traçados com energia, por situações verdadeiramente tragicas e sentimentos elevados. As suas obras mais notaveis são: *Philippe II*, *Polynice*, *Antígona*, *Agamemnon*, *Virginia*, *Orestes*, *A conjura dos Pazzi*, *Don Garcia*, *Rosemonde*, *Maria Stuart*, *Timoleon*, *Octavia*, *Merope* e *Saul*. Em resumo, reconhece-se geralmente que é inferior aos grandes poetas modernos que trataram dos mesmos assumptos. Imitador da escola francesa, apesar das suas prevenções e negativas, ficou, segundo o habil critico Guiguené, á mesma distancia dos grandes tragicos francezes que estes dos gregos. Além do seu theatro escreveu uma *Historia da minha vida*, que foi traduzida em francez e um tratado *Da tyrannia*.

Alfieri no principio da sua carreira teve a felicidade de encontrar uma mulher cheia de encanto e de elevação, a condessa d'Albany, esposa dos ultimos dos Stuarts, cuja influencia o prendeu para sempre ao trabalho. Separado d'ella pelo capricho dos acontecimentos e do mundo, encontrou-a em Paris, onde fôra, para man-



PEDRO BONAVENTURA
TRAPASSI,
o *Metastasio*

dar imprimir as suas *Obras dramaticas*, e casou com ella quando enviuvou, em 1788. A condessa d'Albany mandou-lhe erigir, na igreja de Santa Croce, em Florença, um monumento em marmore, uma das obras primas de Canova, e que está collocado entre os tumulos de Machiavello e de Miguel Angelo. A condessa d'Albany publicou uma edição completa das suas obras em Pisa, de 1805 a 1815. As tragedias de Alfieri fôram traduzidas para francez por Petiot e publicadas em Paris, em 1802.

Na *Antigona*, imitada de Sophocles, Alfieri eliminou do seu trabalho todas as personagens subalternas que dão um certo valor á tragedia do poeta grego e não aproveitou mais que as figuras absolutamente indispensaveis á acção: Creon, Hemon e Antigona. Na *Agamemnon*, que subiu á scena em 1783, Alfieri apresenta um heroe fatigado de poder, desgostoso da gloria adquirida pelas desgraças da humanidade e procurando a paz da vida particular junto de uma esposa que o trahe e que lhe deve dar á morte. Nunca Alfieri levou mais longe o terror e a compaixão, e, entre as suas mais felizes concepções dramaticas, esta, pela simplicidade do plano, pela pintura das paixões, merece ser collocada em primeiro lugar. Na tragedia *Philippe II*, representada em 1774, por consequencia anterior ao *D. Carlos* de Schiller, baseia o seu entrecho na mesma tradição, hoje demonstrada ser falsa, e que fazia de D. Carlos o rival feliz de seu pae. Alfieri delineou nessa obra scenas de uma grande formosura; e reproduziu sobretudo com estupenda verdade a profunda dissimulação do monarca hespanhol.

Vicenzo Monti um dos mais versateis litteratos do universo nasceu em Ortazzo, perto d'Alfonsina e de Fusignano em 1754 e finou-se em Milão em 1828. Pertenceu, desde 1775, á Academia dos Arcades e foi para Roma em 1778. As suas primeiras poesias: *Visão de Ezequiel*, *Virginia*, *Sonetos sobre a morte de Judas Machabeu*, *Prosopopea de Pericles*, publicadas em 1779, poesias escriptas com sabor classico, attestam a variedade da sua leitura: Dante, a Biblia, Ossian, Marini. A sua primeira tragedia



O CONDE VICTOR ALFIERI

Aristodemo, posta em scena em 1784, é uma imitação de Alfieri, assim como o *Galeoto Manfredi*, de 1788, e o *Caio Graccho*, escripta de 1800 a 1802, mas imitações repletas de talento. A *Bassvilliana*, 1793, inspirada pela morte do enviado francez Bassville, trucidado pela população romana, poema verdadeiramente dantesco, escripto em *terzine*, constituiu o primeiro escalão de Monti através das numerosas palinodias de que a sua carreira foi semeada.

Ali mostrava-se profundamente monarchico e religioso; depois vêmo-lo alternativamente na *Musogonia*, chamar as armas da Austria contra os francezes; no *Fanatismo* e na *Superstição* maldizer o que elle chamava os crimes dos papas; na *Canção sobre o Congresso d'Udina* saudar o sol nascer de Bonaparte. Obrigado a refugiar-se em França, quando os austriacos tomaram a offensiva, foi para Paris, onde contava obter uma cadeira no Collegio de França, mas só recebeu um subsidio de quinhentos francos. Escreveu a proposito da morte do seu amigo Marcheroni, a sua *Marcheroniana*, obra odienta, cheia de allusões pessoaes contra os seus inimigos. De regresso á Italia, depois de Marengo, Monti compoz versos que todos os exilados puderam repetir com elle: *Bella Italia, amante Spondale*, 1802; a canção intitulada: *Fior di mia gioventute*, 1803; *Theseu*, acção dramatica, representada no Scala, e, no momento da coroação do imperador uma cantata em que a sombra do Dante aconselhava á Italia a procurar um rei.

Recompensado foi o seu lyrismo com a nomeação de professor de eloquencia de Pavia e com o logar de historiographo no novo reino de Italia. Monti celebrou desde então todas as victorias de Napoleão: *O bardo da Floresta Negra*, *A espada de Frederico*, etc. Isto não impediu ao ser vencido Napoleão que elle cantasse com o mesmo entusiasmo na *Mystica homenagem*, 1815, no *O convite a Pallas* e na *Volta d'Astréa*, o regresso dos austriacos. Deve-se-lhe uma boa acção na *Illiada*. A sua obra em prosa mais consideravel é a *Proposta de certas correcções e addições a*

fazer ao dictionario de la Crusca, 1818, obra em que as questões grammaticaes são tratadas com attractivo e espirito.

Antes de falar de Alexandre Manzoni, devemos citar Francesca Manzoni, auctora das tragedias sacras: *Esther*; *Abigail*; *Debhora*, 1735; *La Madre dei Maccabei*, 1727; e uma traducção dos *Tristes*, de Ovidio. Nasceu essa poetisa em Barsio, no Milanez, em 1710 e falleceu em 1743. Foi educada sob a direcção do pae, jurisconsulto de talento, e recebeu larga instrucção. Além das tragedias citadas, deixou varias poesias em diversas collecções.

Alexandre Manzoni nasceu em Milão em 1785 e morreu em 1783. Era, por sua mãe, neto de Beccaria. Publicou em 1805, em Paris, a sua primeira poesia: *Sur la morte de Carlo Imbonati*. Em 1807 voltou a Milão com sua mãe, e ahí publicou pouco depois o seu poema: *Urania*, bastante medíocre. Apesar das suas primeiras tendencias philosophicas, que herdara de Beccaria, o espirito de Manzoni sentia-se attrahido para o catholicismo; esta conversão accentuou-se com a publicação dos *Hymnos sacros* sobre as principaes festas da religião romana, 1810; era a aurora do romantismo na Italia. Duas tragedias, nas quaes a influencia de Goethe é visivel: *O conde de Carmagnola* e os *Adelchi*, succederam a estas primeiras producções. Teem partes muito notaveis; o seu defeito, reside no temperamento do poeta, demasiado calmo para traduzir a paixão e o terror. São mais feitas para se lerem que para a scena. Manzoni nunca se empenhou por que fossem representadas.

Os seus triumphos aos olhos dos letrados só se tornaram completos com o romance *Promessi sposi*, «Os noivos», que appareceu em milão em 1827 e tornou Manzoni verdadeiramente popular. As suas outras obras: *Discursos sobre a historia da Lombardia*, 1822; *Observações sobre a moral catholica*, 1834; a *Historia da columna infame*, 1842; pouco accrescentaram a sua reputação. A in-

fluencia litteraria que as suas obras exerceram fez-se sentir principalmente na lingua que Manzoni rejuvenesceu colhendo no seu manacial os diversos dialectos italianos.

As suas qualidades são sobretudo liricas, como o demonstram os coros das suas tragedias, a sua ode do *Cinco de maio de 1821* e certas paginas muito poeticas dos *Promessi sposi*. Immutavel nas suas opiniões, não cessou, sob o dominio austriaco, de pertencer á causa liberal. Talvez contra vontade sua, inspirasse os escriptos de Gioberti, de Romini, de Carlo Troya, de Massimo d'Azeglio, e secundado por isso mesmo o movimento nacional de 1847. Conservou-se tambem immutavelmente

invariavel na sua fé catholica. A sua morte produziu na Italia uma impressão profunda, e Milão chorou-o com funeraes quasi reaes.

A tragedia o *Conde de Carmagnola*, de Manzoni, é em verso, em cinco actos e appareceu em 1820. A acção desenvolve-se com grande simplicidade. Baseia-se na vida de Carmagnola, guerreiro italiano do seculo xv. Chamava-se Francisco Bussone e era filho de um aldeão de Carmagnola, d'onde lhe proveio o nome. Entrou como *condottiere* ao serviço do duque de Milão, Visconti, e obteve tantas victorias que o duque lhe deu a filha em casamento. Pouco tempo depois, porém, o sogro tentou desembaraçar-se d'elle porque o genro planeava fazer uma revolução semelhante á que mais tarde realizou Sforza. Carmagnola fugiu para Veneza e o duque confiscou-lhe os bens. Carmagnola, salvo milagrosamente do veneno mandado propinar pelo duque, pôz-se á frente das tropas de Veneza e de Florença contra Milão. Marcha sobre Brescia e obriga o sogro a assignar um tratado oneroso. A victoria no anno seguinte continúa ainda ao lado de Carmagnola. Apri-

siona o general contrario e dez mil soldados, mas em vez de marchar sobre Milão, conserva-se inactivo. liberta os prisioneiros e obriga Veneza a fazer a paz. O senado veneziano decide a morte de Carmagnola. Chama-o á cidade, onde é intro-



VIGENZO MONTI



ALEXANDRE MANZONI

duzido com grande pompa no palacio do doge; separado logo da comitiva, preso e amordaçado, levam-no á praça de S. Marcos onde o decapitam. A republica confiscou-lhe os bens, incumbindo-se, todavia, da subsistencia da viuva e estabelecendo dotes ás filhas.

Esta é a parte historica. Na tragedia de Manzoni os três primeiros actos abrangem scenas da vida militar do protagonista. Fere-se a batalha e Carmagnola vencedor solta os prisioneiros impellido por sentimentos de humanidade. Accusado perante o conselho dos Dez, tenta em vão defender-se, sendo condemnado á morte por traição por um tribunal mudo e mascarado. No quinto acto, Carmagnola marcha para o supplicio. O valor d'esta obra consiste na sua perfeita unidade, no encanto e na pureza do verso que a tornam uma obra classica do theatro italiano.

João Baptista Niccolini, um dos mais afamados poetas da Italia, nasceu em San Giuliano, Toscana, em 1785, e morreu em 1861. Ligou-se intimamente com Ugo Foscolo, que lhe dedicou, em 1803, o seu *Commentario da cabelleira de Berenice*, poema grego de Callimaco. A primeira tentativa de Niccolini appareceu em 1804: é o poema da *Peste de Livorno*. Protegido pela princeza Elisa, rainha da Etruria, obteve um logar de secretario na Academia das Bellas Artes de Florença, onde professou os cursos de historia de mythologia, de 1807 a 1808. A sua primeira obra dramatica foi a tragedia *Polissena*, 1810; appareceram em seguida *Edipo, I sete a Tebe, Agamemnone, Medea*, outras imitações do antigo, e depois *Matilda*, drama moderno, 1815; *Nabucco*, 1819, onde sob nomes antigos o auctor põe em scena Napoleão, Maria Luiza, Pio VII, Carnot, e faz a critica tanto da theocracia como do despotismo. Na volta do duque Fernando, Niccolini foi nomeado bibliothecario adjunto do palacio Pitti; mas querendo manter-se independente, abandonou a cõrte e ficou n'um estado precario até o momento em que um dos seus tios, ao morrer, lhe deixou uma bella riqueza.

Põde então entregar-se completamente ás

letras. Escreveu discursos em prosa. *Sobre a semelhança da poesia e da pintura; Sobre a formação da lingua*, 1818; *Sobre o sublime e Miguel Angelo*, 1825; etc. Emfim, em 1827, offereceu ao publico, depois de dez annos de silencio, uma obra notavel: *Antonio Foscarini*, seguida d'outros grandes dramas historicos: *Giovanni da Procida*, 1830, cujo exito foi immenso; *Lodovico Sforza*, 1834, bello estudo historico; *Rosmonda d'Ingilterra*, 1839, drama; *Beatrice Cenci*. O talento do poeta pareceu ainda ampliar-se nas suas ultimas obras dramaticas, inspiradas pelo patriotismo mais elevado: *Arnaldo da Brescia*, 1845, sua obra prima, e *Filippe Strozzi*, 1847. A sua ultima obra: *Mario e os Cimrios* não passa de um esboço. Niccolini é mais historiador que tragico e mais orador que poeta; busca sobretudo a verdade, a exactidão dos factos, das situações, dos caracteres; as suas personagens são verdadeiras, embora de uma verdade muitas vezes ideal. Pelo seu estylo nervoso e colorido, conciso sem secura, mantem-se n'um justo meio entre os classicos e os romanticos. As suas *obras completas* appareceram depois da sua morte, 1860-1880.



JOÃO BAPTISTA
NICCOLINI

O drama *Antonio Foscarini* foi representado em Florença, em 1827, e é em verso. Niccolini aproveitou um assumpto historico. Existia em Veneza uma lei inflexivel: qualquer homem que entrasse de noite em casa de um embaixador estrangeiro seria condemnado á morte. Ora, a janella de uma veneziana, amante de Antonio Foscarini, filho do doge, era contígua á varanda do embaixador de Hespanha. Uma noite, estando em perigo de ser descoberto com a amante, para lhe salvar a honra, a troco da propria vida, Foscarini salta para a janella do representante de Castella. Depois, deixa-se encarcerar, condemnar e executar sem proferir uma unica palavra. A scena mais tragica é aquella em que Foscarini se encontra a sós com o pae, que comprehende que o filho não commettera nenhuma traição em detrimento do Estado, e que lhe occulta um segredo que lhe pode salvar a vida. O velho doge quer que o filho fale; interroga-o, con-

jura-o a responder; supplica-lhe que lhe diga a verdade e chega a ajoelhar-se-lhe aos pés. Antonio Foscarini soffre e chora, mas resiste. Inabalavel no seu silencio, deve calar-se e morrer, para não comprometter a amante.

Silvio Pellico nasceu em Salones, em 1789 e finou-se em Turim em 1854. D'um temperamento debil e de um character meigo, educado em sentimentos religiosos, que levou por vezes até á exaltação, compoz, depois de terminados os seus estudos, duas tragedias: *Leodamia* e a commovedora *Francesca da Rimini*. Professor n'uma casa rica, conheceu M.^{me} de Stael, Schlegel, Thorwaldsen e Byron, que traduziu *Francesca da Rimini*; em troca Silvio Pellico traduziu *Manfredo*. Foi preceptor dos filhos do conde Porro, em casa do qual se reuniam patriotas ardentes, quando, desejoso de conhecer a organização de uma sociedade que se envolvia no mysterio, commetteu a imprudencia de confiar ao correio uma carta em que perguntava quaes as obrigações que tinha a contrahir para se tornar carbonario. A missiva foi entregue ao conde de Babna, governador de Milão. Pellico foi preso, e, depois de um processo instaurado sobre apontamentos, sem defesa nem acreamento de testemunhas, condemnado á morte.

O imperador commutou a pena em quinze annos de *carcere rigoroso*, 1822, que o poeta cumpriu em Spielberg.

Confrange ler no livro *Le Mie Prigioni* «As minhas prisões», a narrativa das torturas moraes e physicas que soffreu. Soltaram-no em 1830. Os theatros de Turim quizeram representar as tragedias que Pellico compuzera durante o captiveiro: *Esther d'Engadi* e *Gismonda*, mas foram prohibidas pela censura. O maior exito litterario, porém, que alcançou deve-o a descripção do seu encerramento á *Le Mie Prigioni*, 1833. Silvio Pellico quasi se atemorizou. Vergado pelo soffrimento, submetteu-se inteiramente, diz-se á Austria. Nos ultimos tempos da sua existencia, vivia muito retirado, em Turim, em casa do marquez de Barolo, que o tomara para bibliothecario. Em 1834 publicou

os *Deveres dos homens*, obra que, apesar da sua monotonia, recebeu bom acolhimento do publico. As suas *Obras completas* conteem, entre outros trabalhos já mencionados, quatro tragedias: *Leomiero da Dertona*, *Conradino*, *Herodiada* e *Thomas Morus*; *cantiche* ou novellas em verso; poesias religiosas e mysticas, entre outras, paraphrases da *Imitação*; esboços de dois ensaios dramaticos, *Raphael de Sienne* e os *Français d'Agri-gente*. As suas *Cartas* foram colleccionadas por G. Stefani e traduzidas em francez por A. de Latour, em 1857.

Francesca di Rimini, italiana que viveu seculo XIII deveu a sua celebridade a Dante que a apresentou como heroína de um dos mais bellos episodios da *Divina Comedia*, no canto V do *Inferno*. Filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, e dotada de grande belleza, casara contra vontade com Lanciotto, filho de Malatesta, senhor de Rimini. Lanciotto era disforme; seu irmão mais novo, Paolo, pelo contrario, podia chamar-se um lindo rapaz. Francesca depressa desprezou o marido para se lançar nos braços do cunhado. Lanciotto surprehendeu-os e matou-os com a mesma estocada. Dante penetrando no circulo onde estão entregues ao supplicio as almas d'aquelles que o amor perdeu, vê duas sombras estreita-



SILVIO PELLICO

mente enlaçadas, arrebatadas pelo furacão infernal. Param um momento e Francesca conta-lhe a sua tragica historia :

— «Nós líamos um dia, por passatempo a historia de Lancelote e como d'elle se apoderou o amor; estávamos sós e sem nenhuma suspeita. Diversas vezes essa leitura nos fez levantar os olhos e empallidecer; mas essa historia tem uma passagem que nos perdeu. Quando líamos como esse amante tão terno beijou, com um sorriso, a bocca adorada, este, que nunca se separa de mim, beijou-me todo trémulo, nos labios. O livro e aquelle que o escreveu serviram-nos de intermediarios. Não lemos mais n'esse dia.»

A tragedia de Silvio Pellico foi representada em Milão, em 1815. Como tragedia falta-lhe movimento, mas o auctor teve o merito de escrever uma obra tragica original.

Os noctivaços de Lisboa

(Notas d'um reporter)

(CONCLUSÃO)

E os esturdios? Ah! sim, os esturdios! Quasi me ia esquecendo d'elles: são tão poucos e tão... *maus!* Podia até mesmo dizer que desapareceram com a ultima geração, que deixou a Bohemia a balões de oxigenio.

Com o advento da geração nova, vieram para a esturdia lisboeta algumas duzias de rapazolas de 15 a 20 annos, todos elles pequeninos e enfezados, mais parecendo necessitam de amado que de amante, troçando de tudo inconscientemente e não acreditando em nada, nem mesmo no amor. Sem

a natural e expansiva alegria da mocidade, quando se riem fazem-o como se estivessem n'uma sala aristocratica — por medida —, ou então como se fossem cavalariços — alvarmente, aos pinotes. As unicas notas alegres

da bohemia nocturna da capital dão-a ainda alguns, poucos, dos antigos que não se resignam a separar-se d'ella.

E' com esta mão cheia de creanças fidalgos ou afidalgados, com meia duzia de aficionados tauromachicos, outra meia de actores de terceira ordem e com a multidão anonyma dos inclassificaveis que em Lisboa se faz *la nocte*. Como?

Extincto o Augusto que,

com o Tavares, constituíam os centros *chics* da pandega nocturna, ficou este sósinho empunhando o glorioso sceptro. Mas bem depressa o Tavares teve de sofrer grandes transformações que attingiram a parte destinada ao pagode: os gabinetes. De quatro que eram, mais ou me-





UM ASPECTO DA «FLOR DE S. ROQUE»

estão quasi exclusivamente reduzidos a ser o refugio de aventuras discretas. A' porta que lhes dá serventia, na rua das Gaveas, pára ás vezes um trem, com cocheiro de imponente libré, para junto do qual os creados correm sollicitos e respeitosos, a receberem ordens de Sua... Excellencia (?).

Os esturdios invadiram então o Silva, que por esse tempo fizera reformas, substituindo as oleographias de casa d'hospedes, que ornamentavam a sala, por dois grandes espelhos, e o velho papel das paredes por outro a fingir talha, mas conservando aquelle elegantissimo aparador, a fim de a casa não perder de todo o seu antigo e distincto aspecto... N'essa saia ceiam os freguezes mais pacatos. Os bórquistas instalam-se nos gabinetes — vastos compartimentos forrados a papel

nos alegres, passaram a dois, porventura melhor decorados, mas mais soturnos. A esturdia fugiu de lá, e os pobres gabinetes

barato, de paredes quasi nuas e tendo, como unica mobilia, a grande meza das refeições, meia duzia de cadeiras, um aparador e uma

chaise longue a incommoda, mas indispensavel. *chaise longue*...

Ali faz as suas luculianas orgias a mocidade alfacinha. Durante toda a noite é uma berrata ensurdecadora, por entre a qual sobresaem avinhadas obscenidades em hespanhol e galanterias portuguezas de praça de touros, á mistura com o fado *rigoroso* acompanhado á guitarra, ou com tangos voluptuosos rithmados a castanholas.

A's duas por tres arma-se uma zaragata: é a amante de occasião do Chico Maldonado que se safou para o gabinete do Anacleto Tiburcio. Intervéem os amigos das partes em litigio, e tudo serena. Por volta das tantas, começam esses pequenos antros a despejar Pacas, Lolas e Consuelos, cada uma acompanhada do seu *homem* que, todo ancho, a leva pelo braço até á porta, onde o *Conde* ou o *Mira* as espera com a sua *lata de chá* — vulgo carruagem — para as levar a casa. — «São duas boas *facas*, patrão! Isto vae n'um rufo!» — E vae effectivamente n'um rufo, por aquelle Chiado abaixo, ou por aquelle Chiado acima, aos solavancos, a desconjuntar-se, n'uma corrida por tal forma doida que chega a imaginar-se cem vezes que a tranquitana se espalha de subito. feita em fanicos, sobre o basalto da calçada. A' porta do Silva fica de guarda o *Opportuno* — um velhote com cara de S. Pedro, que já em tempos teve

alguma coisa de seu. e agora está reduzido á triste condição de guarda nocturno do Amor...

Mas onde a Bohemia nocturna tem um tal ou quê de — permittam-me o exaggero —

montmartreana, é na Flór de S. Roque e no Royal. A Flór é um restaurantesinho situado no ultimo quarteirão da rua de S. Roque, á mão direita de quem sobe, onde, durante o dia, aufere alimentos em fraternal convivio uma pacata população de funcionarios publicos, officiaes de marinha, jornalistas, estudantes de escolas superiores e varias outras creaturas de bons costumes — e á noite, a partir das onze, dá guarida a alguns pandegos de espirito, a muitos outros que o não teem e a quantas sacerdotisas de Venus mantem o fogo do Amor Facil na cidade de Ulysses.

A Flór pertence ao Camillo, um velhote obeso, mas sympathico, digno filho da Galliza, que trata os seus freguezes como pessoas de familia, nos breves intervallos que o somno lhe deixa livre. Porque o bom Camillo passa a sua calma existencia a dormir — desde que se senta ao balcão, de manhã, até que de lá sae, pela madrugada. Por isso, ás duas por

tres, o freguez desprevenido sente-se estremecer nos seus fundamentos, ao ouvir os accordes sinistros de uma aria estranha, que dir-se-ia cantada por Lucifer n'um momento de bom humor: — E' o Camillo a resonar.



O PRATAS

A Flôr constitue para as mundanas lisboetas de varias cathogorias, edades e... côres, um lugar de *repouso*. Por mais mal cabida que pareça aqui esta palavra, ella é realmente a apropriada. Com effeito, ao entrarem ali, todas, ou quasi todas, deixam á porta o interesse, porque só vão procurar alguns momentos de distração, de alegria sincera e espontanea, que n'esses breves instantes lhes façam esquecer as miserias da sua vida. E assim, fraternizam despreocupadamente, quasi infantilmente, com meia duzia de bohemios de espirito, outra meia que o não teem, um ou outro estudante, um ou outro jornalista, até que os primeiros alvares da madrugada as façam voltar á realidade da vida, a não ser que, entretanto, se tenha esboçado qualquer pequeno romance que vá ter o seu desfecho n'um quarto independente das immediações...

No Royal já não succede o mesmo. O Royal á noite é um verdadeiro mercado do Amor. As *cocottes* vão ali, como Dianas de novo genero, á caça do *pato* nacional ou forasteiro, mas especialmente d'este ultimo, que ao Royal accorre quasi machinalmente, por instincto, como um enxame de abelhas cae sobre um prado em flôr. Por isso, durante toda a noite é uma lucta feroz a *bocks*, calices de Benedictine e *omolettes* de camarão, a ver quem hade... ser conquistado pela Lolita, pela Deolinda ou pela Collete... De resto, o local convida a estas justas amorosas. A sala — ampla, alegre, cheia de luz e de côr — deita sobre a praça Duque da Terceira, ao fundo da qual o Tejo, banhado de luar, parece uma enorme giboia de prata que se arrasta lentamente para se ir afogar no Oceano...

São cêrca de quatro horas. Vamos agora ao Central, o restaurante da bohemia de meia tigela. Mas tomemos pela rua do Ale-

crim, para passarmos de novo ao *Salon Bleu*. O trajecto é mais apropriado para uma excursão d'esta natureza.

A' luz mortiça dos candieiros divisam-se, subindo acabrunhadamente, alguns derreados batoteiros, a quem a Sorte expulsou das alfurjas circumvisinhas. Não se conhecem, porventura nunca se viram senão n'aquella noite, deante do panno verde; mas como a infelicidade solidarisa as almas... infelizes, durante a marcha vão-se aproximando uns dos outros, a pouco e pouco, até chegarem a constituir um grupo unico, em que se discute o *caso* especial de cada um:

— Ah! aquelle 32! Toda a noite a jogar n'elle, e só veiu quando eu já estava sem vintem! Se tem vindo cinco minutos antes, salvava-me!

— E o meu *salto*, que estava tão bonito! Se não fôsse aquella maldita scena de copas!

— Eu ainda *appellei* uma *armação* de duas *corôas*. Mas não joguei mais, para ao menos salvar a ceia!

... O *Salon* está deserto. Apenas o *Opportuno*, que vem do Silva em missão diplomatica, o atravessa apressadamente, dirigindo-se para o lado da rua das Gaveas. Pelo Chiado acima veem já, tiritando, alguns vendedores de jornaes, a caminho das respectivas officinas de impressão. A' es-

quina da rua Ivens palestram o D. Antonio Almada, o conde de Lagoaça e o Antonio Manuel que sahiram do Gremio e ali aguardam a passagem de tipoias que os conduzam a casa. Na rua do Carmo, o esforçado guarda nocturno, terror dos gatunos, cavaqueia com o policia de giro, e lá em baixo, á esquina do Rocio, um cego vende cautelas.

Subamos a calçada do Carmo. Cá está o Central. Duas ligeiras pancadas no vidro da porta, e esta abre-se como que por encanto, dando-nos passagem para uma grande sala



UM TYPO POPULAR

com uma inconcebível decoração *arte nova*. Ao centro e aos lados, tres enormes filas de mezas; ao fundo, o balcão, occupando a esquerda, e á direita uma grande porta dando para os gabinetes, onde *cocottes* baratas e *patos* burguezissimos estão fazendo uma respeitavel chiadeira.

As mezas da sala encontram-se quasi todas tomadas por jornalistas sem cotação, empregados do commercio, actores modestos, vadios mais ou menos bem postos, um ou outro cocheiro, um ou outro toureiro de inverno. Lá está o Pratas, o typo do bohemio macambuzio. Surge para a vida depois da uma da madrugada, dirigindo-se logo, pausadamente, para a *Ginginha*. Póde chover a potes, cahirem raios e coriscos, que elle não apressa o passo. Uma vez na pequena locanda da rua de Santo Antão, põe-se a bebericar e a conversar com os outros freguezes ou, na sua falta, com o caixeiro, e só de lá sae quando a casa fecha — ás duas horas. Começa então o seu martyrio. Para onde hade ir? Se os fundos estão baixos, passeia até ás quatro horas, que é quando a policia permite que as casas de bebidas abram de novo, ou então senta-se n'um banco do Rocio e ali fica philosophando sobre a tyrannia policial. N'uma noite chuvosa fôram encontral-o assim, e como lhe perguntassem o que estava fazendo ali, com aquelle tempo, elle respondeu com uma grande ingenuidade: «— Estou á espera que a *Ginginha* abra...» Se os fundos estão altos, vae passar o interregno ginginaceo para o Central, onde agora o vemos, abancando sósinho a uma meza, com o seu *frack* e o seu chapéu mole, a sua bella barba preta e o olhar errante, denunciando uma dolorida nostalgia...

Quando Deus quer, arma-se no Central uma baralha medonha, e tudo aquillo, fre-

guezes, creados e patrões, vae parar á esquadra para ser autoado.

Além do Central, e da sua cathegoria, temos ainda o Madrid e o Paris, onde a vida nocturna é como a dos outros, mas mais comedida e mais pacata. As Hortas, o «Zé Azeiteiro», o «Agua Roxa», o «Zé dos Pacatos» e outros ainda, são um tanto ou quanto frequentados, mas a moda relegou-os já para um plano muito secundario.

Os esturdios de mais baixa condição escolhem naturalmente restaurantes mais modestos: o «Pae-sinho», na rua das Gaveas, quartel general do Fado rigoroso, isto é, do exercito do Vicio que occupa todo o Bairro Alto; o «Canario», junto do Central e em cujo enorme e complicado subterraneo se póde fazer o maior barulho, ferir ou mesmo matar, que ninguem cá fóra dará por isso; o «Tacão», na travessa da Boa Hora, onde se encontra o bello grão temperado; o «Constante», na travessa da Palha, que tambem toda a noite dá de comer a quem tem fome, e mais dois ou tres que carinhosamente recolhem durante algumas horas aquelles que só gostam de ir para casa quando o gallo canta.

Como já passa das quatro, vamos até á *Ginginha*. Lá encontramos gente de todas as qualidades e feitios, vinda dos restaurantes mais *chics* ás tabernas mais immundas. Ali tudo fraternisa, áquella hora, desde o fidalgo estouvado ao plebeu esturdio e ao operario que vae para o seu trabalho.

Lá está, a um canto, o fiel Pratas que só finalmente se resolve a recolher á sua thebaida quando a calma serenidade da manhã é despertada pelo *brou-ha-ha* da Praça da Figueira e pelos agudos pregões das saloias, elevando-se de todos os lados:

— Ióóó... leite!



UM TYPO DAS RUAS

SALAMANCA

(Impressões)

*Numa palpação de relicario velho
Salamanca — a vetusta — ergue as fachadas de oiro
Tostadas desde outr'ora ao mesmo sol vermelho
Que aloura a vasta seara e morde o sangue ao toiro.*

*Em volta nem canções nem os choupos em fila
Ouvindo á beira d'agua a voz do rouxinol :
A terra larga e negra onde o arado scintilla
E na arena do espaço — indomavel — o sol.*

*Mas dentro, ante o esplendor das suas frontarias,
Mortas com altivez como mumias reaes,
Escutam-se pairando as longas symphonias
Que exhalam, flor's da arte, os blocos ancestraes. . .*

*Blocos em que o cinzel, como um plectro dourado
Vibrado pela mão d'um menestrel sem par,
Tocou d'alguma vez, no fundo do passado,
Deixando-os para sempre em extase a cantar. . .*

*Lyra monumental, lyra augusta e sonora
A' qual a sua corda amarrou cada idade,
Lyra d'onde se esvae pelos seculos fóra
Uma onda immortal de mysterio e saudade. . .*

*Rhapsodia de granito atravessando as éras
E vindo desmaiar em nosso coração,
Como alguém que ao morrer nos confessa as chimeras
Que lhe foram na vida a occulta aspiração! . . .*

*Das érmas cathedrais nas ogivas suspensas
Ouvem-se inda arrulhar perdidas orações :
Dir-se-ha que a alma exul das moribundas crenças
Veiu fazer o ninho entre os seus mil florões ;*

*De recanto em recanto uma aza estremece,
Uma aza fugiu pelas naves além,
Inda arqueja no alto um fremito de prece
E da sombra ogival um gorgueio nos vem.*

*Inda a pedra murmura uma supplica etherea
E extaticos de azul os altos corucheos
Desabrocham no ár sobre a nossa miseria
Na somnambula paz de quem avista Deus!*



*Mas já solemne e forte, expondo entre as arcadas
Os velhos medalhões com seus nobres perfis,
Um palacio recorda as raças brazonadas
De guerreiro arcabouço e gestos senhoris...*

*Já na pedra palpita a reverente graça,
O garbo cortezão d'outra edade distante :
Dos relêvos á flor um requembro perpassa
E um emblema lavrado é uma phrase galante.*

*Nas viellas medievais, sob a humida teia
Que o passado bordou na penumbra dormente,
Nas viellas medievais plange, esmaéce, ondeia
O cántico da lenda ignorada e gemente...*

*E mansa a alma antiga em minha alma pouza,
Vive da minha vida e floresce outra vez...
E eu amo... eu sinto... eu choro a magua misteriosa
D'alguem que ali chorou ha seculos talvez!*

*Soluça-me no peito uma saudade errante,
Desmaia no meu labio um beijo sem calor
E um coração de cinza — eterno agonizante —
Carpe dentro de mim não sei que esparso amor.*

*Alongam-se espectrais as alas dos mosteiros
Onde a cella inda zumbe e verdeja alecrim,
E os collegios ao lado evocam sobranceiros
As altas discussões troantes de latim.*

*E grave e doutoral, como a caveira nua
D'um antigo propheta abandonada ao vento
Em torno a cuja morte inda treme e fluctua
Um halo sonhador de immortal pensamento.*

*Ei-la a Universidade em sua pompa lendaria
Que o Tempo foi tecendo e a Gloria coroou,
Crestada ainda a fronte esplendida e mortuaria
Da chama espiritual que lá dentro habitou.*

*Ei-la a que outr'ora ousou, pitonisa incendiada
Na furia da verdade indomita e pagã,
Arrebatat sem mêdo os segrêdos da vida
Ao livro azul de Deus e á garra de Satan.*

*Mas tudo adormeceu, e ao longo da fachada
Calma de pensamento, impregnada de som
Como o vento atravez da floresta sagrada
Marulha a bronzea voz de Fray Luis de Leon!*



MACAU

Apontamentos historicos — A incuria portugueza nas relações com a China — De Lisboa a Macau
— Macau pittoresco — O anno novo china — A procissão do Dragão

(CONCLUSÃO)

FM 1874, salvo erro, por influencias inglezas, poz-se termo á emigração. Foi-se a illusoria prosperidade, e ficou-nos uma colonia sem recursos agricolas, e sem instrumentos de trabalho para a função commercial, unica que podia exercer.

O temeroso tufão de setembro de 1874 arrasou a cidade, e para a reedificar teve o governador, que em dezembro tomou posse, de contractar, com auctorisação do governo de Lisboa, um emprestimo em Hong-Kong. Ia a obra de reparação em começo, quando o tufão de maio de 1875 veiu agravar o estado de ruina da cidade, causando novos e grandes prejuizos, abatendo a ala direita do palacio do governo, em que houve numerosas victimas, estando prestes a perecer a familia do governador, de que faziamos parte.

Desde então, a colonia tem seguido n'um caminho de decadencia, a que não obstaram as illusorias prosperidades d'alguns annos de augmento no rendimento do fantan e das loterias chinezas, principaes receitas da colonia.

Quando veiu a ultima sublevação na China, contra os europeus, em que fôram atacadas as legações em Pekin, o que determinou a occupação por forças das potencias, houve um novo ensejo para Portugal se fazer representar, e obter um tratado e delimitação de fronteiras. Fallou-se n'isso nos jornaes de Lisboa; mas, como de costume, nada se fez, por a politica não dar tempo de pensar em coisas serias.

Tarde e a más horas, se enviou um ministro plenipotenciario, com a ingrata missão de negociar contra o mau humor da China, ferida no seu orgulho e nas tradições de isolamento, pela abertura de novos portos a que as grandes, potencias a tinham constrangido.

Viu bem a situação o nosso plenipotenciario, o sr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco. Compreendeu que era inutil, em tal momento, agitar a questão melindrosa do reconhecimento da nacionalidade portugueza e delimitação de Macau, tratando antes de mover a China pela conveniencia, unica mola effectiva, quando se não pôde uzar da força.

Mau grado a indisposição dos celestes

vencidos, e o seu espirito refractario á civilisação europêa, era fóra de duvida que a abertura de novos portos ao commercio estrangeiro, a construcção de vias de communicação e caminhos de ferro, fariam soprar no Imperio do Meio uma aragem de progresso, dando um safanão á immobilitade buddhica da estacionaria civilisação chinesa.

Pensou, e bem, o plenipotenciario de Portugal, que o salvaterio de Macau estaria em tornar a colonia uma entrada commercial para a provincia de Cantão, commoda e convidativa, ligando a colonia portugueza com a grande cidade china por meio d'um caminho de ferro, e poupando o commercio de cabotagem e o de longo curso, ao trajecto fluvial, cheio

de contratempos desde a bocca do Tigre até á capital dos Dois Quongs.

Que a ideia sorriu á China, prova-o a conclusão do tratado. E Macau, tornado um porto de grande movimento e util aos chinas, daria aos portuguezes uma baze importantissima, para reivindicarem, de direito, a sua nacionalidade estabelecida de facto.

Hoje, apezar da arrogancia chinesa ter

chegado a falar no recurso á guerra, o meio porque os celestes vão matando a nossa colonia é precisamente a inversa d'aquella prosperidade: é promovendo o exodo da população chinesa, a emigração dos commerciantes abastados, a extincção do commercio, confiando em que, á medida que o novo porto e cidade rival de Hong-

Shau prosperar, Macau irá perecendo de inanidade, até que de nada valha e facil lhes seja expulsar-nos d'ali.

Mas o tratado negociado pelo sr. Azevedo Castello Branco não foi ratificado, por desleixo, ou cousa peor, da politica portugueza!

E depois d'este lindo remate á quasi centenaria ineptia dos nossos governos, é no momento em que a China,

que não desconhece os nossos descalabros: os Sanatorios da Madeira, Lourenço Marques, Angola, S. Thomé e a crise interna do Continente, julga o momento azado para nos apertar a garganta, que nos lançamos em perigosas negociações, exigindo á China não só a posse de Macau, mas este mundo e o outro!

Oxalá o resultado da inoportuna tenta-



GENERAL JOAQUIM JOSÉ MACHADO

tiva não venha a ser o que justamente receiam quantos conhecem um pouco o assumpto e o character chinês.

*
* * *

Tratemos, porém, de Macau sob um ponto de vista menos sombrio. a sua feição de cidade meia china, meia colonia europêa.

A viagem de Lisboa a esse nosso limitado dominio no Extremo Oriente, é das mais interessantes para qualquer europeu, e em particular para o portuguez, que por esses mares fóra vae percorrendo o theatro, e encontrando padrões, do tempo aureo dos luzitanos.

Seguindo a via mais frequente, é primeiro a França que o deslumbra com o progresso das suas grandes cidades; Bordeos, um pequeno Paris, e Marselha, que Puvis de Chavane intitulou em um dos seus quadros: *Porte de l'Orient*, e em cujas avenidas, praças e celebrados caes se acotovella uma concorrência variegada, composta das raças mais diversas de todas as partes do mundo, representantes de innumerous paizes, vestindo os seus trajos característicos.

Depois é Napoles, cuja bahia, unica, com o seu alteroso Vesuvio empennachado de fumo, e os seus barcos replectos de cantores e musicos, tem já o seu quê de sabôr oriental, dentro em pouco accentuado em Port-Said, onde o arabe, e o egypcio, com as suas caravanas demorando nas *gares* para atravessarem o Canal, animam, se é possível animar, a paisagem morta do deserto, a perder-se de vista nas miragens das areias prateadas tremeluzindo no horizonte.

No extremo opposto da obra colossal de Lesseps, Suez lança-nos em pleno Mar-Vermeelho, e por todo elle, até se aportar a Aden, revivem as recordações biblicas com o aspecto do Sinae, e as dos feitos gloriosos do grande Affonso d'Albuquerque.

Depois é Ponta de Galles, Singapura, e o Mar da India, que esse capitão, assim como Vasco da Gama, D. Francisco d'Almeida, e tantos outros navegadores e guerreiros illustres, tornaram theatro das façanhas portuguezas, e, finalmente, o Mar da China, em que fomos também os primeiros europeus que os filhos do Celeste Imperio conheceram.

Ahi surge Macau, uma peninsulasinha mycroskopica, ligada por um isthmo, pouco mais largo do que uma estrada, á grande ilha de Hiang-Chan.

Dão á pequena colonia portugueza um aspecto aguerrido e mediaval, as suas eminencias todas coroadas de fortalezas, como que a defenderem a cidade que se estende á beira-mar, do colosso tremendo da ilha da Lapa, erguida sobre o porto interior.

A mais alta d'essas eminencias é aquella em que se ergue a capella de Nossa Senhora da Guia, o pharol e a fortaleza do mesmo nome, sobranceira ao mar, e para o lado da terra, ao Campo da Victoria. Proximo d'ella, sobre a praia de Cacilhas, uma recordação do Tejo, ergue-se a fortaleza de D. Maria I, e proximo, do outro lado da estrada, a de Mong-ha, dominando o bairro china do mesmo nome, que entesta com o de Patane. Na elevação central, impondo-se tanto á parte europêa da cidade, como ao Bazar e bairros chinezes, ergue-se a fortaleza do Monte.

Na *Praia Grande*, magnifica avenida



RAPARIGA CHINA

Na *Praia Grande*, magnifica avenida

marginal sobre o porto exterior, ergue-se, n'um dos extremos, a bateria razante de S. Francisco, sobre a qual demora o quartel do mesmo nome. No outro extremo, já proximo da embocadura do rio, encontra-se a fortaleza de Bom-Parto, fronteira á ilha da Taipa, por nós occupada, e onde existe a fortaleza da mesma denominação.

Finalmente, na entrada do porto interior, acha-se a fortaleza de S. Thiago da Barra, em que existe uma capella com a imagem do Santo padroeiro dos antigos batalhadores portuguezes.

E' precisamente na sua frente, do outro lado do rio, que se encontra a decantada ilha de D. João, em que tantas vezes os chinas tem tentado implantar, com todos os matadores, mastros e insignias, uma nova alfandega.

Não faltam, pois, a Macau, baluartes de guerra, e tempo houve em que todos elles se achavam dotados com boa e numerosa artilheria. Hoje, não sabemos como se acham guarnecidos.

Macau é, além d'isso, uma cidade dotada com bons edificios, cuja construcção se tem ido melhorando, sob o ponto de vista da resistencia a offerecer aos terriveis e frequentes tufões, que em geral a visitam durante a monção do sul, trazendo a população com o crêdo na bocca desde maio a fim de outubro, época em que o vento muda principiando a monção do norte.

Entre esses edificios ha a notar os antigos conventos de S. José, Santo Agostinho, S. Francisco, e as ruinas da grande casa de S. Paulo, tudo obra dos jesuitas; os palacios do governo, o antigo e actual, que era o palacio do visconde do Cercal, a Sé, o hospital de S. Januario, a casa do Leal Senado, restaurada em 1875, o quartel dos

Moiros, e numerosas egrejas, sendo uma das principaes a de S. Lourenço.

Sobre o rio, em frente da pequena ilha Verde, em que ha uma dependencia do Seminario de S. José, existe uma frondosa matta, que encerra a celebre Gruta de Camões. Esta quinta e respectivo palacio são hoje propriedade do Estado.

Na parte, por assim dizer, europêa de Macau, ha muitas casas particulares de magnifica apparencia, chácaras e vivendas de construcção apropriada ao clima e pelo typo das que se vêem nas colonias de Singapura, Hong-Kong e Saigon.

A parte chinesa comprehende os dois bairros de Mong-Ha e de Patane, e a parte central da cidade, o chamado *Bazar*. Ahi as ruas, embora do typo absolutamente china, são mais largas do que as ruas de Cantão, e guarnecidas por bons estabelecimentos. E' no Bazar que ficam as casas de jogo de Fan-Tan, os *colôds*, ou casas de pasto, e as grandes lojas de armamento, em que até se vêem empilhadas peças de artilheria, e as salas de espectáculo, denominada: o *auto* china.

Como edificios notaveis da cidade chinesa, havia na época a que nos referimos, os dois bellos templos ou *pagodes*, da Barra, o da Porta do Cerco e o do bairro Mong-Ha.

Pelo anno novo china, a grande festa dos celestes, toda a cidade se acha engalanada. Noite e dia retumbam as bategas e tamtans, no rio e em terra, e não afrouxa um momento o estalar dos *panchões*, ou petardos chinezes. No Bazar, a multidão acotovelava-se, mil bancas de jogos diversissimos funcionam por toda a parte, e nos pavilhões enormes, armados com bambus, e guarnecidos maravilhosamente de plantas,



MULHER CHINEZA

espelhos, pinturas e profuzamente illuminados com balões e lanternas, as incriveis orquestras chinezas fazem-se ouvir, acompanhando as representações das peças classicas da velha litteratura dramatica do Imperio do Meio. De dia, a famosa procissão do Dragão, percorre as arterias do bairro chinez. A féra, bicha enorme, de lona pintada, em cujo ventre se escondem dezenas de *colees* que, nos seus endemoninhados saltos, dão o movimento do colear da serpe, pretende tragar com a descomunal bocarra o sol, representado por uma enorme bola, que um outro *colee*, ainda mais posséso do que aquelles, agita doidamente na sua frente. A multidão applaude delirante.



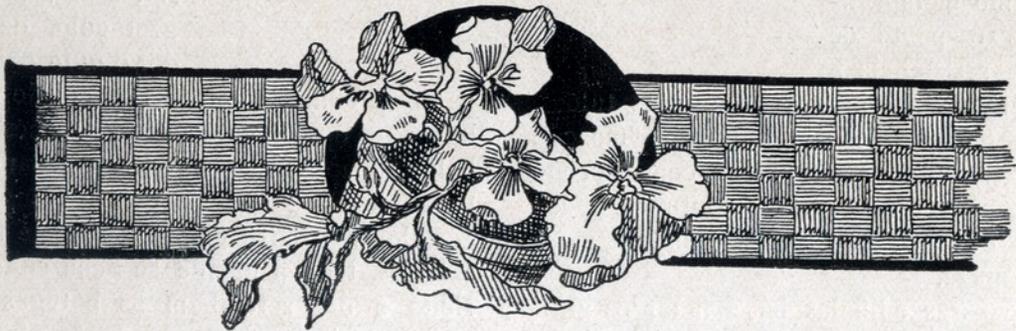
FIGURAS DO THEATRO CHINA

Tal era, muito rapidamente esquisado, o Macau de ha trinta annos, terra attrahente, de existencia agradavel, em que só havia um ponto negro: os tufões, e, peor do que os tufões, a interminavel questão das alfandegas chinezas.

Parece que o conflicto politico de sempre chegou agora a uma crise aguda, talvez mais grave do que todos os tufões até hoje passados á historia. Todos os que de Macau guardam uma boa recordação, fazem, sem duvida, sinceros votos, para que breve domine me-

lhor monção, trazendo a paz e a prosperidade á leal cidade do santo nome de Deus de Ma-au, padrão de seculares glorias para Portugal, que bem merecem ser mantidas.

ARTHUR LOBO D'AVILA.





FRONTESPICIO DO CASTELLO

O castello de Belmonte



Castello de Belmonte pertence ao numero d'aquelles que os primeiros monarcas de Portugal ergueram na linha da fronteira, esperando a arremetida castelhana.

Antes uma atalaia que um ponto de resistencia, ficava-lhe a descoberto na linha norte-sul, toda a região do valle do Zezere, estendida ao longo da Estrella por mais de doze leguas, enquanto para o oriente, do alto das ameias, a vista penetrava já muito em terras inimigas.

Aos invasores, com destino ao coração da Beira, defrontavam-se logo Alfaiates, Sabugal e Monsanto e, já quando a serra lhes parecia ganha, restava ainda dominar

a valentia rude dos adeantados de Belmonte, de quem a historia regista lealdades épicas.

Pobre de productos — arborescencias doentias, vivendo a morrer no solo granítico até meia encosta, onde o ar nevado começa a gelar as seivas — a terra é triste, searas de centeio apenas revestem de verdura os declives, a pegar com varzeas do valle do rio que enchem de fartura os lavradores.

D'algumas ravinas que cortam a serra, emergem, quasi a medo, arbustos fructiferos, angustiados da sombra, com as raizes descobertas, a terra para sempre a fugir-lhes, e quanto se póde descobrir pela extensão desigual da cordilheira, é d'uma nudez biblica, de que até as aves fogem, hostilizadas.

Quem atravessa em comboio a collina aspera a caminho de Benespera, vê recortar-se no azul do ar, já longe, o perfil medievo do castello e por noites enluaradas, ao fundo dos valles, vae a fortaleza surgindo, a limitar o scenario, altivamente serena.

Para a banda do léste, talhada em escarpa, já a paisagem muda, emquanto a vae protegendo a elevação por onde a villa foi assentando entre o verde-negro dos olivae.

Rebanhos pequenos — pastores ensamarrados vão de pedra em pedra, seguindo as rezes, tristes como ellas, que nem os chocalhos teem echo, por entre o pasto sempre secco, longe dos abrigos na terra virgem da Serra da Esperança, para onde certos frades fugiram do mundo.

Que solidão, santo Deus!

E para o serrano que lucha contra a ingratição das terras, nunca a alegria é franca, os dias correm-lhe como os passos d'um destino, vive quasi sempre abatido e poucas vezes lhe vem a lembrança de cantar.

Se em dias de sol passa pelos ares o som do pifaro, é á certa pastor novo que o toca, porque o velho só tem alma para a saudade do tempo em que o trazia sempre no sarrão, contente da vida, alimentado de leite e centeio branco — branco, que no meio das searas não cria a terra hervas daninhas que lhe escureçam a côr.

Para o pastor da Estrella e jacentes, como para os rusticos beirões, castellos que negrejem pelos altos, eram para deter a moirama que roubava, no tempo das guerras, os filhos por batizar...

Não têm ideia da lucha pela independencia e o hespanhol não se lhes ergue no espirito como o inimigo politico secu-

lar, é simplesmente o *estrangeiro* que falla outra lingua, hereditariamente repulsivo e mau.

Vive fóra da consciencia de Patria a que a ignorancia não lhe permite elevar-se e, se fóram sempre os beirões, desde os companheiros de Viriatho, os defensores mais

ardorosos da independencia — era apenas o receio de perder a cabana e o rebanho que os obrigava a converter o cajado em maça de armas.

O Estado existe como um jugo que é inevitavel supportar, nem a sua prosperidade ou ruina o interessam e só se lembra d'elle, quando chegam os mezes do imposto ou o anno de tirar as sortes.

A população rural que vive da terra e para a terra, desconhece inteiramente os beneficios que podem advir da associação politica e nos campos largos ou na sombra das rochas encontra a saude e a paz, em

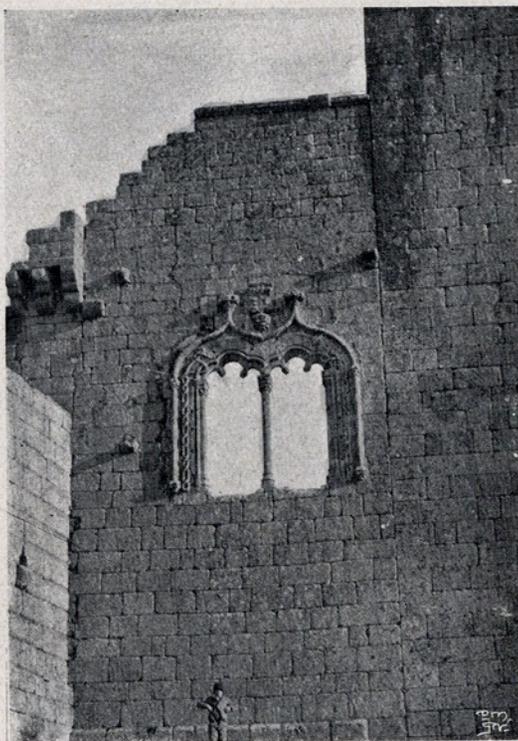
completo alheamento da vida nacional.

Em nenhuma outra região é maior o convívio do homem com a natureza: á maneira dos pastores de Virgilio, o serrano beirão deita-se á luz das estrellas, que lhe dizem as horas da noite pelos buracos do telhado, lê as invernias nos circulos vaporosos da lua e adivinha nas tintas esmeraldinas de que os poentes se velam os dias criadores e as colheitas abundantes.

Se a gente do litoral desdobra a actividade pela aventura da pesca e pelo amanho das gándaras — a vida aqui é sempre igual, alimentada mez e anno na esperanza dos productos da terra e do gado.

A' roda dos castellos, um camponez interrogado, saberá dizer lendas ingenuas ou deturpações de factos historicos.

Ninguem as fixa e transmite como elle, guardadas com o carinho d'uma revelação



JANELLA DO CASTELLO, ESTYLO MANUELINO

alta e verdadeira — do tempo em que ainda as pedras fallavam...

«... Um nobre cavalleiro, de capa de velludo e calção azul, chamava um dia as creanças que brincavam á porta do castello. Abriu o cofre onde guardava um caldeirinho d'oiro e, desatando uma liga a que o prendeu, tirava da cisterna agua muito fresca de que lhes deu a beber.

— Ide, que nunca a sêde vos afflija; diizei aos que vierem que dentro da torre do castello ha agua para toda a villa.»

N'um dia de inverno, o filho do castellão saíra á caça, como costumava. Perdido nos matos, anoiteceu-lhe longe e quando chegou pela luz das estrelas, fóra d'horas, já tinham trancado as portas do castello.

Veiu um assalto inimigo e, certo de perder o filho, não quiz o castellão sacrificar a fortaleza.

Além, no carneiro d'aquella capellinha, quando uma vez foram abrir a porta, encontraram sentado o esqueleto d'uma menina de treze annos, que tinham enterrado viva. Jesus!

Presentemente, o castello é uma ruina. Para o interior, onde é facil reconstituir ainda parte da moradia do alcaide-mór, entra-se por uma porta ogival n'um recinto em que alguns arcos de suporte mal vencem o entulho, de enterrados no desmonramento.

Da muralha, larga e resistente, já caíu a cornija, derruida pelo mau azar até ao nivel superior das janellas, quasi todas barbas reduções rectangulares de antigos

portados de volta inteira em todo o recinto.

Do pouco que lá existe agora, ao desamparo mais absoluto, e á falta de subsidios mais concludentes, podemos crer que a architectura do castello apresenta tres periodos, perfeitamente caracterizados: a construção primitiva de D. Dinís a que pertencem as portas ogivae inferiores; a restauração manuelina que abrange o corpo da torre de menagem, a reforma das muralhas a partir das portas e a linda janella para norte que dava luz para um aposento nobre; finalmente, as obras do seculo xvii que compreendem as casas dos senhores do castello, o remate ameado da torre e varias interpoções constructivas.

A janella manuelina a que a neve de quatro seculos roeu os frisos do peitoril, engastada de improviso na muralha como um caso de exilio, entre a construção nua do velho castello — é um primor de sobriedade e harmonia.

Os olhos que percorreram as pedras enegrecidas, cansados da aspereza da muralha — vigiando os cumes nevados e o rio que adormece ao longo do valle, surprehende-os aquella joia de granito, rematada pela esphera armillar e pelo braço famoso dos Cabraes, besantado de ouro.

A feição decorativa simples que um artista de longe lhe viu dar, ganhando em equilibrio esthetico o que a aspereza do granito lhe recusou em filigranas, devia torná-la um dos exemplares manuelinos mais perfeitos do paiz e a mais bella e gloriosa das construcções da nossa provincia.

Ali, nas paredes vetustas que ouviram os



CAPELLA DA SENHORA DA PIEDADE
PERTENCENTE A CASA CONDE DE BELMONTE
NO INTERIOR DA IGREJA

primeiros vagidos do descobridor do Brazil, devia esculpir-se a esphera armillar. Era justo.

O artista cinzelava uma apothese, acolhendo-a na curva dos florões estylizados, por baixo d'um brazão illustre, a cujos titulares pertenceria a gloria de descobrir meio mundo.

A familia Cabral estava ligada aos destinos das navegações e conquistas.

Na jornada de Ceuta, segundo refere Azurara, já Fernão Alvares Cabral tivera em sonhos uma visão na abra de Gibraltar, em que o Infante Dom Henrique lhe apparecia em lucta aberta com os mouros, vencendo-os com nobre esforço e galharda altivez.

O moço cavalleiro inquietava-se pela sorte do Infante, a quem ia servindo de Vedor no impedimento de seu pae, Luiz Alvares Cabral, que ia commandando uma das naus da armada.

Não passava ainda meio seculo depois que seu pae, Alvaro Gil Cabral, alcaide-mór da Guarda, acclamava rei o Mestre de Avis nas côrtes de Coimbra e recusava altivamente prestar homenagem ao rei castelhano a quem o Bispo traidor, D. Afonso Correia, offerecera a cidade estando em Hespanha, aonde depois se exilou para receber sem escrupulo um bispado por bulla do papa Clemente VII, de Avinhão, cabeça do Schisma.

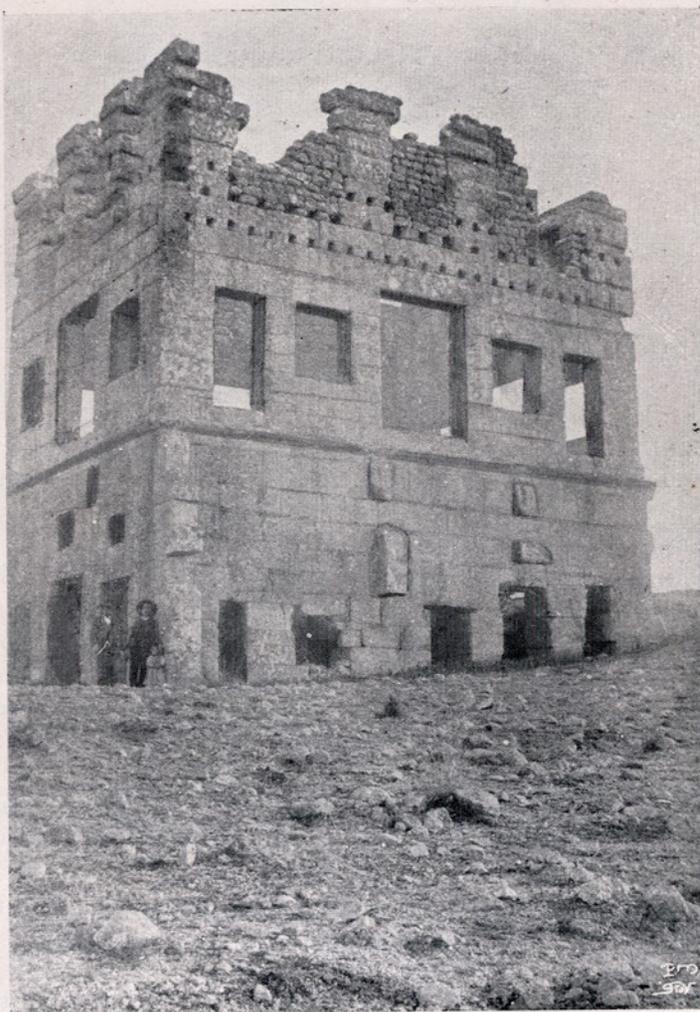
Frei Gonçalo Velho Cabral descobria os Açores e Fernão Alvares Cabral morria heroicamente ás mãos dos moiros nas muralhas de Tanger. Pelo seculo xv, a lealdade dos Cabraes tinha fama por todo o reino e Garcia de Resende podia escrever no seu Cancioneiro:

*Esripto trazem na fronte
Seu esforço e lealdade
N'aquella gran liberdade
Do castello de Belmonte.*

Em 1500, a conselho de Vasco da Gama, D. Manuel confia a Pedro Alvares Cabral a mais forte armada que no Occidente fôra vista, para ir á India mostrar o poderio do rei de Portugal, e o glorioso navegador descobria um novo continente e continuava sua derrota para os mares orientaes.

D'esta illustre familia existem em Belmonte muitas memorias e vestigios, quer em brazões e casas de habitação, quer na igreja matriz ao lado da qual se ergue o pantheon do seculo xvii com carneiro e alguns ediculos lateraes com inscrições.

No interior da igreja, junto ao arco cruzeiro do lado do evangelho, levanta-se uma capella abobadada em arcos ogivaes (seculo xiv) assentes em capiteis anteriores, cri-



TORRE DE CENTUN COELLI

minosamente branqueados de cal cada anno, os quaes é de presumir sejam restos do primitivo oratorio fundado em tempo de D. Dinís por Maria Gil Cabral, prima e esposa de Gil Alvares Cabral, progenitor da familia de Belmonte.

N'ella se vê um velho tumulo brazonado e um grupo tosco da *Piedade*, esculpado em rocha viva.

Toda a igreja em que é facil deparar com algumas peças primitivas, offerece elementos de estudo valiosissimos em capiteis, arcos, symbolos heraldicos, sobre os quaes fôram passando as tendencias e a inspiração apaixonada de cinco seculos de arte.

Depois do meado do seculo xvii, talvez logo após a Restauração, e por causa d'ella, cessam os documentos de architectura e deve ter-se accentuado desde então extraordinariamente a decadencia do antigo municipio fronteiriço que trazia cartas de foral desde Sancho I.

Quasi dois kilometros a norte do castello e proximo da estrada real, levanta-se no meio dos restolhos a *Torre de Centum-Cellas* (Centumcelli) a chamar na solidão da campina os reparos de quem passa.

Em volta d'esta exquisita construção teem circulado as mais estranhas phantasias, cuidando-a alguns antiquarios obra romana, onde esteve preso o papa S. Cornelio,

outros uma atalaia do tempo de D. Dinís, e já se tem chegado a imaginar que nos tempos recuados do rei Wamba, ali se demorou alguns mêses o papa S. Damaso.

Taes conjecturas de antiguidade derivam da existencia d'uma remota povoação d'aquelle nome a que Sancho I concedeu foral (1188) e que provavelmente não chegou a



VISTA TIRADA DO CASTELLO ABRANGENDO O ZEZERE
E PARTE DA SERRA DA ESTRELLA

repovoar-se, como aconteceu a muitas outras.

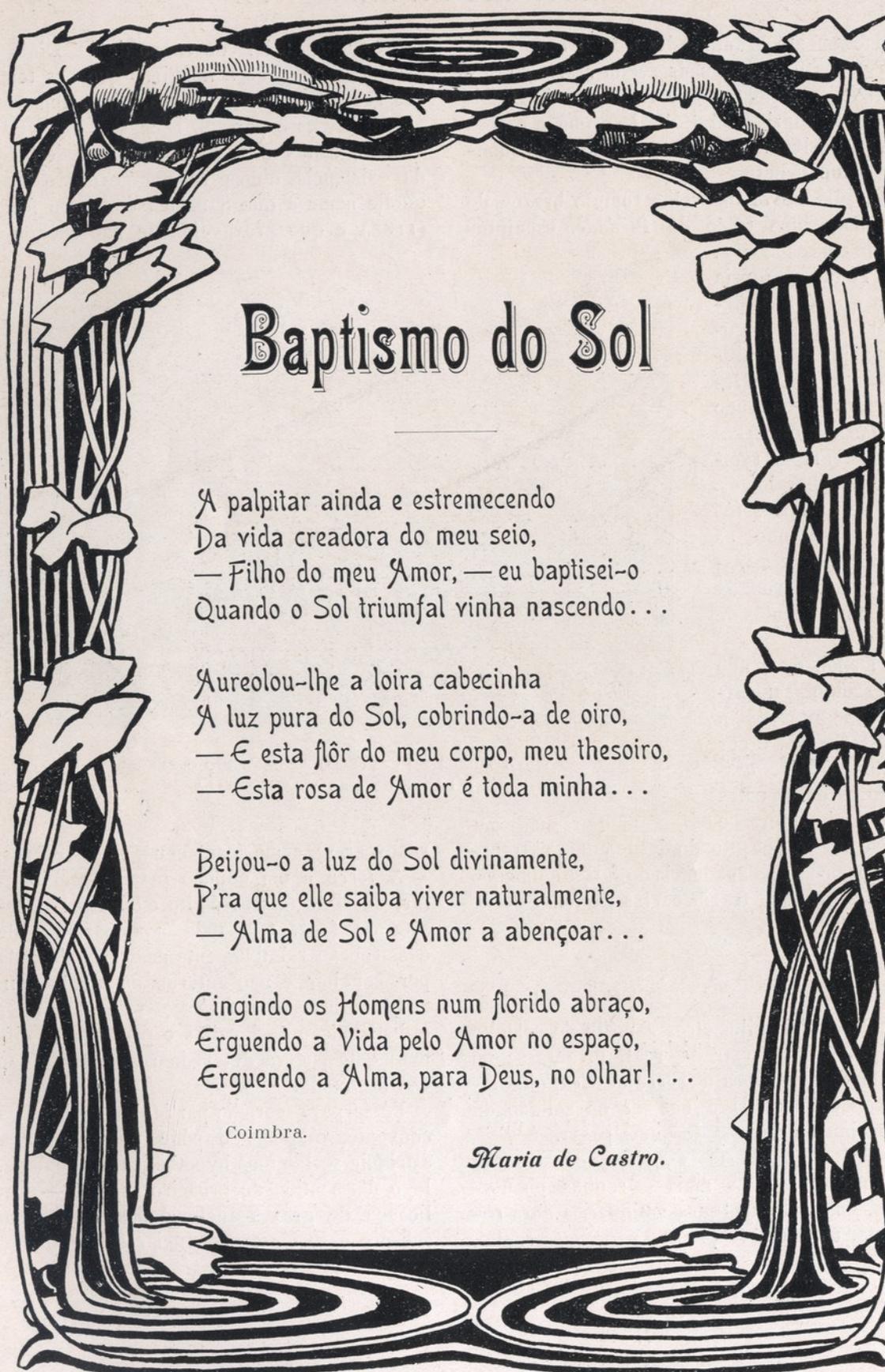
A *torre* é um edificio pesado, rectangular, de vinte metros d'alto e onze por dezeseite de face, tem toda a apparencia de construção relativamente moderna, deixada por concluir e não anterior ao seculo xvii.

E' curiosa pela disposição dos materiaes e distribuição de janellas e portas, mas difficilmente poderá determinar-se o fim a que era destinada.

Fôsse para moradia particular, celleiro ou convento, o que não pôde é continuar a attribuir-se-lhe uma hypothetica antiguidade, logo desmentida ao primeiro aspecto — com licença de graves auctoridades que possam sobre o caso vir a pronunciar-se.

(Clichés do sr. osé Henriques Pereira de Sousa.)

HIPPOLYTO RAPOSO.



Baptismo do Sol

A palpitar ainda e estremecendo
Da vida creadora do meu seio,
— Filho do meu Amor, — eu baptisei-o
Quando o Sol triumphal vinha nascendo. . .

Aureolou-lhe a loira cabecinha
A luz pura do Sol, cobrindo-a de ouro,
— E esta flôr do meu corpo, meu thesoiro,
— Esta rosa de Amor é toda minha. . .

Beijou-o a luz do Sol divinamente,
P'ra que elle saiba viver naturalmente,
— Alma de Sol e Amor a abençoar. . .

Cingindo os Homens num florido abraço,
Erguendo a Vida pelo Amor no espaço,
Erguendo a Alma, para Deus, no olhar! . . .

Coimbra.

Maria de Castro.

Bibliographia

Trinta e cinco annos de vida militar.

— O sr. barão das Lages (Luiz) publicou, com este titulo, uma biographia muito interessante e curiosa de seu avô, o primeiro barão das Lages. Contem subsidios valiosos para a historia militar do paiz.

No primeiro centenario de Alexandre Herculano.

— O sr. Gomes de Brito, um investigador e um escriptor conscienciosissimo, publicou no momento em que se commemorava o centenario do nosso grande historiador um livro com o titulo que serve de epigraphe a esta rapida noticia. E' uma biographia, sem a aridez d'essa ordem de publicações, largamente documentada, e que se lê com prazer e vantagem.

Individualidades. — N'uma elegante edição de 213 paginas acaba o sr. Henrique das Neves, de colleccionar uma porção de dados biographicos e anedotas de algumas das individualidades mais conhecidas do nosso paiz. E' um livro que se lê de um folego. De linguagem facil, cuidada, sem ser pretenciosa, o auctor faz desfilar por deante de nós figuras conhecidas e alguns traços da sua vida que nos encantam umas vezes, nos fazem sorrir outras e nos prendem e nos empolgam sempre.

Serão inquieto. — E' um delicioso livro de contos em que o seu auctor, Antonio Patrio, um novo cheio de qualidades e de faculdades, nos prende á sua prosa, ao vigor da sua exposição, aos paradoxos revo-

lucionarios e fulgurantemente imprevistos do seu dialogo. Não seria equitativo pôr em evidencia este conto mais do que aquelle, todos são eguaes pelo interesse que despertam e pelo fogo e simultaneamente humorismo que de lá resaltam, mas o intitulado *Suze* é um primor dessa impetuosa maneira de escrever e de encarar as coisas da vida, que só a juventude realiza.

Aonde? — E' um livro de versos de Eduardo Carvalho. O prologo é original, e o que vale mais, sentido e verdadeiro. Ha palavras ali, que talvez não agradem a muitos, mas que representam verdades como punhos, como é costume dizer-se. Os versos teem inspiração, são fluentes, de cadencia harmoniosa. Não concordamos com a intenção da maioria, mas... quem é que até aos vinte e cinco annos não tem escripto coisas semelhantes?

Dez contos em papel. — Um livro de contos de André Brun. Lê-se a correr, de sorriso nos labios, e fica-se com pena que termine tão depressa. André Brun tem graça, essa boa graça dos nossos antigos, que mordisca ao de leve alguma cutis mais mimosa, mas que não magôa nem offende. Ha por ali uma ou outra allusão inoffensiva, critica de costumes, de quando em quando uma nota sentimental, observação e bom humor em barda, referencias alegres, saudades d'outros tempos. E' um livro para o espirito como um copo de bom Champagne é para o corpo. Desanuvia-nos e sente-se com vontade de mais.

DEBILITADOS por **EXCESSOS**
de forças physicas e musculares,
pessoas excessivamente
NERVOSAS, curam-se completamente com a

Somatose

em pó ou liquida

(dôce ou secca)

Vende-se

nas pharmacias e drogarias



Senhoras em evidencia

Arte

A carta que, com a devida venia, abaixo transcrevemos, dirigida pelo insigne escultor Teixeira Lopes á sua discipula D. Ada da Cunha, vale por si só mais, do que a mais elogiosa biographia.

Ex.^{ma} Amiga e presada discipula

Dois mezes de descanso são muito necessarios, mas agora torna-se tambem necessario retomar os seus estudos, voltar ao trabalho bemdito que, só esse é capaz de nos conceder aquella felicidade e aquelle bem estar consolador que muitos não



D. ADA DA CUNHA

conhecem. Sabe com eu aprecio as suas aptidões para a escultura, estando d'ha muito convencido que tem diante de si um lindo futuro, em Portugal, onde poucas senhoras se entregam seria-

mente ás artes ou a sciencia. Tirando-as do assumpto «toilette» pouco mais as interessa na vida. Seja artista, mas seja-o a valer, entregue-se completamente, incondicionalmente a esse ideal, acci-



CABEÇA DE CRIANÇA

(Escultura da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ada da Cunha)

tando as rosas e os espinhos. São muitos esses espinhos, é verdade, e, como eu os conheço bem! Mas, minha Amiga, ha consolações e essas só a arte as póde dar. Trabalhe muito é sempre. Os trabalhos que tem feito são uma boa promessa. O busto d'El-Rei tem qualidades pouco vulgares, não obstante ser feito de photographias, tra-

balho sempre ingrato, que daria immensas difficuldades fosse a quem fosse. Os outros trabalhos em bronze e marmore tem un estylo que me agrada, sem «maneirismos», coisa detestavel em arte, principalmente na esculptura que é uma arte nobre entre todas. Devemos procurar a verdade; só o que tem a impressão da vida tem direito a atravessar os seculos, mas ha coisas que a esculptura não supporta.



INFANCIA DE JESUS

(Esculptura da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ada da Cunha)

Esperando vel-a breve no seu posto, animada para notas luctas, e mandando-lhe lembranças com muitos cumprimentos para sua Ex.^{ma} Mãe,

Amigo dedicado
(a) TEIXEIRA LOPES.

Gaja, 16 de junho de 1910.

Que artigo critico ou encomiastico vale a singeleza e a sinceridade d'esta carta!

No Velodromo



PARADA ESCOLAR DE 1:500 CRIANÇAS

Livros

Um temperamento complexo e completo de homem de letras, servido pela mais corajosa das tenacidades, por um amor ao trabalho que só vimos tão grande em Balzac, no grande Camillo e no sr. Theophilo Braga na sua primeira phase.

Poeta, dramaturgo, jornalista, critico e romancista, José Agostinho publicou agora em menos de tres mezes, tres obras: *Alexandre Herculano*, volume de critica em que a figura do *Solitario de Val de Lobos* ficou integrada no seu meio e na sua época, integralmente estudada portanto; *Eça de Queiros*, outro volume de critica que faz, como o primeiro, parte da serie *Os nossos escriptores*; e o poema *O Christo*.

Tendo isto segundas edições revistas, depuradas, mondadas, perfeitas.

Se estão nas segundas edições que mais é preciso dizer?



JOSÉ AGOSTINHO

Que nos desvanecemos em ver como José Agostinho do seu retrahimento vae abrindo a golpes de gloria o seu caminho na historia da litteratura portugueza, onde já hoje tem um incontestado e brilhante logar.

Lisboa Tragica, o novo livro de Albino Forjaz de Sampaio, accentua as bellas qualidades de observação, de estylo e de humorismo do

seu auctor. Espirito avido de impressões, interessando- e pelos que soffrem, zurzindo aqui e ali os fortes e os despotas, criticando sem mercê o que se lhe offerece digno d'isso, Albino Forjaz de Sampaio, tem sabido conquistar



ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

á custa de um real valor, de um trabalho intemerato, de um itinerario que elle marcou deante de si e do qual não se afasta uma linha, sejam quaes fôr os obstaculos que se lhe ergam na frente. Sob uma apparencia franzina e delicada, é um forte, uma individualidade.

Musica



D. ELVIRA LEITE

Esta senhora acaba de terminar o curso do Conservatorio com distincção.

Sanz Peña em Lisboa

Demorou-se alguns dias entre nós o sr. Sanz Peña, presidente eleito da Republica Argentina. Antigo ministro plenipotenciario do seu paiz em Italia, chamou-o o voto dos seus concidadãos a desempenhar a suprema magistratura da sua patria. Em Italia, em Hespanha, em todos os paizes que tem visitado receberam-no os governos e as populações com es-



O PRESIDENTE E O MINISTRO DA ARGENTINA

pecias demonstrações de affecto e de carinho. O mesmo succedeu em Portugal, cujas tradições de hospitalidade e de cavalheirismo devem ter deixado optima impressão no nosso illustre hospede.

Corrida de automoveis



UMA VOLTA DIFFICIL

A gravura representa um aspecto da corrida de rampa, realizada na Pimenteira em 10 de julho ultimo. Assistiram para mais de 30:000 espectadores, o que só por si prova o entusiasmo que o espectáculo despertou.

Lyceus de Lisboa

Terminou o anno letivo e com elle os trabalhos inherentes. Não ha duvida que o ensino secundario progrediu immenso entre nós. O que, não ha muitos annos, constituia uma tarefa obrigatoria, tida por fatigante, quasi um sacrificio, a que todos ou quasi todos se eximiam pelos meios ao seu alcance, representa hoje um attractivo, uma distracção intellectual, um dever agradavel de cumprir. Dos nossos estabelecimentos de ensino desapareceram a postura rígida o silencio affectado e severo, que recordava o claustro e a educação monas-



D. DOMITILLA DE CARVALHO

suas obrigações cívicas.

E' enorme, agigantado, o passo dado neste

ta, illustre official de marinha, lente da Escola Naval e reitor do lyceu *Passos Manuel*; do Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Joaquim de Oliveira, erudito bacharel em direito e em theologia e reitor do lyceu da *Lapa*, prestam homenagem a quatro individualidades, representantes de uma larga maioria do professorado portuguez, que tem sabido remodelar o ensino secundario em Portugal e que tem tomado a peito não só aprestar milhares de intelligencias para a lucta pela vida, mas ainda dar ao paiz cidadãos vigorosos, conscios das



DR. RUY TELLES PALHINHA



DR. ANTONIO JOAQUIM DE OLIVEIRA

tica. Surgiu em compensação a alegria franca, a expansão natural das creanças, o riso communicativo peculiar aos verdes annos. O professor não é já o tyranno antigo, o verdugo inimigo da gargalhada, a personificação do terror. Hoje é um amigo recebido com jubilo, um tutor espiritual cheio de bondade, um guia da educação do cerebro e da educação physica.

Os *Serões* publicando neste numero os retratos da Ex.^{ma} Sr.^a D. Domitilla de Carvalho, poetisa de raro talento, formada em tres faculdades e reitora do lyceu *Maria Pia*; do Ex.^{mo} Sr. Dr. Ruy Telles Palhinha, douto lente da Escola Polytechnica e reitor do lyceu *Camões*; do Ex.^{mo} Sr. Abel Fontoura da Cos-

sentido. Nunca, no nosso paiz, a celebre maxima de Juvenal, tantas vezes evocada: *Mens sana in corpore sano*, adquiriu tamanho culto. A Inglaterra e a Alemanha, para não citar outras nações, devem a melhor parte do seu poderio moral e do seu desenvolvimento material á robustez que os educadores dessas raças souberam fazer adquirir aos seus filhos. Se cerebros bem educados constituem o orgulho e a esperanca de um povo, a sua resistencia physica, a confiança na sua força, representam um penhor seguro da sua autonomia politica.

O lemma actual das potencias é a *paz armada* e presentemente não se póde armar melhor um povo do que educando-o.



ABEL FONTOURA DA COSTA

Ensino feminino



D. DEOLINDA NOGUEIRA DOS REIS

Numa festa, e por signal bem sympathica e brilhante, effectuada no lyceu *Maria Pia* no dia 8 de maio do corrente anno, entre outros numeros de um programma escrupulosamente organizado e entusiasticamente cumprido, houve duas palestras interessantissimas. Realizou uma a Ex.^{ma} Sr.^a D. Deolinda Nogueira dos Reis, alumna da quinta classe do referido



D. ISABEL MARIA FLORES VILLAR

lyceu, e outra a Ex.^{ma} Sr.^a D. Isabel Maria Flores Villar, alumna da quarta classe. A primeira teve por thema *Uma visita escolar*, a segunda *Sparta e Athenas*. Ambas revelaram estudo aturado, dicção facil, elaboração cuidadosa e, acima de tudo, um aproveitamento que deve orgulhar os seus professores.

Sciencia



APPARELHO PARA TIRAR PHOTOGRAPHIAS DOS ASTROS

Festa militar

Foi das mais sympathicas e imponentes a festa realizada no regimento de cavallaria 2 por occasião do juramento de bandeiras prestado pelos recrutas. Assistiu á cerimonia el-rei. O regimento ouviu missa no mosteiro dos Jeronymos. Em seguida á missa el-rei tomou



NOS JERONYMOS

o commando do corpo, dirigindo-se para o quartel onde se effectuou a solemidade militar. Após a formatura, revista, etc., foi offerecido um magnifico almoço aos officiaes, aos officiaes inferiores e melhoradas consideravelmente as refeições das praças.

Chronica da moda

A chegada do mez de agosto e a debandada para as praias — A belleza dos tecidos de verão — Pequenos «nadas» que affirmam a mulher «chic» — A obrigação que toda a mulher tem de ser bella — A estética acima de tudo — A simplicidade da mulher elegante é o seu maior encanto — O caminho para attenuar as modas actuaes — As elegantes na expectativa — Os tecidos de lan como novidade — O successo extraordinario das tunicas — Os manteaux — As charlottes, tomando culto colossal — As flores dos chapéus — Os penteados — As perolas como rainhas da época — O azul tornou-se a côr predilecta desta estação — As «écharpes», etc.

Chegou o mez de agosto e com elle a excessiva temperatura que favorece o desabrochar das flores, não menos brilhantes e vistosas do que as verdadeiras flores com vida, que são as *toilettes* femininas, *toilettes* claras, deslumbrantes de côr e de frescura, vaporosas, harmonisadas com o doce azul das naves grandiosas dos espaços e com os effluvios vagos dos perfumados roseirae em flôr...

E' o momento da debandada, a época de se animarem as nossas lindas e pittorescas praias, attrahindo para ellas uma multidão de banhistas entre a qual se vê a mais brilhante sociedade feminina do nosso querido paiz. Será pois em Cascaes, a praia por excellencia mais elegante e animada, ou na Figueira, sem contestação a mais movimentada e concorrida e ainda em tantas outras que as nossas lindas senhoras portuguezas terão occasião de brilhar, mostrando todos os requintes da sua suprema elegancia, em *toilettes* esmeradamente confeccionadas com esses admiraveis e bellissimos tecidos que a estação de verão nos trouxe como as mais extraordinarias novidades.

Em todas as nossas chronicas de verão temos fallado sobre este delicado assumpto, levando a nossa audacia a dar ás leitoras conselhos (sem nol-os pedirem) de pessoa verdadeiramente e amiga.

Nas poucas festas e divertimentos mundanos, que ultimamente tem havido, temos feito um pequeno estudo psicologico da moda nas mulheres bonitas e nas... feias, occupando-nos um pouco menos das ultimas, é claro...

Em Portugal já se veste muito bem, havendo um grande numero de senhoras que em toda a parte do mundo seriam consideradas verdadeiras elegantes e que no seu *porte* esbelto, nas suas figuras esculpturaes, fazem realçar o bom gosto dos modelos escolhidos e o *raffinement* dos tecidos e das suas guarnições!

E' em todos estes pequeninos nadas que se define e se affirma a mulher *ultra-chic*.

Veste no rigor da ultima moda! *le dernier cri* é finamente aproveitado por ella, maravilhosamente posto em pratica, affastando de si o exagero ridiculo e improprio da mulher verdadeiramente elegante.

Qual será o principal cuidado, o supremo ideal da mulher elegante? Incontestavelmente

tornar-se bella, quando mesmo o não seja, para despertar não só a admiração dos homens, mas tambem, na sua *méchanceté*, a inveja fatal e tormentosa das feias...

Teem pois, minhas queridas e gentis leitoras, que procurar esconder algum pequenino defeito physico, harmonisando-o com a moda e fazer sobresahir a gentil figurinha, sem *arrebiques* que as torne desgraciosas. A primeira qualidade da mulher mundana é ser bonita e ter a elegancia natural que a caracteriza, sem affectação nem artificios nos seus gestos e nas suas palavras.

A simplicidade graciosa da mulher traduz-se em todos os seus movimentos e é o seu maior encanto...

Não ha nada peor que a *bisbilhotice* dum chronista de modas, quando começa a divagar... O nosso desejo seria conversar dilatadamente com V. Ex.^{as} e dizer-lhes ainda mais das muitas opiniões que temos acêrca das modas em geral, mas o tempo é pouco, o espaço escasseia e os assumptos a que precisamos referir-nos não nos deixam soltar as azas doiradas a todas as nossas phantasias...

Segundo dizem, e é opinião dos grandes mestres na arte de vestir, estamos muito perto, não direi duma reacção, (a palavra parece talvez um pouco grave para aqui), mas de uma attenuação nas modas actuaes. Sopra uma aragem de conciliação sobre os themas conhecidos e as variações muito reveladoras de que em breve espaço de tempo haverá umas modificações muito razoaveis e de extraordinarios effeitos.

Reina uma anciedade inexplicavel nos grandes centros da moda, e a expectativa absorve os espiritos das nossas elegantes mundanas.

O que podemos affiançar desde já é que a *silhouette* das nossas lindas mulheres portuguezas terá tudo a lucrar.

Por emquanto nada mais poderemos adiantar... Não nos é permittido revelar segredos, não diremos de estado... mas segredos elegantes, sensacionaes, cheios de novidade e de encanto...

Os tecidos de lan constituem nesta estação uma verdadeira novidade. Ha já alguns annos que estavam postos de parte, reaparecendo agora com todo o *entrain*.

Fazem-se elegantissimas *toilettes* ligeiras, para manhan, passeios de campo e beira-mar.

Continuam as lindas tunicas (e o seu successo é admiravel!) em rendas verdadeiras de Irlanda e mousselines de sedas, — a segunda velando muitas vezes a primeira, — *raffinement* exquisito, quando esta é preciosa. Uma e outra repousam sobre uma saia de crepe da China ou *liberty*, moderadamente estofada e em geral de uma côr muito viva. O preto sobre o verde claro, obtem um effeito lindo e desuzado, sobre

tudo, para as mulheres loiras, porque as torna singularmente bellas, pondo-as em destaque.

Uma surpresa feliz: — os *manteaux* voltam este anno a ter uma grande voga! Não nos referimos, bem entendido, aos *manteaux* de noite, mas áquelles de que nós estavamos privadas ha tanto tempo e que tão indispensaveis se tornam nas tardes frescas de outomno, quando o sol desaparece, fazendo-nos sentir um *frisson* desagradavel nos hombros.

Estes *manteaux* de dia não existiam.

Vêl-os agora reaparecer, quer como agasalhos praticos, quer como simples adornos de luxo, conforme o uso ao qual se destinam, é uma novidade que nos alegra pela elegancia e conforto que offerecem numa estação traiçoeira de temperatura desigual.

Aconselhamos ás nossas gentis leitoras que adoptem esta *sympathica* moda, que tambem é hygienica ao mesmo tempo, juntando assim o util ao agradável. Com um bocado de panno inglês, leve e quente, duma certa resistencia, faz-se um longo *manteaux* redingote, largo, amplo, apertado apenas na cintura por *une patte* como, os modernos *pardessus* dos homens.

São duma elegancia invulgar no genero, simples e excellentes tambem para viagens. Se porém se deseja mais *habillé* e mais rico, pôde fazer-se e executar este mesmo modelo em *liberty preto*, guarnecido com *revers de taffetà*.

Obteem-se assim tons deliciosos. Os mais

bonitos talvez e que o rigor da moda especialisa em todo o caso, approximam-se sobretudo dos tons antigos. Os fundos em côres apagadas, sem brilho, quasi mortos, com largas barras de sedas *pompadour*, teem um *chic* particular para os verdadeiros *manteaux d'apres-midi*.

Temos tambem como triumpho o *manteaux* japonéz, o qual pôde ser igualmente usado de dia e á noite.

Como já tivemos occasião de dizer, as côres preferidas para dia são côres apagadas, mas em compensação as de noite escolhem-se muito vivas e brilhantes, guarnecidas de lindas applicações, borlas, franjas, galões dourados e prateados, etc. Estes *manteaux* fazem-se particularmente apertados em baixo.

No emtanto daremos um conselho pratico, que vem a ser, deixar-lhes largura rasoavel, para não nos prenderem os movimentos, o que muito contribue para os tornar assim mais elegantes.



UM LINDO TRAJE DE CAMPO
Ultimo figurino de Londres

A ultima moda das *charlottes* estreitas e altas toma um vulto verdadeiramente collosal. Fazem-se tão altas e tão e treitas, assemelhando-se, com os seus enfeites esvoaçando e os seus *cocards* de flores, aos bonets *à la citoyenne* que fizeram tanto furor no tempo da Convenção.

São elegantissimos e verdadeiramente os chapéus *chics* para casino. Não se poderão usar com vestidos muito

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

ligeiros e seria perfeitamente ridiculo acompanhando costumes *trotteurs*.

As flores dos campos sobre as *capelines* de Italia como que *s'epanouissent...* Os botões d'ouro, os *bluets*, as lindas margaridas, tanto da nossa predilecção, e as espigas naturaes põem sobre os largos chapéus, que apenas são guardados duma tira de velludo preto em volta da côpa, uma nota gentilmente bucolica...

Vêem-se tambem grupos de *bouquets* d'iris palidos, amarelos ou brancos e as tulipas maravilhosas, es as bellas tulipas arrendadas, em tons vivos e brilhantes que triumpham em toda a linha.

Os penteados desgraciosos que até aqui tem predominado parecem entrar num periodo mais feliz. *O calot* desaparece a pouco e pouco. O penteado grego, com todos os seus *chis-chis* ligeiros e leves continua a usar-se, assim como os classicos *bandós*, emoldurando os lindos rostos das nossas leitoras.

Para a noite e sobre os *bandós* ligeiramente ondulados, usam-se fios de perolas. São estas verdadeiramente as rainhas da occasião, usando-se de diferentes e encantadoras maneiras: nos cabellos, em collares, nos hombros e mesmo até servindo de pulseiras!

O azul continúa sendo a côr predilecta em todos os variadissimos tons, desde o azul *marino* ao azul *nilo* e para todas as *toilettes*.

Muito praticas e egualmente confortaveis e commodas são as *écharpes* em setim *liberty*. A difficuldade consiste na escolha das côres e nos tons; mas temos fé no bom gosto das nossas leitoras, que realizarão maravilhas de graça delicada na escolha deste interessante detalhe, que tanto completa uma *toilette* elegante e *chic*.

Theatros

Trindade. — Assignalou a companhia do theatro Carlos Alberto, do Porto, mais um triumpho á conhecida e apreciada operetta, *Viuva Alegre*, cuja musica de Franz Lear, o publico não se cansa de applaudir. A ella largamente nos referimos já, quando levada á scena pela companhia Taveira, sendo nessa occasião, a protagonista desempenhada pela sr.^a Etelvina Serra, que, diga-se de passagem, a sua voz, ainda que de timbre agradável, não possui o volume necessario para bem cumprir as exigências da partitura. Se a composição musical da *Viuva Alegre* não encerra grandes exercicios de vocalisação, requer comtudo, vozes malleaveis e de apreciavel volume no registo medio para pôr a claro o relevo que exige a sua inspirada melodia; e são precisamente estes requisitos, que a sr.^a Delphina Vi-

ctor possui e tornou agradável a audição da musica de Lear pela companhia do Carlos Alberto.

Na parte de canto merece tambem uma referencia o actor Antonio Vivas, que se distinguio no papel de *Roussillon*. Compozeram o bom conjuncto que a peça teve, os artistas, Duarte, Albertina d'Oliveira, Jayme Silva, Mattos e Elvira de Jesus.

D'esta operetta passou Portulez, empresario da companhia, para a antiquissima peça phantastica, *A gata borralheira*, com o novo titulo, *O chapim de crystal*, que ha uns bons quarenta e tantos annos, fez as delicias dos nossos paes. Foi um successo nessa época, e apesar dos seus cabellos brancos, ainda hoje consegue agradar a novos e velhos, muito principalmente, quando é bem posta em scena, como succedeu agora. As apotheoses, muito em especial, a do 2.^o acto, são de magnifico effeito, e ha mesmo em toda a peça bastante espirito sem recorrer aos ditos equívocos, tão de uso ao presente.

Coube ao actor Gomes, a personagem grotesca do *Rei Hilarião* 6.^o, outr'ora desempenhada por Izidoro e depois por Alfredo de Carvalho, merecendo os elogios da imprensa e os applausos do publico.

Primorosa a encenação de E. Portulez.

Gymnasio. — Com um novo quadro, seguiu viagem por mais umas noites, a revista *Arco da Velha*, dos srs. Xavier da Silva e João Bastos, dando casas regulares.

Avenida. — A troupe Rentini, depois d'uma *tournee* pelas provincias, voltou ao theatro Avenida, onde tem dado algumas recitas com as sempre queridas operettas, *Viuva Alegre* e *Sonho de Valsa*, não sendo regateados applausos a Rentini, Leopoldo Froes e Barreiros.

Rua dos Condes. — Não teve o acolhimento que era para desejar, a operetta de costumes portuguezes, original do dr. Mario Monteiro e para a qual o maestro sr. Philippe Duarte compoz uma musica muito linda. Ultimamente apenas Gervasio Lobato e João da Camara conseguiram fazer vingar a operetta portugueza, genero onde muitos teem naufragado. A peça, *O sr. Doutor*, a que nos referimos, possui a par d'alguns defeitos, algumas qualidades, que o dr. Mario Monteiro, em futuros trabalhos, crêmos, conseguirá pôr mais a relevo.

Colyseu dos Recreios. — O campeonato internacional de lucta no *ring* do Colyseu, constituiu, porém, o *clou* das novidades theatraes nesta época que abrange o nosso *magazine*, demonstrando o publico em todas as sessões, um extraordinario entusiasmo, chegando a haver varias discussões, mais ou menos acaloradas, entre diversos espectadores.

Dos mais interessantes combates, citaremos os realisados por Deriaz e Rank; Wonders e Rabasson; Jackson e Paulsen; Roland e Breitenback; Apollon e Reutter; Fouson e Roland; Orlando e Celestin Moret, etc., a que

se seguiram e se entrelaçaram outros, em que figuravam estes mesmos luctadores, sendo os resultados a contento de gregos e troianos, com uns segundos a mais ou a menos, e, ora uma *cintura de lado*, ora uma de *frente*, tudo na melhor harmonia e a satisfazer todos os paladares. E para que não faltasse o excitante por excellência d'estes espectaculos, se effectuaram tambem diversos *matches de box*, que alegraram uns, impressionaram outros, dando logar ás duas correntes, uma de applausos, outra de protestos. Vamos pela segunda, que nos desculpem os amadores do espectaculo, de dois homens com os olhos in-

chados, deitando sangue pela bocca e pelo nariz, fóra as lesões internas que poderão occasionar um sôco no peito ou no estomago, combates estes, como o que ha pouco se travou entre os campeões de *box*, Jim Jeffries e Jack Johnson, conhecido pelo terrivel *boxeur* da raça negra!

H. O.

Caldas da Rainha

Na estrada que das Caldas da Rainha vae para Rio Maior, a cerca de um kilometro, pas-

sado o logar dos Vidaes, do lado norte da estrada, e na charneca, existe n'um monticulo o arco que hoje reproduzimos. Parece que esse arco marcava a estrada ou começo dos contos do convento de Alcobça. Este arco tem em cima a estatua de D. Affonso Henriques, e na meia canna do arco, um letreiro que diz: «O santo rei D. Affonso-Henriques, fundador de Alcobça». A gente das visinhanças chama ao monumento *O rei da memoria*.

A photographia, que reproduzimos, foi-nos amavelmente offerecida pelo sr. commendador Jorge de Lima.



O REI DA MEMORIA

**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.





Marcha

Funebre

DE



Fr. Chopin



Marcha funebre

Fr. Chopin.

Andante cantabile.

dolce

cresc.

pp

1. 2.